



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - POSEDUC
LINHA DE PESQUISA - FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE**

AYLLANA ARAUJO PINTO TAVARES

**SIGNIFICAÇÕES DE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO: A MEDIAÇÃO DA
ESCOLA NA CONSTITUIÇÃO DA PERSPECTIVA DE FUTURO**

**MOSSORÓ - RN
2018**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - POSEDUC
LINHA DE PESQUISA - FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE**

AYLLANA ARAUJO PINTO TAVARES

**SIGNIFICAÇÕES DE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO: A MEDIAÇÃO DA
ESCOLA NA CONSTITUIÇÃO DA PERSPECTIVA DE FUTURO**

**MOSSORÓ - RN
2018**

AYLLANA ARAUJO PINTO TAVARES

**SIGNIFICAÇÕES DE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO: A MEDIAÇÃO DA
ESCOLA NA CONSTITUIÇÃO DA PERSPECTIVA DE FUTURO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares

**MOSSORÓ - RN
2018**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

T231s Tavares, Ayllana Araujo Pinto
SIGNIFICAÇÕES DE ADOLESCENTES DO ENSINO
MÉDIO: A MEDIAÇÃO DA ESCOLA NA CONSTITUIÇÃO
DA PERSPECTIVA DE FUTURO. / Ayllana Araujo Pinto
Tavares. - Mossoró-RN, 2018.
184p.

Orientador(a): Prof. Dr. Julio Ribeiro Soares.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Perspectiva de futuro. 2. Adolescentes. 3. Mediação
escolar. 4. Psicologia Sócio-Histórica. I. Soares, Julio
Ribeiro. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

A dissertação **SIGNIFICAÇÕES DE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO: A MEDIAÇÃO DA ESCOLA NA CONSTITUIÇÃO DA PERSPECTIVA DE FUTURO**, de autoria de **AYLLANA ARAUJO PINTO TAVARES**, foi submetida à Banca Examinadora, constituída pelo **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - POSEDUC**, como requisito parcial necessário à obtenção do grau de Mestre em Ensino, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Dissertação defendida e aprovada em _____ de _____ de 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares (Orientador)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof^a Dr^a Maria Vilani Cosme de Carvalho (Titular Externa)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Prof^a Dr^a Francisca Maria de Souza Ramos Lopes (Titular Interna)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Quero falar de uma coisa
adivinha onde ela anda?
deve estar dentro do peito
ou caminha pelo ar
pode estar aqui do lado
bem mais perto que pensamos
a folha da juventude
é o nome certo desse amor
(...)
Coração de estudante
há que se cuidar da vida
há que se cuidar do mundo
tomar conta da amizade
alegria e muito sonho
espalhados no caminho
verde: plantas e sentimento
folhas, coração, juventude e fé.

Milton Nascimento e Wagner Tiso
"Coração de estudante"

Dedico este trabalho a Rafael Cosme Tavares, meu esposo, pelo significado da sua existência na minha vida, por ser companheiro, paciente, cúmplice e, principalmente, por ter cumprido o papel de maior incentivador e idealizador da profissional que me tornei. A você, todo meu amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas a quem preciso agradecer, foram muitos os que contribuíram para que eu alcançasse meu objetivo. Vou tentar expressar um pouco da minha gratidão, mas sei que será impossível fazer isso aqui, pelo tamanho do significado que essas pessoas representam na minha vida pessoal e na minha trajetória formativa.

Começo agradecendo a Deus, meu guia, que me guarda, me protege, me fortalece. Sempre cuidando de mim e fazendo com que eu cresça como profissional e como ser humano.

Não posso deixar de agradecer a Santa Teresinha, que intercede por mim diretamente desde o dia que passei a sentir o seu amor. Ela que zela por mim onde quer que eu esteja, que me abençoa, que me ensinou que o verdadeiro amor supera tudo, pode tudo, vence tudo, e que é preciso amar o que fazemos.

Emocionada, agradeço, de forma muito especial, ao meu pai, meu amor para a vida toda. Que foi meu porto seguro, meu aconchego; que me ensinou que o diálogo sempre resolve tudo. Suas sábias palavras me constituíram significativamente como filha, mulher e esposa.

A minha mãe, exemplo de força e coragem, agradeço pelo cuidado de sempre, em especial no percurso do mestrado. Sua atenção sempre presente em preparar meu almoço e meu jantar, por toda paciência comigo, pela preocupação por todas as vezes que, vindo de Angicos, saí de sua casa após o almoço tendo que ir direto para a aula em Mossoró. Obrigada, minha mãe, por todas as recomendações, por todas as orações, tudo valeu a pena.

Agradeço a todos os meus familiares, mais próximos: a tia Paula, tio Faustino, Rayelle, Rayanne, Robinho, Dayane por compreenderem as minhas ausências.

Ao Professor Dr. Júlio Ribeiro Soares, meu orientador. Uma das pessoas mais difíceis de agradecer, talvez porque dizer apenas “obrigada por tudo” seja pouco. Um ser humano tão especial, sem dúvidas a pessoa mais educada que conheci; de uma paciência inigualável, seu jeito cuidadoso de dizer que eu precisava melhorar, que eu precisava me dedicar mais, até parecia um elogio. Você contribuiu para a construção de um pensamento realizado sob a forma de um trabalho de pesquisa e construiu em mim uma nova historicidade, constituída ao longo desses dois anos de aprendizagem. Muito obrigada por sua paciência e pelas contribuições valiosíssimas.

Agradeço de coração a Professora Dr^a Francisca Maria de Souza Ramos Lopes. Mulher guerreira, inteligente, radiante, corajosa, feliz, que a cada encontro deixa um pouco de si em mim. Batalhadora por todos os seus desejos e sonhos, admirável, incansável, maravilhosa, linda em todos os sentidos. Agradeço por toda ajuda e

apoio aos meus estudos pelo tempo em que estava como Secretária de Educação do Município de Angicos, por todos os conselhos na sua calçada, por todas as palavras sábias nos encontros nas ruas, por aceitar participar da minha banca de defesa e contribuir para o enriquecimento do meu trabalho.

As amigas e amigos que tanto me ajudaram nesse percurso formativo, Gislayne, Hemausa, Márcia, Verônica, Edione, Rayssa, Betinha, Evandro, Evanio meu muito obrigada. Contudo preciso destacar uma amiga que significou muito durante todo esse processo, que sempre esteve presente em todos os momentos, que compartilhou comigo momentos felizes e angustiantes, a você minha amiga, Bruna, todo meu respeito e meu muito obrigada pelos risos, por ser companheira e parceira em todos os momentos.

Agradeço às Professoras Dr^a Silvia, a quem carinhosamente chamamos de Silvinha, e à professora Dr^a Elza pelas contribuições em sala de aula.

Agradeço ao GEPES, que de forma muito importante contribuiu com minha pesquisa com discussões riquíssimas sobre a abordagem sócio-histórica, pelos encontros permeados de conhecimento e sempre muito aconchegantes.

Não posso esquecer-me de agradecer aos Juízes da Comarca de Ipanguaçu, nas pessoas do Dr. Francisco Pereira Rocha Júnior e do Dr. Rafael Barros Tomaz do Nascimento, como também ao chefe de secretaria, Maurício Miranda. Se não fosse pela compreensão deles, tudo teria sido muito mais difícil. Agradeço imensamente por entenderem e negociarem minhas ausências no expediente. A vocês minha gratidão e meu respeito.

Aos Adolescentes, por terem aceitado participarem, de forma voluntária, da minha pesquisa, bem como a direção da escola por ceder o espaço para nossos encontros.

A Rafael Cosme Tavares, meu esposo amado. O grande incentivador da profissional que me tornei; quem sempre me direcionou para o caminho dos estudos, para o meu crescimento intelectual, para minha independência, que sempre me apoiou, que é meu parceiro, meu cúmplice, meu amor. A ele, meu muito obrigada.

RESUMO

Na atualidade, o tema perspectiva de futuro de adolescentes tem ocupado espaço no cenário da pesquisa na área das ciências humanas, como a Pedagogia e a Psicologia da Educação. Ao mesmo tempo, porém, em que tem aumentado de forma significativa a compreensão acerca de algumas questões concernentes a esse tema, não encontramos pesquisas que tratem sobre as significações dos adolescentes sobre suas perspectivas de futuro mediadas pela escola. Dessa forma, com base na questão acima enunciada, nosso objetivo geral, neste trabalho, consiste em apreender as significações de adolescentes que estão no ensino médio, acerca da mediação da escola sobre suas perspectivas de futuro. O trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo referencial teórico-metodológico utilizado foi a Psicologia Sócio-Histórica. Concerne em uma pesquisa realizada com nove sujeitos, que estão cursando o ensino médio e que estão na faixa etária da adolescência. A obtenção das informações junto aos sujeitos se deu a partir do uso do Grupo Focal e a análise dessas informações foi realizada a partir da proposta dos Núcleos de Significação, resultando na sistematização de três núcleos de significação, como via de aproximação às significações que configuram os jovens/adolescentes da nossa pesquisa no processo de apreensão das significações de suas perspectivas de futuro. Destaquemos os núcleos de significação: Perspectiva de futuro e realidade; Sentimentos em relação à escola; Perspectiva de futuro mediada por tensões sociais e familiares. No que se refere às considerações finais, um aspecto a ser destacado é o modo pelo qual os sujeitos, a partir de suas realidades e de suas vivências, pensam suas perspectivas de futuro, de modo que seus desejos sejam alcançados. Os adolescentes percebem a escola como mediadora desse processo de construção não só de conhecimento, mas de formação humanizadora do ser humano e, por isso, destacamos o papel fundamental da mediação escolar na construção acerca da perspectiva de futuro dos adolescentes.

Palavras-chave: Perspectiva de futuro; adolescentes; Mediação escolar; Psicologia Sócio-Histórica.

ABSTRACT

Currently, the theme of the future of adolescents has occupied space in the scenario of research in the area of human sciences, such as Pedagogy and Educational Psychology. At the same time, however, in which there has been a significant increase in the understanding of some issues related to this subject, we do not find research that deals with the meanings of the youth/adolescents about their future mediated by the school. Thus, based on the above question, our general objective, in this work, is to understand the meanings of youngsters who are in high school, about the mediation of the school about its future prospects. The work is a qualitative research, whose theoretical-methodological reference used was Socio-Historical Psychology. Concerned in a research conducted with nine subjects, who are attending high school and who are in the age group of adolescence and youth, so we call the subjects as young/adolescents. The information obtained from the subjects was based on the use of the Focal Group and the analysis of this information was carried out based on the proposal of the Nucleus of Significance, resulting in the systematization of three nuclei of signification, as a way of approaching the meanings that shape the adolescents from our research in the process of apprehending the meanings of their future prospects. Highlight the nuclei of meaning: Perspective of future and reality; Feelings about school; Perspective of the future mediated by social and family tensions. Regarding the final considerations, one aspect to be highlighted is the way in which subjects, from their realities and their experiences, think their future perspectives, so that their desires are reached. Young people perceive the school as mediator of this process of building not only knowledge, but humanizing formation of the human being and, therefore, we emphasize the fundamental role of school mediation in the construction about the perspective of the future of adolescents.

Keywords: Future perspective; adolescents; School mediation; Socio-Historical Psychology.

SUMÁRIO

HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO: AS CONSTITUIÇÕES DA PESQUISADORA	11
INTRODUÇÃO	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA: A PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA	19
2.1 Concepção de homem	23
2.2 Mediação	26
2.3 Historicidade	28
2.4 Atividade	30
2.5 Pensamento e linguagem	33
2.6 As significações	35
3 O ADOLESCENTE E A SÓCIO-HISTÓRICA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	38
3.1 Adolescentes: da naturalização à Sócio-Histórica	43
3.2 Perspectiva de futuro e escolarização: compreendendo esta relação	49
3.3 Adolescentes e escola	55
3.4 Adolescentes: perspectiva de futuro e orientação profissional	58
4 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA	66
4.1 A questão do método	66
4.2 Procedimento metodológico: grupo focal	70
4.3 Procedimentos de análise e interpretação de dados: os núcleos de significação	76
4.4 Campo de pesquisa	78
4.5 Sujeitos pesquisados	80
5 O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DOS PRÉ-INDICADORES E A CONSTITUIÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO	82
5.1 Quadro de constituição dos Núcleos de Significação e seus respectivos Indicadores Aglutinados	84
5.2 Quadro de constituição do Núcleo de Significação: Perspectiva de Futuro e Realidade	85
5.3 Quadro de constituição do Núcleo de Significação: Sentimentos em Relação à Escola	87

5.4 Quadro de constituição do Núcleo de Significação: Perspectiva de Futuro Mediada por Tensões Sociais e Familiares	91
6 COMPREENDENDO AS SIGNIFICAÇÕES DOS ADOLESCENTES ACERCA DE SUAS PERSPECTIVAS DE FUTURO: O MOVIMENTO DE ANÁLISE DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO	95
6.1 Núcleo de Significação 1 – Perspectiva de Futuro e Realidade	96
6.2 Núcleo de Significação 2 – Sentimentos em Relação à Escola	105
6.3 Núcleo de Significação 3 – Perspectiva de Futuro Mediada por Tensões Sociais e Familiares	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	135
ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL, REALIZADO EM 14 DE SETEMBRO DE 2017, NA ESCOLA <i>SISTEMA SOLAR</i>	140
ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL, REALIZADO EM 02 DE NOVEMBRO DE 2017, NA ESCOLA <i>SISTEMA SOLAR</i>	166
ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL, REALIZADO EM 05 DE JANEIRO DE 2018, NA ESCOLA <i>SISTEMA SOLAR</i>	172

HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO: AS CONSTITUIÇÕES DA PESQUISADORA

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”

Nelson Mandela

Existem fatos que acontecem nas nossas vidas, cujo sentido só entendemos quando eles já não estão mais presentes. Digo isso porque depois de algumas experiências vivenciadas me encontrei como profissional da área de educação.

Há algumas situações que surgem mesmo quando não as programamos e de repente mudam nosso pensamento, nosso eu. Como católica apostólica romana praticante acredito que Deus nos guia por caminhos os quais, muitas vezes, não entendemos, mas que depois percebemos que foi o melhor percurso para seguir. E algo que antes parecia não ter sentido, passa a ser sua causa, seu projeto de vida.

Contudo, é necessário voltar no tempo, contando meu percurso de vivências até o momento em que me encontro com o meu projeto de pesquisa e destacar alguns fatos importantes. Concluí minha graduação em Pedagogia no Campus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão, em Açu-RN, no ano de 2013. Mas, antes de concluir a licenciatura, ainda no sétimo período, iniciei uma especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, sob influência de um professor do Campus da UERN, que coordenava o Curso de Pós-graduação em outra instituição de ensino.

Um pouco antes de iniciar a graduação, é importante destacar que fui auxiliar em uma sala de aula da Educação Infantil, por mais ou menos quatro anos. A experiência foi riquíssima, tanto que me fez decidir pelo Curso de Pedagogia. Contudo, não me sentia realizada, mesmo cursando Pedagogia, anos depois, ainda não havia me encontrado na profissão que me faria sentir satisfação.

Pouco tempo depois de concluir a Licenciatura em Pedagogia, também recebi o certificado com o título de especialista. Foi então que recebi o convite para ministrar aulas em uma escola técnica para alunos que tinham entre 18 e 29 anos de idade – o convite surgiu pelo fato de eu ter o diploma de técnica em segurança do

trabalho. Pouco tempo depois, fui convidada para assumir a coordenação pedagógica dessa escola técnica e ao mesmo tempo ingressei no Serviço Nacional de Aprendizagem Social (SENAC), ministrando aulas pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), nas disciplinas pedagógicas.

Tudo era muito novo e eu estava encantada pelo ensino técnico, pois, até o momento, minha experiência se resumia a ministrar aulas para crianças de 3 a 5 anos de idade. Eu sentia que precisava estudar mais, meus alunos questionavam mais, me cobravam mais, estava sendo uma vivência riquíssima e de muita produção de conhecimento. Estava impressionada com o ramo de trabalho que a pedagogia me proporcionou, pois ainda hoje o senso comum propaga que ser pedagogo é somente ensinar a crianças.

Um dia, aquele mesmo professor motivador, citado anteriormente, me falou de um edital, que o Departamento de Pedagogia, na UERN, havia publicado com a necessidade de um professor substituto. Mas, se aprovada, eu teria que deixar a escola técnica, onde era coordenadora pedagógica, pela incompatibilidade de horários. Fiz a seleção e para minha surpresa fui aprovada. Trabalhei por um ano no Campus onde me formei e isso foi maravilhoso.

Com essa vivência pude ter a certeza de que a experiência de ser professora da Educação Infantil me constituiu significativamente como um ser humano. Contudo, o ramo da pedagogia com o qual me identifiquei na atuação profissional não seria esse. Ser professora no ensino superior construiu em mim um desejo de voltar a estudar, de me especializar, de construir novos pensamentos a partir de diálogos e discussões. Adorava os questionamentos, os debates permeados de conhecimento com os quais eu me identificava muito bem.

O ano terminou, meu contrato na UERN se encerrou e com ele o contrato do SENAC também. Tudo foi intenso e suficiente para eu me sentir como uma profissional, cujo conhecimento contribuiu com a sociedade de forma construtiva e satisfatória. Pouco tempo depois fui convidada, por uma instituição privada, para assumir uma sala de aula do 4º ano, mas recusei. Naquela fase eu já havia decidido com que público gostaria de trabalhar e de forma que eu pudesse dar o melhor de mim. Uma semana depois a mesma escola me convidou para assumir a orientação educacional no ensino médio, o que aceitei.

Preciso ressaltar que o desejo de voltar ao ensino superior ou ao ensino técnico não diminuiu. No ano de 2015, no segundo semestre, ingressei no mestrado

em educação, no Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC), na UERN, no caráter de aluna especial. A disciplina cursada nesta condição foi: “Tópicos Especiais em Educação I: mediação educacional e constituição do sujeito”, o que me proporcionou o encontro com a abordagem sócio-histórica – um conhecimento até então desconhecido por mim.

Ao entender um pouco da Teoria Histórico-Cultural, proposta por Vygotsky, e ao fazer a leitura de diversas pesquisas, desencadeadas a partir dessa teoria, pude compreender um pouco como o ser humano se constitui e constitui o meio social. A Psicologia Sócio-Histórica nos possibilitou responder a diversos questionamentos, entender o comportamento do ser humano e como a mediação e outras categorias explicam a constituição do sujeito.

No ano seguinte, fiz a seleção para ingressar como aluna regular e fui aprovada com o projeto de pesquisa que surgiu a partir de questionamentos vivenciados enquanto orientadora educacional no ensino médio. Este projeto foi tomando forma com a prática e a atuação no cargo nos anos de 2014, 2015 e 2016.

No percurso da trajetória de relações e situações que marcaram a minha vivência educacional em uma escola da rede privada, o interesse pela educação remete-se a um período da minha experiência como orientadora educacional, no qual aconteceram as minhas vivências com os adolescentes.

Recordo que me inquietava quando os alunos me procuravam com dúvidas do que iriam fazer quando não estudassem mais naquela escola que, uma vez que, para muitos, foi o espaço estudantil de uma vida inteira.

Na construção do trabalho pedagógico e na busca de entender as significações que perpassam a fase da adolescência, existem várias questões vivenciadas enquanto orientadora educacional do ensino médio, dentre elas, auxiliar os estudantes acerca de seus projetos de futuro.

Por vezes os adolescentes me questionavam o que fazer depois que terminassem a educação básica, existiam diversas dúvidas, diversas conversas e após uma dessas conversas surgiu, em mim, o interesse por realizar uma pesquisa que buscasse apreender as significações produzidas por estudantes do ensino médio e como se constituía o papel da escola na construção de suas perspectivas de futuro.

Diante disso, comecei a me perguntar de que forma poderia ajudá-los significativamente, pois de maneira muito especial suas dúvidas me tocaram.

Entretanto, em meados do ano de 2016 fui convocada pelo concurso público da cidade de Angicos para assumir uma sala de aula da educação infantil. A estabilidade financeira falou mais alto naquele momento.

Mesmo distante fisicamente dos adolescentes, continuo na mesma perspectiva como pesquisadora de mestrado. Não mudei meu foco, nem meus sujeitos de pesquisa, pois quero muito contribuir com este nível de ensino da educação básica. Ainda penso em como tentar ajudá-los nas respostas dos seus projetos de futuro.

Preciso destacar que estava aguardando ser convocada no concurso público, do Estado do Rio Grande do Norte, para o cargo de suporte pedagógico com o objetivo de poder, em breve, colocar a minha pesquisa em prática e voltar a atuar diretamente com os estudantes do ensino médio.

O nosso país precisa dar mais atenção aos nossos adolescentes. Atualmente, são notórios os aumentos nos índices de violência e os jovens, em sua maioria, são parte dessas estatísticas. É preciso que nós estejamos mais próximos dessa fase da vida humana, que pesquisemos mais, que busquemos compreender como eles pensam e o que pensam para o futuro.

Dito isto, espero ter evidenciado minha profunda admiração pela fase da adolescência. Por perceber que essa é uma fase repleta do desejo de aprendizagem, basta que nós estejamos disponíveis e mobilizemos caminhos e métodos para a construção do saber. Acredito que as peculiaridades da fase da adolescência, de algum modo, exigiram, muitas vezes, que eu saísse da zona de conforto e me dedicasse um pouco mais, assumindo assim a importante função de mediadora para que o desenvolvimento sócio-histórico destes adolescentes se efetivasse.

Encerro esta narrativa, defendendo que minhas ações, o que penso e o que falo são os resultados das falas dos adolescentes com quem tive a oportunidade de conviver. Fui me constituindo a pesquisadora que sou hoje devido a vocês, meus eternos estudantes. Por isso, continuarei pesquisando esta fase da vida humana na tentativa de entender e contribuir sempre que possível.

INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa foi construída a partir de diálogos com adolescentes do ensino médio e faz um estudo sobre a mediação da escola na constituição de suas perspectivas de futuro. Vale destacar a forma como eles pensam seu projeto de futuro e qual o papel da escola nesse processo.

Foi através da inquieta observância desses fatores que fomos impulsionados à formulação de indagações que, a nosso ver, são de grande importância e, sobretudo, sugestiva como susceptíveis à investigação científica.

A temática acerca da perspectiva de futuro dos adolescentes apresentou uma amplitude que, para uma pesquisa de mestrado, sentimos a necessidade de fazer uma reflexão sobre o tema em questão, como também focarmos o problema. A partir de então, no decorrer da orientação da pesquisa, fomos percebendo que era preciso delimitar o objeto de estudo e o enquadrarmos em uma das linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), tendo como área de concentração: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente.

A pesquisa sobre a perspectiva de futuro de adolescentes do ensino médio, numa escola da rede privada de ensino, desafia a muitos que fazem educação básica. Segundo Guimarães; Sobral; Menezes (2007) esse assunto desafia os educadores pelo fato de as escolas que trabalham com jovens/adolescentes enfrentarem, atualmente, desafios acerca do educar, do desenvolvimento pessoal, social, espiritual e de preparar academicamente.

Partindo disto, os adolescentes que estudam no Ensino Médio abrangem muitas dimensões, as quais devem ser levadas em consideração para que compreendamos todos os seus aspectos.

Diante disso, pretendemos responder ao questionamento de como os adolescentes que estão no Ensino Médio pensam sobre a mediação da escola na constituição de suas perspectivas de futuro. Dessa forma, nosso objetivo se constitui em apreender as significações produzidas por adolescentes do ensino médio sobre a mediação da escola na constituição de suas perspectivas de futuro.

Em pesquisa realizada no banco de teses e dissertações da CAPES sobre o tema “perspectiva de futuro” constatamos a existência de 90 trabalhos,

sendo 68 dissertações de mestrado acadêmico, 03 dissertações de mestrado profissional e 19 teses de doutorado. Nessa pesquisa constatamos também, que o título de nenhum dos trabalhos faz referência à mediação da escola na constituição da perspectiva de futuro de adolescentes que estão no Ensino Médio.

Esse resultado aponta para uma necessidade de investigação premente, uma vez que é preciso estudar a escola como uma instituição educacional, que abrange não apenas o processo de ensino e aprendizagem de matérias específicas, mas também que se configura como um espaço, onde diversas relações ocorrem com a realidade e se materializam na forma de significações, inclusive no que diz respeito à constituição de perspectivas para o futuro.

A análise crítica que se pretende fazer, sobre as produções conceituais da adolescência, parte da perspectiva sócio-histórica em Psicologia. Uma perspectiva que, tendo base no marxismo, entende que o indivíduo se desenvolve a partir de sua relação com o mundo social e cultural. “[...] o homem se torna mais individual e pode desenvolver uma atividade totalmente autônoma, necessariamente através de um grande desenvolvimento das relações sociais, da realidade humana objetivada e com a plena socialização do indivíduo” (DUARTE, 1993, p. 157).

O adolescente é concebido como um ser social, constituído historicamente e dialeticamente nas relações com o mundo em que vive. Diante dessas relações existentes no movimento da atividade, o adolescente vai se constituindo como o sujeito que vai transformando a realidade natural em cultural, uma vez alterando a natureza e transformando o próprio ser entende-se, segundo a abordagem sócio-histórica, que o trabalho é constitutivo da subjetividade humana.

Na visão sócio-histórica, utilizada como referência, o homem é visto como um ser histórico, isto é, um ser constituído no seu movimento e ao longo do tempo, pelas relações sociais, pelas condições sociais e culturais engendradas pela humanidade. Um ser que tem características forjadas pelo tempo, pela sociedade e pelas relações, imerso nas relações e na cultura das quais retira suas possibilidades de ser e suas impossibilidades. Um homem que está situado no tempo histórico e que terá sua constituição psíquica determinada por essa condição. A relação indivíduo/sociedade é vista como uma relação dialética, na qual um constitui o outro. O homem se constrói ao construir sua realidade. (BOCK, 2007, p. 5)

Sobre isso, informamos que o referencial teórico-metodológico adotado para fundamentar esta pesquisa é a Psicologia Sócio-Histórica. Destacamos ainda, a relevância social e educacional, pelo fato de a investigação poder apreender as significações produzidas por adolescentes do ensino médio sobre a mediação da

escola na constituição de suas perspectivas de futuro. De acordo com Bock (2007, p. 5):

Leontiev, psicólogo soviético, em seu texto “O Homem e a Cultura”, apresenta com clareza estas ideias. “Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico pela sociedade humana”.

Dessa forma, compreendemos a relevância desse estudo para a educação, sobretudo no âmbito do ensino médio, já que a pesquisa acontece com adolescentes que estão finalizando a etapa da educação básica, assim como a forma com que constituem significações acerca do futuro.

Com o objetivo de apreender as significações produzidas por adolescentes do ensino médio sobre a mediação da escola na constituição de suas perspectivas de futuro relacionamos, a seguir, os capítulos que compõem este trabalho acadêmico-científico.

Textualmente, a produção está organizada em seis capítulos, sendo o primeiro capítulo de ordem introdutória da pesquisa. Nele, realizamos a apresentação de todo o desenrolar do trabalho realizado. Nesta pesquisa, discutiremos, sobretudo, que não existem as vocações, que a constituição do ser humano não é inata, pois os sujeitos e suas habilidades são construídas ao longo do tempo como afirma Bock (2002).

No segundo capítulo, discorremos sobre as categorias que melhor explicam nosso objeto de pesquisa, sobretudo, tratam sobre o desenvolvimento humano e a produção de significações a partir da perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica. O capítulo apresenta-se dividido em seis partes: concepção de homem, mediação, historicidade, atividade, pensamento e linguagem, as significações.

No terceiro capítulo, realizamos uma revisão bibliográfica sobre como o adolescente se apresenta através da abordagem sócio-histórica, realizando uma análise do processo de historicidade do jovem/adolescente que compõe este trabalho de pesquisa. Encontra-se dividido em quatro partes. A primeira parte trata do processo histórico da naturalização ao sócio-histórico dos adolescentes, a segunda compreende a relação da perspectiva de futuro com a escolarização, a terceira parte aborda questões da vivência dos adolescentes na escola e a última

parte discorre sobre o futuro do jovem/adolescente na perspectiva da orientação profissional.

No quarto capítulo são apresentadas as bases metodológicas adotadas na obtenção deste trabalho. O capítulo está dividido em cinco partes. A primeira está relacionada ao método utilizado, a segunda parte trata do grupo focal – que foi o procedimento metodológico da pesquisa na perspectiva sócio-histórica, a terceira parte realiza uma análise acerca dos núcleos de significação, a quarta parte apresenta o campo da pesquisa e a última parte apresenta os sujeitos pesquisados.

O quinto capítulo consiste em apresentar o levantamento dos pré-indicadores a processo de constituição dos núcleos de significação. Estando dividido em três partes. Na primeira parte encontra-se o quadro de constituição do núcleo de significação perspectiva de futuro e realidade, na segunda parte apresentamos o quadro de constituição do núcleo de significação sentimentos em relação à escola e, na última parte, apontamos o quadro de constituição do núcleo de significação perspectiva de futuro mediada por tensões sociais e familiares.

O sexto capítulo consiste na análise dos núcleos de significação. Nesse capítulo, interpretaremos as falas dos nossos nove sujeitos, com o objetivo de apreendermos as suas significações sobre as perspectivas de futuro. Encontra-se dividido em três partes: a primeira parte vai tratar das perspectivas de futuro mediadas pela escola, estabilidade financeira e pela realização profissional; a segunda parte discorre sobre a relação que possuem com a escola, o ensino e a formação, como pensam o pedagógico e a escola que desejam para o futuro; na terceira parte desenvolvemos uma análise sobre como se constituíram na vivência familiar, a obrigação de dar o orgulho aos pais, adolescentes e suas relações sociais e as tensões escolares.

Além dos capítulos acima descritos, há, ainda, uma parte dedicada às considerações finais, que consiste numa discussão acerca do conteúdo nuclear que compõe este trabalho, ou seja, das significações produzidas pelos adolescentes acerca da mediação da escola sobre suas perspectivas de futuro.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA: A PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA

Não quero descobrir a natureza da mente fazendo uma colcha de retalhos de inúmeras citações. O que eu quero é, uma vez tendo aprendido a totalidade do método de Marx, saber de que modo a ciência tem que ser elaborada para abordar o estudo da mente. (VYGOTSKY, 1991, p. 11)

Neste capítulo, buscaremos fazer uma discussão acerca dos fundamentos teórico-metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica como aporte de análise e interpretação da mediação da escola na construção da perspectiva de futuro de adolescentes que estudam no ensino médio. Antes de começarmos a discussão acerca da Psicologia Sócio-Histórica, faremos um passeio na história da psicologia como ciência.

A psicologia como ciência possui muitos anos de existência, segundo Bock (2015, p. 7) “em 1879, Wundt cria na Universidade de Leipzig, na Alemanha, o primeiro laboratório de pesquisa na área de Psicofisiologia”. Este psicólogo alemão é tido como o pai da psicologia moderna pelo fato de ser o promotor de uma nova psicologia, foi ele quem a transformou em disciplina formal acadêmica. Ele [Wundt] acreditava que apenas as funções mentais mais simples, como sensação e percepção, deviam ser estudadas em laboratórios, “no entanto, os processos mentais superiores, como a aprendizagem e a memória, não podiam ser investigados pela experimentação científica por serem condicionados pela linguagem e por outros aspectos culturais” (SCHULTZ, 2016, p. 70).

A ideia de que os fenômenos mentais correspondem a fenômenos orgânicos, criada a partir dos trabalhos do laboratório, ficou conhecida como “paralelismo psicofísico” (BOCK, 2015, p. 7) e, no ano de 1879, ocorreu o marco da transformação dos estudos em disciplina acadêmica formal, enquanto área específica da ciência. Contudo, foi diante da ascensão da burguesia que ocorreram diversas transformações que permitiram a criação de uma ciência racional para construir um conhecimento voltado para a experiência e para a razão.

Durante o século XIX diversas correntes da filosofia e da ciência marcaram o mundo científico como o positivismo, que era baseado na observação, e o racionalismo, que tinha como ênfase a razão. Porém, é a partir de Wundt (1832-1920) que se inicia a discussão da psicologia como ciência. Bock (2015d,p. 22)

afirma que “Wundt reconhecia o caráter básico dos elementos da consciência (atomismo), mas se diferenciava do associonismo por pensar a consciência como processo ativo na organização do seu conteúdo pela força da vontade”.

A psicologia, em seu nascimento, carrega as contradições da sociedade de classes. Paralela ao reconhecimento da psicologia como ciência ocorre à transição do feudalismo para um novo sistema econômico: o capitalismo. É devido ao fortalecimento do capitalismo que a psicologia se torna necessária, pois, este modelo econômico de produção trouxe a individualização e:

“o humano passa a ser pensado cada vez mais como indivíduo, como único. As experiências vividas são subjetivadas de forma individualizada. A noção de EU se fortalece. E a ciência que se propõe a cuidar, compreender e explicar esse EU é a psicologia.” (BOCK; TEIXEIRA; FURTADO, 2015, p. 7)

Consoante a essa necessidade e em conjunto com o crescimento do capitalismo, ocorreu também o desenvolvimento do sentimento do eu, da existência singular, pessoal, privada. São ideias liberais, determinadas pela psicologia, que pensam o homem a partir da noção de natureza humana.

“As ideias liberais permitiram a construção de determinada psicologia, sendo esta bio-psico-social, que envolve interação entre as pessoas e que se refere a um indivíduo que é agente e sujeito” (BOCK, 1999, p. 174). Contudo, se fazia necessário uma ciência que estudasse especificamente as relações sociais, as constituições e as concepções de ser humano a partir das suas vivências sociais e históricas.

Diante dessa necessidade, a Psicologia Sócio-Histórica surge carregando essa possibilidade de crítica, “não apenas por uma intencionalidade de quem a produz, mas por seus fundamentos epistemológicos e teóricos” (BOCK, 2015d, p. 24). A Psicologia Sócio-Histórica concebe o homem como um ser ativo, social e histórico. Ela entende que a sociedade produz historicamente os homens por meio do trabalho, produzindo assim sua vida material. Nesse processo, a história se constitui como movimento contraditório e que, a partir de uma base material, se deve compreender a ciência.

Sobre este aspecto, Bock e Gonçalves destacam que “o homem constrói seu mundo psicológico por meio de sua relação com o ambiente sociocultural. Enquanto atua sobre o mundo, modifica não apenas a realidade externa como também constrói sua própria realidade psíquica” (2009, p. 57).

Percebemos então, que ao analisarmos a concepção de homem, entendemos que ela é uma forma de compreensão do social, do cultural e do histórico, segundo a Psicologia Sócio-Histórica. Com base nisso, inferimos que o fenômeno psicológico é mediado pelo social, pela atividade e não pertence à natureza, já que o homem age sobre si próprio e também sobre a sua realidade, ou seja, na *dialeiticidade* da condição social, econômica e cultural em que vive o homem, constrói-se o mundo e proporcionam-se elementos para a sua constituição psicológica.

Mas afinal, o que é a Psicologia Sócio-Histórica? Aqui no Brasil, desde os anos de 1980, Silvia Lane (1933-2006) e sua equipe estudavam com um propósito de elaborarem um projeto, de uma psicologia social brasileira, que fosse compromissada com a superação da exploração, de particularidades históricas que reproduzem mecanismos psicossociais excludentes da realidade social. Lane e sua equipe adotaram, por parte da psicologia, uma teoria social e, devido à crítica, a neutralidade científica e a concepção idealista de homem na sociedade, buscaram no materialismo histórico-dialético o aporte teórico-metodológico de suas investigações.

A presença de Silvia Lane é marcante na psicologia social por questionar a teoria e a prática desta ciência, pela preocupação em encontrar maneiras diferentes de ensinar e de fazer psicologia. Segundo a psicóloga:

[...] a Psicologia Social estuda a relação essencial entre o indivíduo e a sociedade, esta entendida historicamente, desde como seus membros se organizam para garantir sua sobrevivência até seus costumes, valores e instituições necessários para a continuidade da sociedade. (LANE, 2006, p. 10)

Sobre a Psicologia Sócio-Histórica, convém explicar que ela esta fundamentada no método dialético, permitindo que a psicologia trabalhe com a subjetividade e a objetividade como unidade de contrários. Fundamentando-se nesse método, Vygotsky (1996, passim) constrói uma abordagem teórica para a compreensão da realidade e para chegar a essa compreensão, ele se fundamentou no materialismo-histórico-dialético, pois o homem é construído a partir da sua história social e cultural. Para tanto, é preciso um método de apreensão do real, que possa se aproximar das significações que constituem o campo das relações sociais, bem como suas vivências no mundo.

Duarte (2013) explica que Marx descobre uma estrutura econômica e, numa analogia da biologia com a economia, compara a célula à mercadoria. Vygotsky (1991), também se valendo dessa analogia, com o campo da psicologia, chama a atenção para a necessidade de se descobrir o que é a célula da psicologia: “alguém que pudesse descobrir qual é a célula "psicológica" - o mecanismo produtor de uma única resposta que seja – teria, portanto, encontrado a chave para a psicologia como um todo" (VYGOTSKY, 1991, p. 11).

Considerando que a discussão sobre a célula da psicologia foi introduzida, apontamos como analogia com a biologia que a célula da Psicologia é o significado. A célula, portanto, é a atividade de significação, ou seja, a síntese da linguagem e do pensamento, e estes possuem origem na atividade do homem, transformando-o e o diferenciando em relação a outros animais.

Na discussão acerca da Psicologia Sócio-Histórica, Bock (2015) reconhece que Vygotsky desenvolveu a teoria de que a sociedade afeta o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores do homem, portanto, o homem é um ser constituído historicamente, socialmente e culturalmente. Considerando os seus aspectos sociais ela esclarece que:

[...] para a Sócio-Histórica, falar do fenômeno psicológico é obrigatoriamente falar da sociedade. Falar da subjetividade humana é falar da objetividade em que vivem os homens. A compreensão do “mundo interno” exige a compreensão do “mundo externo”, pois são dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói/modifica o mundo e este, por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem (BOCK, 2015d, p. 30).

Sobre isso, cabe ressaltar que Vygotsky problematizou a psicologia do seu tempo e encontrou áreas de crescimento e de colaboração com o processo revolucionário e de desenvolvimento humano. De acordo com (BOCK, FERREIRA, GONÇALVES, FURTADO, 2007) a psicologia de Vygotsky, chamada de Psicologia Histórico-Cultural¹, fundamenta a abordagem utilizada na PUC, a qual é chamada de

¹ A Psicologia Histórico-Cultural está associada fundamentalmente aos nomes Vygostky (1896-1934), Leontiev (1903-1977) e Luria (1902-1977). Vygotsky (1991) propõe a construção de uma nova psicologia, fundamentada no materialismo histórico e dialético, que não reduz o ser humano, entendendo-o como uma unidade da totalidade. É histórica e cultural por propor a compreensão do ser humano inserido em uma cultura determinada, com suas ferramentas, inventadas e aperfeiçoadas no curso da história social da humanidade, com as contradições impostas pela dialética. Tem como objeto de estudo a atividade do homem no plano psicológico e se propõe à tarefa de estabelecer as leis básicas da atividade psicológica, estudar as vias de sua evolução, descobrir os mecanismos que

Psicologia Sócio-Histórica. Partindo dessa afirmação, passaremos a discorrer sobre as categorias da Psicologia Sócio-Histórica: Mediação, Historicidade, Atividade, Pensamento e Linguagem, Significações.

Entendemos que estas categorias são importantes para a compreensão da nossa pesquisa como instrumento de análise e que contribuem com o estudo da construção social, especialmente, das significações constituídas por adolescentes do ensino médio sobre a mediação da escola na construção da perspectiva de futuro. Para tanto, iniciaremos essa discussão elucidando a concepção de homem que orienta este trabalho.

2.1 Concepção de homem

“Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX e ENGELS, 1980, p. 26)

Refletiremos sobre as determinações históricas e sociais na vida de um indivíduo. O ser humano pode se modificar a partir das transformações de circunstâncias nas quais vive, pois “Se as circunstâncias formam os homens, os homens formam as circunstâncias” (MARX e ENGELS, 1980, p. 27). Nesse entendimento, se os seres humanos são seres culturais, sociais por sua vez e a cultura e a sociedade são produzidas pela atividade humana então, nós nos transformamos e nesse processo, transformamos a realidade na qual vivemos.

Para entendermos a concepção de homem, trataremos do ser humano a partir das suas origens e da sua constituição social. O homem se constitui através das relações sociais, da relação consigo mesmo e das relações com o trabalho, produzindo diferentes necessidades, que vão se constituindo por questões de satisfação, sendo estas socialmente construídas, como moradia, gostos. Por isso, é interessante considerarmos que o processo de constituição das necessidades, quanto à satisfação, é mediado pelo social.

lhe servem de base e descrever as mudanças que ocorrem nessa atividade nos estados patológicos (LURIA, 1991, p. 1).

A Psicologia Sócio-Histórica tem como base a Psicologia Histórico-Cultural Vygotsky(1896-1934), produzida pelo grupo da Pontifícia Universidade Católica – PUC de São Paulo. Apresenta-se como uma possibilidade de superação de visões dicotômicas, marcada pelo desejo de contribuir para a construção e o desenvolvimento social, que busca falar da vida vivida e carrega consigo a possibilidade de crítica por causa dos seus fundamentos epistemológicos e teóricos. As Psicologias Sócio-Histórica e Histórico-Cultural dialogam e se aproximam para oferecer sustentação a práticas e pesquisas de base materialista dialética. (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2015)

O fenômeno psicológico é algo que se desenvolve ao longo do tempo. Sua relação com o meio social e cultural é vista como uma relação em que o mundo social (externo) dificulta o pleno desenvolvimento do psicológico (interno). Contudo, o mundo social é um lugar que devemos estar, dessa forma, precisamos nos desenvolver a ele, ou seja, é um fenômeno que se constitui em um processo de conversão do social em individual. (BOCK, 2015).

Considerando a afirmação feita por Bock, compreendemos que a realidade sociocultural é constitutiva do fenômeno psicológico, portanto, é na relação com o mundo material e social que se desenvolvem as possibilidades humanas. Não podemos pensar em fatores sociais, econômicos e culturais sendo exteriores ao homem, pois o mundo social e o psicológico caminham juntos em seu movimento.

As capacidades humanas devem ser vistas como algo que surge após uma série de transformações qualitativas. Cada transformação cria condições para novas transformações, em um processo histórico, e não natural. (BOCK, 2015d, p. 30)

Assim, o mundo social possui uma relação dialética com o mundo psicológico. Nessa condição, o homem “transforma a si mesmo, objetivando-se/apropriando-se, dialeticamente, das características históricas da humanidade; características essas que são, ao mesmo tempo, singulares e universais” (SOARES, 2006, p. 36). Ademais, a individualidade se constitui nas relações sociais, pois as relações constituem a atuação do homem sobre a realidade e o processo de significação se constitui na atividade social do homem na realidade. Sobre isso Vygotsky (1996, p. 199) explica:

[...] utilizaremos a tese de Hegel sobre o ser em si e o ser para si. Ele dizia que todas as coisas existem, de início, em si, mas que com isso a questão não se esgota e no processo de desenvolvimento o ser em si se transforma em ser para si. O ser humano, dizia Hegel, é uma criança cuja tarefa não consiste em permanecer no abstrato e incompleto em si, mas sim em ter também para si, isto é, converter-se em um ser livre e racional.

Dessa forma, a formação do sujeito está no desafio de compreendermos a transformação do ser “em si” em ser “para si”. Toda pessoa nasce como um indivíduo humano, contudo, não é plenamente um ser humano, nem um indivíduo. A pessoa torna-se indivíduo humano, através de um processo educativo o qual é social e cultural. É possível compreendermos o homem com base na Psicologia Sócio-Histórica, observando o que Bock (1999, p. 24) explica: “priorizar o homem

como um ser biológico é reduzi-lo a um homem geral, abstrato. Ao contrário, a concepção concreta do homem atribui a ele propriedades sócio-históricas”.

Destacamos aqui, que o homem só cria a realidade humana quando consegue se apropriar da realidade natural. A apropriação de um objeto natural, pelo ser humano, faz com que este objeto se transforme em instrumento humano, porém o objeto não é totalmente subtraído da sua lógica natural, mas inserido na lógica da prática social (DUARTE, 2003). O objeto ao sofrer a ação humana passa a ter novas funções, as quais compõem a síntese da atividade social, que deverá ser apropriada pelos demais seres humanos. Duarte (2003, p. 28) ainda afirma que:

O que possibilita o desenvolvimento é justamente o fato de que a apropriação de um objeto, transformando-o em instrumento, pela objetivação da atividade humana nesse objeto e sua consequente inserção na atividade social, gera, na atividade e na consciência do ser humano, novas necessidades e novas forças, faculdades e capacidades.

Por conseguinte, a dinâmica da dialética entre objetivação e apropriação é uma característica da ontologia da prática social humana. Logo, o processo de objetivação se constitui quando a atividade se transfere dos sujeitos para os objetos. Na apropriação ocorre o inverso, a atividade acumulada nos objetos e fenômenos culturais se transforma em atividade do sujeito (DUARTE, 2013). Essa dialética, entre objetivação e apropriação, constitui a dinâmica fundamental da perspectiva temporal e espacial das ações humanas. Diante disso, Bock (1999, p. 24) explica que:

A ideia de natureza humana tem um caráter ideológico, pois camufla a determinação social do homem. O homem é pensado de forma descolada de sua realidade social, realidade essa que o constitui e lhe dá sentido. As teorias que têm a ideia de natureza humana como seu fundamento se tornam, assim, com esse trabalho de ocultamento da realidade, teorias ideológicas.

Em relação ao conceito de ideologia, a autora compactua com a afirmação de Marx, quando afirma que “é um termo crítico, que implica ilusão e mistificação da realidade” (BOCK, 1999, p. 25). Ideologia é, portanto, uma forma ilusória que representa o real.

Entender o pensamento de Vygotsky sobre a constituição do homem na sociedade é entender que o social está incorporado ao sujeito, como parte constitutiva do ser humano. González Rey (2013, p. 34) compreende o social do homem “não como algo externo, empírico, que contempla a atividade individual, mas

sim como a própria organização psíquica do indivíduo”, isso porque o social está incorporado ao ser humano, ou seja, o sujeito transforma e é transformado, ocorrendo de fato um processo que não só é somente objetivo, mas também subjetivo e é nesse processo dialético que o homem vai se constituindo.

2.2 Mediação

O ser humano se apropria de objetos na natureza, fazendo com que os objetos da natureza deixem de ser objetos puramente naturais e, sem perder suas características, se transformem em objetos sociais, culturais. Exemplo disso é a pedra, que é natural e ao mesmo tempo social quando é transformada em machado.

A atividade humana vai se objetivando, não só gerando produtos ou resultados. Ela vai mais além. Significa dizer que a atividade humana ou a experiência humana se acumula e se constitui a partir de uma cultura. Ao mesmo tempo em que os seres humanos agem, constituem mediações, apropriam-se dos produtos culturais, dos fenômenos sociais e assim, apropriam-se da atividade humana que neles foi objetivada. É o caso da mediação que estamos utilizando nesse momento, a da linguagem escrita, ou seja, esse sistema de mediação que estamos empregando movimentou o meu cérebro, que agora movimenta o raciocínio do leitor, sendo resultado de muitas outras gerações.

Esse sistema carrega atividade condensada, de forma que nós, ao nos apropriarmos desse signo, construímos a nossa atividade mental, a síntese de atividade humana realizada por muitas gerações. Isso possibilita que o ser humano, num curto espaço de tempo, avance níveis de desenvolvimento que custaram à humanidade muitas lutas, muitas tentativas, isso nos é transmitido pela atividade humana que está objetivada na cultura, através da herança cultural.

Para exemplificar o que foi dito anteriormente, podemos dizer que um jovem/adolescente, que está cursando o ensino médio, se apropria do conhecimento que demorou milhares de anos para se constituir. Esse desenvolvimento acontece pela apropriação da cultura, pelos processos educativos, pois o ser humano só alcançou o nível de elaboração da consciência, de pensamento em relação à realidade, porque se apropriou da experiência humana acumulada e sintetizada na cultura. Ele não precisa estar sempre reinventando a roda, pois deste modo

permaneceria em níveis muito baixos de desenvolvimento sociocultural, e, contudo, vai sempre além das compreensões, aprofundando a objetividade da realidade a qual fazemos parte.

Diante desse aspecto, a categoria mediação possibilita uma análise não dicotômica da realidade, permitindo a apreensão da relação dialética. Essa categoria funciona como um centro organizador que explica a relação entre dois elementos, provocando o entendimento de ser revelador e, ao mesmo tempo, de decifrar a si mesmo. Aguiar e Machado (2016) consideram esses dois elementos como sendo antagônicos ou, ainda, que se tome um ou outro de forma isolada quando, na verdade, são complementares de um mesmo processo.

Vygotsky (1996) concebe o conceito de mediação numa perspectiva sócio-histórica. Ele entendeu esse conceito de mediação na relação homem-ambiente pelo uso de instrumentos e de signos. Os sistemas de signos (a linguagem, a escrita, os números) – assim como o sistema de instrumentos – são criados pelas sociedades ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural.

A internalização dos sistemas de signos, produzidos culturalmente, provoca transformações comportamentais e estabelece um elo entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual.

Para Vygotsky (1996), o mecanismo de mudança está na sociedade e na cultura. De acordo com Aguiar e Machado (2016) a categoria mediação, ajuda na compreensão de que não existem relações diretas e imediatas. A mediação é uma categoria que sustenta o melhor entendimento do processo de constituição do homem e de sua relação dialética com a realidade.

É a categoria mediação, portanto, que nos possibilita compreender que as características tipicamente humanas, à medida que são mediadas pelas particularidades das objetivações históricas são, ao mesmo tempo, singulares e universais. Isso significa que o homem singular jamais pode se constituir a partir do isolamento social. (SOARES, 2011, p. 36-37)

Ao se desenvolver na sociedade o homem a reproduz e a produz, e se reproduz como parte integrante dela, num processo de mediação. É devido a esta atuação, no espaço social, que o homem se transforma e transforma o outro da relação.

Assim, compreendemos que a educação se constrói com base no desenvolvimento de ações feitas pelos sujeitos. É preciso considerarmos a subjetividade existente nessas ações em que a mediação da escola esteja presente nesse processo de construção social. Por isso, a categoria mediação é importante para entendermos a perspectiva de futuro de adolescentes do ensino médio, tendo em vista o espaço escolar como mediador deste processo de construção social.

2.3 Historicidade

Para entendermos o que somos hoje, o porquê agimos de determinada forma, é necessário que entendamos nossa história, nossas vivências passadas, em quais contextos se deram e de que forma aconteceram. Dessa maneira, é possível compreendermos a humanidade e suas objetivações históricas.

A história da humanidade carrega questões, tensões e problemas sociais que são importantes para a nossa constituição. A categoria historicidade configura-se como um processo acerca do desenvolvimento do homem em sociedade e leva em consideração as origens e o desenvolvimento histórico, ou seja, é indispensável observar que todo o conhecimento é uma produção social, tipicamente humana, que foi fruto de desejos, inquietações, sentimentos e contradições que se constituíram na atividade. Acerca desta questão, Bock, Gonçalves e Furtado (2015e, p. 49) afirmam que:

A Psicologia Sócio-Histórica parte das categorias trabalho e relação social para situar o homem na sua historicidade, entendendo que o homem se constitui historicamente enquanto homem, por meio da transformação da natureza, em sociedade, para produção de sua existência. Em sua constituição histórica, o homem produz bens materiais e espirituais, ou seja, produz objetos e ideias.

Sendo assim, é possível afirmarmos que o homem, cujo desenvolvimento não ocorre de forma planejada, é um ser que produz a sua própria realidade, isto porque a constituição do homem é mediada por fatores históricos. Com isso, se faz necessário compreendermos a historicidade, para entendermos a sociedade e assim, entendermos o processo histórico do homem como um ser ativo, que transforma o meio em que vive. Segundo Lukács (1979, p. 79):

A historicidade implica não o simples movimento, mas também é sempre uma determinada direção na mudança, uma direção que se

expressa em transformações qualitativas de determinados complexos, tanto em si como em relação com outros complexos.

Sobre este aspecto do movimento, da mudança, nos fundamentamos no materialismo histórico e dialético, pois nossa compreensão baseia-se em uma perspectiva que entende a gênese histórica dos fenômenos sociais e psicológicos nessa transformação. Dessa forma, a categoria historicidade contribui para entendermos a complexidade do ser humano. Segundo Oliveira (1997, p. 55), “nascido com características de sua espécie, cada indivíduo percorre o caminho da ontogênese, do nascimento até a idade adulta”. Destacando ainda que (idem):

São inúmeras as características que poderíamos mencionar para explicitar os processos de desenvolvimento ao longo da ontogênese. Mas não é apenas de maturação que se constitui o desenvolvimento individual. Esse desenvolvimento se dá no interior de uma determinada situação sociocultural, que fornece aos sujeitos e com eles constantemente re-elabora, conteúdos, artefatos materiais e simbólicos, interpretações, significações, modo de agir, de pensar, de sentir.

As mudanças históricas que ocorrem na sociedade e na vida material produzem alterações na natureza humana. É preciso considerar, sobretudo, que a historicidade humana não pode ser considerada como uma passagem de tempo, mas sim analisada como um processo constante de onde ocorrem as relações sociais dos indivíduos e que, a todo o momento, estas são direcionadas pela abordagem sócio-histórica e se constituem socialmente através de um processo dialético.

A historicidade não deve ser considerada como uma sucessão de fatos cronológicos, pelo contrário, ela é um movimento determinado por relações dialéticas, constituídas pela totalidade histórica em movimento. Aguiar e Ozella (2013, p. 302) explicam que a categoria historicidade “permite olhar para a realidade e pensá-la em movimento e, mais do que isso, apreender seu movimento”.

Diante dessa análise, é possível aferir que o ser humano está em constante transformação; mesmo quando solitário, em silêncio, ainda assim está se constituindo e de certa forma, constituindo o que está ao seu redor. A historicidade nos auxilia no entendimento da constituição do homem pelo fato de o compreendermos não como um ser passivo e pronto para aceitar tudo que lhe for imposto, mas como um ser ativo que participa das questões sociais, que pensa e

transforma e é transformado, que inventa, reinventa que modifica e é modificado a todo instante.

A partir disso, destacamos a relevância da categoria historicidade, pois é através dela que o sujeito participante da investigação revela, no seu processo histórico, as mediações que o constituem e que são constituídas na sua vivência social. Destacamos aqui as vivências dos adolescentes no espaço escolar, bem como a convivência familiar para a construção das suas perspectivas de futuro.

2.4 Atividade

É uma categoria da abordagem Sócio-Histórica que ajuda a explicar como o homem constitui a si próprio e ao mesmo tempo constitui a sociedade, garantindo sua condição de existência. O ser humano possui a capacidade de alterar sua própria história, não podemos pensar apenas na atividade real, mas como o real da atividade pode ser construído pelo homem. Em conformidade com Aguiar e Machado (2016) expõe-se:

A atividade real é, segundo Clot (2006), aquela que se torna aparente, aquilo que de fato é realizado pelo trabalhador. No entanto, o autor chama a atenção para o fato de que a atividade é muito mais do que aquela que é possível de ser observada quando da sua realização, e propõe pensá-la a partir do conceito "real da atividade".

Salientamos que é a apreensão do real da atividade que nos possibilita entendermos o motivo pelo qual as pessoas agem diante de situações adversas. Quando fazemos essa afirmação é porque na maioria das vezes só percebemos a atividade real, ou seja, a atividade realizada. Contudo, por trás da atividade realizada, já houve diversas tentativas, que por horas eram em vão, mas que foram se repetindo e constituindo o sujeito até um novo conceito.

Contudo, mesmo sendo consciente, não significa que o sujeito tem total domínio sobre o que realiza. Por isso, Clot (2006), entende que para a realização da atividade existe a atividade real e o real da atividade, onde a primeira é aquela que se faz efetivamente, ou seja, configura-se no conjunto de ações realizadas. Essa é uma dimensão da atividade, porém, não é a única. Existe outra dimensão, o real da atividade:

O real da atividade é também aquilo que não se faz, aquilo que não se pode fazer, aquilo que se busca fazer sem conseguir – os

fracassos –, aquilo que se teria querido ou podido fazer, aquilo que se pensa ou que se sonha poder fazer alhures (...) aquilo que se faz para não fazer aquilo que se tem a fazer ou ainda aquilo que se faz sem querer fazer. (CLOT, 2006, p. 116).

Dessa forma, a atividade humana possui dimensão viva de conflitos. A consciência na atividade é formada e transformada pelas contradições, constituindo assim, a consciência humana.

Segundo Duarte (1993), em comentários e análises da obra *Manuscritos Econômico-filosóficos*, de Karl Marx (1844), a atividade inicial do ser humano – assim como de todas as espécies de animais – é a atividade vital. É aquela que garante ao homem a continuidade da espécie. O autor explicita que “a atividade vital é a base a partir da qual cada membro de uma espécie reproduz a si próprio enquanto ser singular e, em consequência, reproduz a própria espécie” (Duarte 1993, p. 28).

Marx e Engels (2002) elencaram três aspectos para explicar seus posicionamentos do ponto de vista da afirmação de que a atividade humana está baseada no caráter social. O primeiro deles é o fato de que o homem produz para satisfazer suas necessidades e que envolve a produção da própria vida material. O segundo aspecto está relacionado ao fato de que, uma vez satisfeita a primeira necessidade, surgem novas necessidades, o que impulsiona esse homem a continuar desenvolvendo mais ações. O terceiro e último aspecto social da atividade é o fato de que os homens, no cotidiano, renovam a sua própria vida, começam a se fazerem novos homens e se reproduzem.

A produção dos meios para a satisfação das necessidades humanas, a produção de novas ações para suprir as novas necessidades e da continuidade da ação humana e capacidade de renovarem a si mesmos, tudo isso caracteriza a dimensão social da atividade.

O homem constrói instrumentos físicos e simbólicos que o auxiliam na atividade de modo que satisfaça as suas necessidades. Estes instrumentos estão caracterizados de diferentes formas, podendo se apresentar por meios sociais e culturais. Bock, Gonçalves e Furtado (2015a, p. 121) explicam que:

(...) as funções psicológicas, como toda produção cultural e social, são produtos da atividade humana. O homem transforma a natureza com sua atividade por meio dos instrumentos, e assim transforma-se a si próprio... a atividade de cada indivíduo é determinada pela forma como a sociedade se organiza para o trabalho, entendido aqui como

a transformação da natureza para a produção da existência humana, algo que só é possível em sociedade.

Diante disso, cabe ressaltar que as transformações da atividade humana não ocorrem apenas pelos fatores social e cultural, mas também por questões psicológicas. Salientamos que a Psicologia Sócio-Histórica discute o desenvolvimento psicológico do homem através do processo histórico vivido. Vygotsky (2007, p. 62) afirma que “o desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie e assim deve ser entendido. A aceitação dessa proposição significa termos de encontrar uma nova metodologia para a experimentação psicológica”.

Vale destacarmos, segundo Barbosa (2011, p. 26), que “para a Psicologia Sócio-Histórica, a categoria atividade tem destaque relevante, por ser a categoria central que explica a constituição do humano, haja vista ser na atividade que o homem se constitui e constitui o mundo”. Assim, é através do desenvolvimento das suas atividades que o homem vai transformando fenômenos psicológicos em sociais e vice-versa e, desta forma, afeta outros homens e são afetados por eles, os quais também trazem as suas contribuições pessoais para a constituição da sociedade.

Assim, torna-se fácil compreendermos que o desenvolvimento da atividade humana tanto é social quanto individual. Isto porque a dimensão subjetiva do ser humano e as ações que desenvolve na sociedade se articulam dialeticamente, tendo em vista que o homem é um ser que se constitui em relação dialética com a realidade.

Portanto, consideramos a categoria atividade importante para a compreensão da perspectiva de futuro dos adolescentes do ensino médio, sobre suas constituições e a partir da análise de uma dimensão social desta atividade através do desenvolvimento da consciência humana, tendo como base o caráter social. Com isso, pudemos entender esta relação das atividades sociais, do ambiente familiar, e da mediação que a escola faz na construção social dos adolescentes.

2.5 Pensamento e linguagem

A cultura é um dos processos responsáveis pela constituição do sujeito. Quando uma criança nasce, por exemplo, ela inicia seu processo de contato com a cultura e com atividades e tarefas. No entanto, vale destacar que, antes dela ter o contato com o meio cultural, ela já possui características que direcionam suas ações. Por isso, destacamos:

Seu pensamento (ainda não verbal) e sua linguagem (ainda não racional), além de estarem completamente separados um do outro, ainda não fazem parte da atividade consciente. Daí suas ações “mentais” (cujas características se manifestam por meio de ações práticas, como pegar, puxar, morder) e “linguísticas” (cujas características se manifestam por meio de expressões como risos, choro, balbucio, primeiras palavras) ainda não serem produtos da atividade socialmente mediada e sim “reflexos” imediatamente determinados por necessidades naturais do sujeito. (SOARES, 2011, p. 76)

Diante disso, é possível afirmar que a criança nasce com uma herança biológica. À medida que vai se desenvolvendo, ela ultrapassa a fase biológica e passa a se constituir como um ser social, ativo, apropriando-se da cultura. A vivência em sociedade proporciona à criança inúmeras experiências culturais, dentre elas está a linguagem, que age como mediadora no processo de relação entre os homens.

Quando a criança começa a dominar a fala, iniciada apenas por uma palavra, posteriormente dois ou três termos, logo em seguida já está falando frases simples, depois progride para as mais complicadas, até chegar num discurso cheio de frases. O pensamento da criança encontra sua expressão numa palavra isolada, ou seja, à medida que seu pensamento se modifica, a criança vai percebendo a possibilidade de se expressar por meio de palavras. A progressão da linguagem ocorre de forma contrária: parte do todo de uma frase, progredindo para partes bem definidas existindo, portanto, diferenças entre esses pares dialéticos. Sobre essa contradição Vygotsky (1998, p. 291) informa:

A estrutura da linguagem não se limita a refletir como num espelho a estrutura do pensamento; é por isso que não se pode vestir o pensamento com palavras, como se de um ornamento se tratasse. O pensamento sofre muitas alterações ao transformar-se em fala. Não se limita a encontrar expressão na fala; encontra nela a sua realidade e a sua forma.

A relação entre pensamento e linguagem não é uma coisa, mas um processo. Para Bock e Gonçalves (2009, p. 56) “a linguagem é a mediação na relação dialética entre interno e externo e, portanto, podemos dizer que o que está na base da consciência é a linguagem”. Por isso, “se quisermos apreender o humano e seu processo de constituição, temos de compreender esse processo de relação do humano com o mundo fundamentado nas atividades transformadoras e mediado pela linguagem” (idem).

Importante citarmos que o pensamento se realiza na palavra. Contudo, existe muito do pensamento que não se realiza na palavra, que não é falado. Vygotsky (2001, p. 409) diz que “o pensamento não se expressa na palavra, mas nela se realiza”. Sendo assim, é importante não considerar que o pensamento seja expresso em palavras, como se esta fosse um reflexo especular do pensamento. Não há uma relação direta entre pensamento e palavra, podendo-se dizer, no entanto, que existe um movimento que vai do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento (VYGOTSKY, 2001). Sobre isso, inferimos que a subjetividade constitui o processo pelo qual o pensamento funda-se na palavra. “A origem e o desenvolvimento da fala e de todas as outras atividades que usam signos, foram tratados como independentes da organização da atividade prática na criança, o uso de signos, à descoberta espontânea, pela criança, da relação entre signos e seus significados” (VYGOTSKY, 1998, p. 19).

Para a Psicologia Sócio-Histórica, o pensamento é desenvolvido e constituído através de meios de processos como o afeto e a memória. Sobre isso, Vygotsky (1995, p. 409) afirma:

A relação entre pensamento e palavra é, antes de tudo, não uma coisa, mas um processo. É um movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento. À luz da análise psicológica, essa relação é vista como um processo em desenvolvimento, que passa por uma série de fases e estágios, sofrendo todas as mudanças que, por todos os seus traços essenciais, podem ser suscitadas pelo desenvolvimento no verdadeiro sentido desta palavra. Naturalmente, não se trata de um desenvolvimento etário e sim funcional, mas o movimento do próprio processo de pensamento da ideia à palavra é um desenvolvimento.

Portanto, a compreensão entre a relação de pensamento e linguagem é fundamental para que entendamos como acontecem as relações sociais entre os adolescentes. A relação existente, quando da transição do pensamento à palavra, ocorre através da mediação pelo significado, com base nos processos existentes

nas relações humanas, ou seja, entendemos ser imprescindível que o pesquisador ultrapasse a fase da aparência, nas relações, na busca de entender o significado existente em cada uma delas, para que lhe seja possível se aproximar do sentido que o sujeito dá a cada fenômeno.

Dessa maneira, a partir do entendimento de que o homem é um ser social e constituído por relações sociais é preciso compreender a significação desse processo, para que possamos analisar os fenômenos da relação humana, visto que é uma categoria que atua na mediação das relações que constituem o ser humano.

2.6 As significações

O significado da palavra é proposto como uma unidade de análise da relação historicamente constituída entre pensamento e linguagem, se encontrando na interseção entre pensamento e linguagem. Pois os significados das palavras se alteram, modificando a relação entre pensamento e linguagem. Vygotsky (1998, p. 287) afirma que “os significados das palavras passam a [ser] formações dinâmicas e não já estatísticas, transformam-se à medida que as crianças se desenvolvem e alteram-se também com as várias formas como o pensamento funciona”.

Vale salientar, que existe uma relação particular do significado com o pensamento e a linguagem, visto que a relação pensamento e linguagem é um processo que acontece em um movimento contínuo de palavras e pensamentos. Diante disso, o significado das palavras pode ser percebido como um fenômeno que se realiza na relação sociocultural entre os indivíduos, podendo modificar-se de acordo com necessidades que possam surgir do processo da historicidade humana e que poderá causar mudanças na relação de pensamento e palavra. Sobre este aspecto, Vygotsky (2001, p. 399) esclarece que:

A descoberta da mudança dos significados das palavras e do seu desenvolvimento é a nossa descoberta principal, que permite, pela primeira vez, superar definitivamente o postulado da constância e da imutabilidade do significado da palavra, que serve de base a todas as teorias anteriores do pensamento e da linguagem.

As significações referem-se à constituição do pensamento e da linguagem como unidades dialéticas, por sua vez, à constituição dos sentidos e significados. Na Psicologia Sócio-Histórica as significações referem-se à articulação entre sentidos e significados e que se constituem numa relação dialética entre a subjetividade e a

objetividade. Assim, uma categoria não existe sem a outra, contudo são distintas. Vale salientar, que a partir do entendimento de que o homem é um ser social e constituído por relações sociais, se faz necessário o entendimento da relação de significação para que compreendamos os fenômenos da relação humana, visto que é uma categoria que atua na mediação das relações que constituem o homem.

Vygotsky (2001, p. 08) propõe que analisemos “o pensamento discursivo como uma totalidade constituída por unidades que possuem propriedades inerentes a essa totalidade e são suscetíveis de explicação”. Ele denominou essa unidade como *significado* e ressalta que:

O significado da palavra, como tentamos elucidar anteriormente, é uma unidade indecomponível de ambos os processos e não podemos dizer que ele seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. É a própria palavra vista no seu aspecto interior. Deste modo, parece que temos todo o fundamento para considerá-la como um fenômeno de discurso. (VYGOTSKY, 2001, p. 398)

Diante disso, inferimos que a identificação do significado age como unidade do pensamento verbalizado. O significado atua como mediador do pensamento até a expressão verbalizada, em outras palavras, são generalizações, ou seja, são mais fixados culturalmente. O sujeito interioriza os significados e não suas ações, pois são os significados das ações que o constituem. O significado tem uma importância fundamental para que possamos compreender a constituição do homem através das suas atividades. Luria (2001, p. 45) ressalta que:

Por significado entendemos o sistema de relações que se formou objetivamente no processo histórico e que está encerrado na palavra. O “significado” é um sistema estável de generalizações, que se pode encontrar em cada palavra, igualmente para todas as pessoas.

Luria (2001) defende o uso da palavra como forma de desenvolvimento e da constituição do homem. Portanto, o homem vai constituindo os significados a partir das relações que estabelece com o meio social, em contato com os outros homens. O sentido também é constituído de pensamento e linguagem. Apenas a dimensão cognitiva não dá conta de revelar a sua complexidade. Por isso, Vygostky (2001, p. 475) explica o seguinte:

O sentido real de uma palavra é inconstante. Em uma operação ela aparece com um sentido, em outra, adquire outro. Esse dinamismo do sentido é o que nos leva ao problema de Paulham, ao problema da

correlação entre significado e sentido. Tomada isoladamente, no léxico, a palavra tem apenas um significado. Mas este não é mais que uma potência que se realiza no discurso vivo, no qual o significado é apenas uma pedra no edifício do sentido.

Os sentidos, portanto, assumem importância fundamental na constituição da subjetividade humana, pois representam a unidade essencial e constitutiva, como resultado de confrontos vivenciados nas relações sociais. Para Bock e Gonçalves (2009, p. 61), são os significados “que permitem a comunicação entre os homens, além de serem fundamentais para a constituição do psiquismo”. Isso quer dizer que os significados são elementos mediadores do intercâmbio social e, portanto, fundamentais no processo de constituição psíquica dos indivíduos.

Os sentidos e significados são indissociáveis, configurando-se em pares dialéticos que constituem a relação pensamento e linguagem. Tanto o significado como o sentido perpassam as vivências, a subjetividade e a afetividade que envolvem os sujeitos, sendo o significado construído num sistema ao longo da história social e cultural dos povos, e o sentido, com característica dinâmica, que se faz e refaz, pois se materializa na subjetividade, sendo formado pela experiência social e cultural de cada sujeito.

Dessa maneira, a partir do entendimento de que o homem é um ser social e constituído por relações sociais é preciso compreendermos a significação para que analisemos os fenômenos da relação humana, visto que é uma categoria que atua na mediação das relações que constituem o adolescente.

A discussão dessas categorias mediaram a compreensão do nosso objeto de pesquisa como uma atividade em constante transformação. A abordagem utilizada, nesta pesquisa, nos permite compreender o jovem/adolescente como um ser que se constitui e, é constituído, pela mediação da totalidade de suas ações.

3 O ADOLESCENTE E A SÓCIO-HISTÓRICA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

“[...] quando eu tiver setenta anos então vai acabar esta adolescência vou largar da vida louca e terminar minha livre docência vou fazer o que meu pai quer começar a vida com passo perfeito vou fazer o que minha mãe deseja aproveitar as oportunidades de virar um pilar da sociedade e terminar meu curso de direito então ver tudo em sã consciência quando acabar esta adolescência”.

Paulo Leminski

Iniciamos este capítulo com esta poesia de Paulo Leminski por ela traduzir um pouco das inquietações da juventude. Ela nos remete à vontade de ser criança e adulto ao mesmo tempo, o desejo de uma liberdade sem controle acompanhada de uma loucura e responsabilidade. Buscamos aqui, na literatura, um toque de emoção que falta na teoria e abordaremos questões que se aproximam desse conflito.

O objetivo desse capítulo é realizar uma revisão bibliográfica sobre adolescentes, perspectiva de futuro e ensino médio. Neste capítulo, abordaremos o conceito de jovem e de adolescência, bem como as definições de quando começam e terminam essas fases da vida do ser humano.

Discorreremos sobre a relação existente entre adolescentes, suas perspectiva de futuro e escolarização, pois pensar a perspectiva de futuro de estudantes do ensino médio sem mencionar a educação como uma questão central seria no mínimo estranho. Dessa forma, veremos como a educação aparece na discussão sobre a perspectiva de futuro dos adolescentes.

Neste trabalho, utilizaremos em alguns momentos o termo “jovens/adolescentes”, pois os sujeitos que participaram desta pesquisa possuem 16 e 17 anos de idade e pelo fato de o termo “jovem” estar determinado no Estatuto da Juventude – são considerados jovens, sujeitos que tenham entre 15 e 29 anos de idade e a fase da adolescência está determinada, no Estatuto da Criança e do Adolescente, por sujeitos que tenham entre 15 e 18 anos de idade. O termo adolescente utilizamos por se tratar de pessoas em processo de escolarização no espaço escolar e torna como base a discussão de Bock que usa o termo adolescente.

Dessa forma, os sujeitos que participaram desta pesquisa, estão numa zona comum, a ambos os documentos, tanto no que diz respeito ao Estatuto da Juventude, como ao Estatuto da Criança e do Adolescente, por isso os chamamos de jovens/adolescentes.

Para comprovar nossas afirmações, a Lei nº 12.852/2013, que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE, decreta, como período de idade para o jovem, aquele que possui entre 15 e 29 anos de idade, vejamos:

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. § 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. § 2º Aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos aplica-se a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente, e, excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente. (BRASIL, 2013, p. 26)

Em conformidade com o período de idades em comum, dos nossos sujeitos participantes da pesquisa, a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA e dá outras providências. Nesse documento, podemos relacionar as idades comuns dos sujeitos que participaram dessa pesquisa, em ambos os estatutos (Juventude e ECA). Por esta convergência, denominamos chamar nossos sujeitos de “jovens/adolescentes”. Vejamos o que diz o ECA:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade. Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local

de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (p. 10-11)

O Estatuto da Criança e do Adolescente sob a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, em sua versão atualizada sob a Lei nº 13.441, de 08 de maio de 2017, assegura às pessoas com até 18 anos de idade direitos fundamentais. O ECA atribui à família, à comunidade, à sociedade em geral e ao poder público o dever de assegurar os direitos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, em seu artigo 53º, Parágrafo único, afirma que “É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais” (p. 35). Em relação à educação do jovem, o Estatuto da Juventude trata em seu artigo. 7º que “o jovem tem direito à educação de qualidade, com a garantia de educação básica, obrigatória e gratuita, inclusive para os que a ela não tiveram acesso na idade adequada” (p. 27). Destacamos um inciso deste artigo, que afirma:

§ 2º É dever do Estado oferecer aos jovens que não concluíram a educação básica programas na modalidade da educação de jovens e adultos, adaptados às necessidades e especificidades da juventude, inclusive no período noturno, ressalvada a legislação educacional específica. (p. 27)

Sobre estes aspectos, podemos perceber que não existem apenas convergências frente aos Estatutos mencionados. Em análise mais profunda, identificamos divergências entre ambos. No primeiro o direito a educação trata dos pais e/ou responsáveis terem ciência do processo pedagógico, no segundo é o próprio jovem que possui esse direito de buscar e fazer parte do processo pedagógico.

Diante disso, discutiremos o conceito de juventude para deixarmos evidente o ponto comum entre essas duas fases. Sobre isso, Léon (2005, p. 10) explica que:

Os conceitos de adolescência e juventude correspondem a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas e processos históricos e sociais vieram adquirindo denotações e delimitações diferentes.

Sendo assim, a adolescência nos remete à ideia de desenvolvimento, de preparação para algo – “estes são os termos-chave para a compreensão da condição de adolescente, que contém fortemente a ideia de preparação para a

inserção futura” (ABRAMOS, 2005, p. 29). O conceito de juventude tem se vinculado a uma dimensão histórica e sociocultural, tendo sido concebido como uma construção social, histórica, cultural e relacional. Lassance (1998, p. 24) também afirma que a juventude é concebida em diferentes épocas e explica que:

O que marca a passagem da juventude clássica para a moderna é a forma pela qual são inventadas. Antes quem definia o lugar da juventude era a família e o Estado; modernamente, quanto mais a família e o Estado considera a juventude como uma idade, menos ela o é. Tornou-se um ator social em movimento. Reinventou a si própria.

Nesse aspecto, apresentaremos alguns dados os quais mostram que a Organização das Nações Unidas – ONU definiu o ano de 1985 como o Ano Internacional da Juventude devido a inúmeras iniciativas que visaram o levantamento de necessidades sociais dos jovens (NETO, 2013). Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS o Ministério da Saúde do Brasil e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, a adolescência é definida como um período biológico, psicológico e social que compreende dos 10 aos 19 anos de idade.

Após ter sido proclamado o Ano Internacional da Juventude, ainda no ano de 1985, organismos oficiais de juventude dos países Ibero-americanos mantiveram sucessivos encontros de trabalho e conferências de caráter intergovernamental, relativos a programas de desenvolvimento do setor jovem da população. Frente a esses encontros, foi surgindo interesse permanente dos governos pelas temáticas relacionadas com a cooperação internacional e o desenvolvimento de políticas comuns, destinadas a favorecer as novas gerações de ibero-americanos. O resultado foi a constituição de uma organização que consta no Estatuto da Juventude com a seguinte finalidade:

Artigo 2º Os fins gerais e específicos da Organização são: a) Propiciar e impulsionar os esforços que realizem os Estados Membros no sentido de melhorar a qualidade de vida dos jovens na região; b) Facilitar e promover a cooperação entre os Estados, bem como organismos internacionais, organizações não-governamentais, associações juvenis e todas as entidades cujo trabalho incida em matérias relacionadas com a juventude; c) Promover o fortalecimento das estruturas governamentais de juventude e a coordenação interinstitucional e intersetorial em favor das políticas integrais dirigidas aos jovens; d) Formular e executar planos, programas, projetos e atividades concordantes com os requeridos pelos Estados Membros, com o fim de contribuir para a consecução dos objetivos das suas políticas de desenvolvimento em favor da juventude; e)

Atuar como instância de consulta para a execução e administração de programas e projetos no setor juvenil, de organismos ou entidades nacionais ou internacionais; e f) Atuar como mecanismo permanente de consulta e coordenação para a adoção de posições e estratégias comuns sobre temas da juventude, tanto nos organismos e fóruns internacionais quanto perante terceiros países e agrupamentos de países. (p. 13)

Ficaram estabelecidos como responsáveis pela Juventude e pelo Conselho Diretor, os órgãos da Organização Ibero-americana da Juventude (OIJ) e a Conferência Ibero-americana de Ministros. A OIJ é um organismo internacional, vocacionado para o diálogo, a cooperação em matéria de juventude e financiado através de contribuições voluntárias de Estados Membros, no âmbito Ibero-americano definido pela Cúpula Ibero-americana de Chefes de Estado e de Governo.

Como podemos perceber para cada fase existe uma legislação que a ampara. A juventude é uma fase de grande relevância para o ser humano, visto que nela são tomadas inúmeras decisões as quais repercutirão por toda a vida. Decisões essas que incluem, por exemplo, a escolha profissional. Por isso, resolvemos pesquisar sobre trabalhos que apresentam perspectivas profissionais para este público, focando nas significações produzidas por jovens/adolescentes do ensino médio, sobre a mediação da escola na constituição de perspectivas de futuro.

De acordo com Silva (2016, p. 28):

Para a Organização Mundial da Saúde – OMS, a adolescência tem sido definida como o período que vai dos 10 anos aos 19 anos de idade. O mesmo critério etário é adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, que apresentou, conforme o resultado do Censo Demográfico de 2010, uma população infanto-juvenil num total (compreendida entre 10 e 19 anos de idade) de 34.157.633 (IBGE, 2010). Ainda seguindo o mesmo critério etário, o ECA determina a infância até os 12 anos e a adolescência dos 12 anos e 1 dia aos 18 anos de idade.

Essas instituições definem de forma etária e cronológica essa fase da vida humana. Vale destacar que a delimitação dessa fase não está fixada apenas pelo parâmetro etário. Também é interessante estabelecer essa faixa pelo ciclo vital, o qual demarca toda juventude, já que o ser humano está em constante transformação.

Reportando-nos ao Estatuto da Juventude, percebemos que existe um período de interseção em que os sujeitos são considerados jovens e adolescentes.

Tendo em vista que os sujeitos entre 15 e 18 anos são jovens/adolescentes, portanto, ressaltamos que em nossa pesquisa trabalharemos com o público de jovens/adolescentes.

3.1 Adolescentes: da naturalização à Sócio-Histórica

A passagem da infância para a adolescência, por muito tempo, restringia-se a um olhar biológico e naturalizante. Na adolescência o foco estava nas questões hormonais e sexuais. Esta fase possuía influência da psicanálise que reafirmava a naturalização. É preciso considerar que existem diferentes formas de vivenciar a adolescência as quais podem ser marcadas por diferentes condições sociais, materiais e históricas.

Sobre isso, ressaltamos a importância de pesquisarmos este tema, tendo como base uma abordagem que desmistifica a condição natural e universal da adolescência, abordando fatores como o histórico e o cultural, resultando num processo de mudança. Para Aguiar, Bock e Ozella (2015c, p. 208):

(...) o jovem não é algo “por natureza”. Como parceiro social, esta ali, com suas características, que são interpretadas nessas relações; tem, então, o modelo para sua construção pessoal. Construídas as significações sociais, os jovens têm a referência para a construção de sua identidade e os elementos para a conversão do social em individual.

Cada sociedade é caracterizada por uma cultura que contribui para a determinação da natureza da adolescência (SILVA, 2016). É do senso comum ouvirmos que a adolescência inicia-se com as mudanças corporais da puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica na sociedade adulta. Os critérios que definem esta etapa vão além do desenvolvimento físico, visível, e passam por questões sociais e psicológicas as quais precisam ser pensadas.

Esta fase da vida humana era tida como natural e universal, pois era assimilada pelo homem comum e pelos meios de comunicação de massa e ainda era reafirmada pela psicologia tradicional (NETO, 2013). Sobretudo, a juventude estava associada a um tempo de experimentação, marcada pela irresponsabilidade. De acordo com Bock (2007, p. 68), “a adolescência é vista como uma construção social com repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento”.

Ainda existe uma visão preconceituosa, presente na psicologia, acerca da fase da adolescência. Segundo Clímaco (1991) existe um risco em rotular de patológico o adolescente que não seja rebelde e de considerar saudável o adolescente tido como anormal. O autor afirma que, pensando assim é possível que problemas sérios apareçam e fiquem camuflados por este argumento, ou seja, que problemas sérios não sejam reconhecidos como tal.

Conceituar o termo adolescência não é fácil, pois é necessário superar a visão naturalizante. De acordo com Neto (1013, p. 28) a palavra adolescência vem do latim “o dicionário Houaiss (2000) diz que significa crescer até a maturidade, resultando em transformações de ordem social, psicológica e fisiológica”.

O que a psicologia tradicional afirmava é que, o início dessa fase da vida humana estava marcado por questões biológicas como, o aumento dos seios e o início da menstruação nas meninas, mudança na voz, primeira ejaculação, aumento do pênis e testículos nos meninos. Contudo, é complicado definir o término dessa fase, então, a ciência buscou estratégias e aspectos sociopsicológicos para fazer essa divisão das fases da vida humana. (NETO, 2013).

Neto (2013) explica ainda, que a adolescência começa quando as mudanças corporais da puberdade iniciam e a fase termina com a imersão social, profissional e econômica na sociedade adulta. Seguir uma definição de quando a adolescência começa e termina é complicado, pois o ciclo de vida do ser humano está a todo o momento se modificando. A sociedade vai se transformando com o passar do tempo e transformando o homem. Sendo assim:

[...] nas sociedades modernas, é considerada mais lenta e dolorosa, por motivos como: dificuldade de afirmação social, busca do emprego e qualificação; enquanto que nas primitivas, é mais ágil e atenuada pelos ritos de passagem, que acontecem cedo, além das condições sociais que facilitam a participação do mundo adulto, ter sua família, tornar-se guerreiro, caçador, adquirir respeito. (NETO, 2013, p. 31).

Em consonância com isso defendemos que o final da adolescência não está marcado apenas por mudanças fisiológicas, mas também por fatores socioculturais. Encontramos em Neto (2013) que a adolescência é uma construção social, uma etapa com momentos e significados interpretados pelo homem, ou seja, que ela é construída socialmente a partir das necessidades socioeconômicas e com características que vão sendo construídas no processo histórico-social.

Sobre isso desejamos que este trabalho exerça a ação de reflexão, para que pensemos mais sobre as nossas ações com a adolescência e que nos preocupemos com as implicações que a psicologia constrói nela. De acordo com Neto (2013, p. 37):

O entendimento da adolescência como fase/etapa do ciclo vital que deve ser compreendida contextualmente é fundamental para pensar em políticas públicas de atenção a estes jovens. (...) ao mesmo tempo em que se reflete sobre um olhar plural sobre a pessoa em desenvolvimento. Questões de ordem subjetivas e sociais somam-se para o entendimento de um processo historicamente constituído e ainda em construção.

Sobre o ciclo vital – parte de um processo histórico construído socialmente –, ele é tido como um reflexo de desenvolvimento desde o início do século XX, pois o jovem possuía a identificação como estudante, sobretudo nas famílias ricas. O adolescente era afastado do sistema produtivo para permanecer mais tempo na escola e são as escolas que vão estruturar essa categoria social e articular o convívio em torno de grupos, possibilitando o contato com mais experiências, contribuindo dessa forma para o desenvolvimento e para a formação educacional. Segundo Bock (2007, p. 70):

Não há nada de patológico; não há nada de natural. A adolescência é social e histórica. Pode existir hoje e não existir mais amanhã, em uma nova formação social; pode existir aqui e não existir ali; pode existir mais evidenciada em um determinado grupo social, em uma mesma sociedade (aquele que fica mais afastado do trabalho), e não tão clara em outros grupos (os que se engajam no trabalho desde cedo e adquirem autonomia financeira mais cedo). Não há uma adolescência, enquanto possibilidade de ser; há uma adolescência enquanto significado social, mas suas possibilidades de expressão são muitas.

Diante disso, nesta pesquisa compreendemos o jovem/adolescente como uma categoria social, que se diferencia de acordo com o contexto social e cultural. Nessa perspectiva, períodos históricos precisam ser levados em consideração, pois os processos sociais, culturais e políticos da sociedade adolescente são variáveis de período para período. Contudo, centramos nossa pesquisa na dimensão sociocultural e histórica (ARAUJO, 2013).

Diante desse aspecto, a psicologia contemporânea tem se apresentado com um olhar crítico, quando se trata das definições que contemplam questões as quais estão ligadas a fatores culturais e históricos. Em Silva (2016) esses fatores

contemplam as relações humanas, reconhecendo a adolescência como uma fase da vida humana a qual esta inserida no contexto histórico e constitutivo da sociedade.

A adolescência esta relacionada às transformações sociais, “é um fenômeno de forte caracterização cultural” (SILVA, 2016, p. 32). Porém, é necessário desmistificar a adolescência já que ela não está caracterizada como uma fase de transição, tampouco está associada à crise essencial da vida humana. Os adolescentes não estão em total desequilíbrio aguardando apenas o que a sociedade espera deles.

A adolescência tem sido vista na Psicologia como uma fase do desenvolvimento que apresenta características muito especiais, tais como rebeldia, crise de identidade, conflito geracional, tendência grupal, necessidade de fantasiar, evolução sexual manifesta e outras mais. Apesar de admitirmos que estas características são visíveis na maior parte de nossos jovens, entendemos que a Psicologia, ao desenvolver sua concepção sobre a adolescência, tem naturalizado este fenômeno, ou seja, a Psicologia não tem apresentado a adolescência como tendo sido produzida socialmente, no decorrer da história das sociedades ocidentais. (BOCK, 1999, p. 1)

A psicologia defende que existem fortes influências sociais na adolescência, contudo, entendemos que a adolescência é constituída socialmente. A psicologia naturaliza o desenvolvimento humano. Bock (1999) pretende explicar a superação da visão naturalizante presente na psicologia por meio de duas visões básicas citadas em seu artigo. Na primeira visão, que a autora denomina de “A visão liberal”:

[...] o HOMEM está concebido a partir da ideia de natureza humana: um homem apriorístico que tem seu desenvolvimento previsto pela sua própria condição de homem. Este desenvolvimento pode ser facilitado ou dificultado pelo meio externo, social e cultural. Um homem livre, dotado de potencialidades. Na relação HOMEM/SOCIEDADE, encontramos a visão de que a sociedade é sempre algo externo e independente dele e que está organizada para facilitar e contribuir com o desenvolvimento humano, mas que, em geral, a organização social é algo que tem dificultado e prejudicado o total desenvolvimento das potencialidades humanas. Os outros, enquanto indivíduos isolados, com os quais se entra em relação (uma relação próxima e afetiva) são importantes colaboradores no desenvolvimento das potencialidades. No geral e no sentido amplo, a sociedade é vista como contrária ao desenvolvimento natural da humanidade contida em cada homem. (BOCK, 1999, p. 1).

Sobre isso, Bock (1999) afirma que a visão naturalizante tem sido responsável pelo ocultamento de fenômenos com o jovem/adolescente e que aceita a realidade social como imutável, não enxergando na psicologia determinações que

são sociais. Na segunda visão, que a autora denomina de “A visão sócio-histórica”, tem-se que:

É aquela que entendemos como a que permite a superação desta visão liberal. Nesta, o HOMEM é histórico, isto é, um ser constituído no seu movimento; constituído ao longo do tempo, pelas relações sociais, pelas condições sociais e culturais engendradas pela humanidade. Um ser, portanto, em permanente movimento; um ser que tem características forjadas pelo seu tempo, pelas condições de sua sociedade, pelas relações que estão sendo vividas. O homem é visto a partir da ideia de condição humana e não de natureza humana. A condição humana se refere ao fato de o homem construir as formas de satisfação de suas necessidades e ao fato de fazer isso com os outros homens, e é das formas que constrói e da maneira como faz isso com os outros homens que tem as condições para se constituir. (BOCK, 1999, p. 2)

A pesquisadora informa que essa visão gera uma concepção de adolescência diferente da visão liberal porque vincula o desenvolvimento do homem à sociedade. Porque “despatologizamos” o desenvolvimento humano, isso o torna histórico, porque a concepção deixa de ser tão moralista ou prescritiva de uma suposta normalidade.

Dessa maneira, entramos em conformidade de que esta fase não é natural nem tampouco passiva, ou seja, não é uma fase que está à mercê de fatores biológicos, porém está caracterizada por uma construção sócio-histórica. Como afirmam Aguiar, Bock e Ozella (2015c, p. 207), “é um momento significado, interpretado e construído pelos homens”.

Com isso, aspectos sociais, econômicos e culturais contribuem para a constituição de período. “A adolescência foi tomando formas variadas e assumindo importância social diferente na organização das sociedades, em razão de diferentes momentos históricos vivenciados” (SILVA, 2016, p. 33).

Diante dessas formas variadas em diferentes vivências da historicidade surge o interesse em pesquisar questões relacionadas à perspectiva de futuro dos jovens/adolescentes. Percebemos a existência de produções acadêmicas de teses e dissertações que tratam de jovens e adolescentes na perspectiva de futuro, mas nenhuma trata a escola como mediadora para essa constituição – que é de fato muito importante, tendo em vista que os jovens/adolescentes de hoje serão os futuros profissionais que administrarão nosso país, que atuarão nos diversos seguimentos da sociedade.

Essa visibilidade ultrapassa os muros escolares através de outras discussões, de leituras sobre a fase e da minha vivência como orientadora educacional no ensino médio. Diante dessas experiências, percebemos que realizar uma pesquisa sobre a perspectiva de futuro de adolescentes é necessário, primeiramente, buscarmos leituras que fundamentam e dão subsídios à pesquisa, que é preciso ouvi-los, entendê-los e levá-los à reflexão acerca das suas vidas, das suas atitudes, dos seus desejos, dos seus sonhos.

A juventude é uma fase marcada por mudanças não só corporais, mas também mudanças de pensamentos. É uma fase que “se encontra num processo de conquista de autonomia e para ele o futuro se coloca como interrogação” (NETO, 2013, p. 45). Jovens elaboram perspectivas acerca de suas próprias vidas, é uma fase que existem muitas reflexões acerca do futuro, sobre isso Neto (2013, p. 45) aborda:

[...] à medida que alcança a maturidade, começa a tentar definir sua identidade profissional, pensar sobre qual a melhor opção para si de curso superior, e passa a olhar, preocupado para o mercado de trabalho, porque será por meio da profissão e do retorno financeiro que esta proverá que será possível alcançar sonhos como: possuir uma casa, pensar em viagens e constituir família.

São muitas as possibilidades de perspectivas alocadas nos pensamentos, como também de futuro que logo passam a ser reais – presentes onde são concretizados os sonhos ou não. Locatelli, Bzuneck e Guimarães (2007) informam que a perspectiva de futuro é a busca por metas futuras, as quais se referem ao futuro cronológico dos jovens/adolescentes, num processo que acontece movido por episódios diversos, seja pelo fato de concluir o ensino médio, por ingressar na universidade ou ingressar no mercado de trabalho.

Esse assunto está conquistando espaço, pelo fato de atender aos anseios da sociedade, sobretudo dos próprios jovens/adolescentes. Fazendo com que, esta fase seja analisada e compreendida por eles e por nós adultos, não como uma fase de rebeldia, mas como uma fase de pessoas que precisam de motivações e mediações para tomar decisões sobre seus projetos de futuro.

Essas mediações estão permeadas de significação que são desenvolvidas através da percepção das vivências. “A maneira como o adolescente encara as dificuldades que a ele se apresentam, remete ao âmbito experimental e ao significado que retira dessas experiências” (NETO, 2013, p. 43).

É preciso levar em consideração, sobretudo, o modo como às escolas oferecem o ensino, fomentando a geração de pessoas críticas, pensantes, autônomas que visem à busca de um espaço no mercado de trabalho. Sobre isso o Estatuto da Criança e do Adolescente informa que o adolescente tem direito à educação e ao seu pleno desenvolvimento, que possui direito ao preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho e que lhes são assegurados, sobretudo, igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; II – progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio; III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV – atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos de idade; V – acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um; VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador; VII – atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (BRASIL, p. 35)

Sobre isso, a perspectiva de futuro dos adolescentes é construída a partir de variáveis como idade cronológica e nível socioeconômico, bem como por influência da escola, dos pais, dos professores os quais promovem a motivação. Vale salientar que a família possui um papel significativo na adolescência e forte influência nesse planejamento, o qual se constitui por aspirações que transpassam pela cultura, pela escola e pelo histórico de sucessos e fracassos.

3.2 Perspectiva de futuro e escolarização: compreendendo esta relação

Neste ponto iremos abordar a relação que o jovem/adolescente mantém com o ambiente escolar e como essa relação reflete na sua perspectiva de futuro. Destacamos que a escolarização é um processo de construção de saberes que são constituídos, construídos e incorporados, nos quais estão envolvidos conflitos e tensões.

A juventude, diferente do período da infância, é uma fase que adentra o mundo social de forma consciente, ou seja, o conhecimento, as artes, as ciências e a cultura passam a ser assimilados com mais intensidade. Nesta fase da vida humana, os pensamentos vão se constituindo em meio às próprias convicções que

visam atender especialmente aos interesses próprios. Segundo Silva (2016, p. 41), o sujeito:

[...] descobre ainda que seu pensamento e seus comportamentos, durante o processo de amadurecimento, voltam-se cada vez mais para o mundo, para os grupos (de semelhantes) e para outras pessoas fora de seu meio familiar, as quais passam a ter especial importância na formação do conteúdo de seu pensamento.

Dessa forma, a comunicação possui um papel importante para a formação de conceitos que auxiliarão nas tomadas de decisões, em relação ao que os jovens/adolescentes pensam acerca da perspectiva de futuro. Em cada idade são produzidas diferentes mudanças psíquicas e sociais que vão determinando a fase vivenciada e, por meio de um processo dialético, entre o objetivo e o subjetivo, o jovem/adolescente vai se desenvolvendo socialmente e culturalmente.

Nesse sentido, percebemos que os comportamentos são formados a partir de idades anteriores, às quais servem como base para novas condutas. Quando o jovem/adolescente começa a refletir sobre seus projetos de futuro, as mudanças passam a ser significativas, visto que estão permeadas por interesses e atrações próprias.

Considerando este ponto, acreditamos que a escola pode oferecer subsídios para que o jovem/adolescente almeje projetos para seu futuro. Segundo Neto (2013, p. 48) “o processo de escolarização tem uma relação direta com a definição da identidade pessoal e até com a escolha vocacional futura” num processo de estímulo e desenvolvimento cognitivo, no qual o jovem/adolescente aprende a pensar mais e passa a conhecer melhor suas capacidades e potencialidades.

Sobre esses interesses, vale salientar que a escola esta diretamente relacionada a este aspecto. Entretanto, podem surgir desinteresses em relação à escola e um negativismo em relação à perspectiva de futuro. Esse desinteresse pelos estudos pode estar relacionado à repulsa ao meio em que vive, diante disso, Silva (2016, p. 44) ressalta que:

O processo de desenvolvimento dos interesses não surge mecanicamente, mas está contido [num] “[...] processo interno e de reestruturação da personalidade, reconstroem as próprias formas de atração, elevando-as a um patamar superior e transformando-as em interesses humanos, por si mesmo convertendo-se em momentos internos integrantes da personalidade.” (apud VYGOTSKY, 2012, p. 36). Para a Psicologia Histórico-cultural, o desenvolvimento não é um

processo uniforme e linear, mas intenso, permeado de intercorrências e determinado pelas alterações hormonais e outras mudanças orgânicas, mas, sobretudo, pela reestruturação de um novo sistema de relações com o meio.

Considerando este aspecto, permeado por intercorrências e reestruturado por um sistema de relações com o meio, ocorre à ruptura dos velhos interesses e a formação de novos. É nesse processo dialético de contradições entre interesses, entre as construções antigas e novas estruturas que vão se formando e gerando instabilidades.

Nessa discussão, a Psicologia Sócio-Histórica compreende o jovem/adolescente como uma construção que é histórica e social, possuindo interesses que são resultados de uma subjetivação, de uma realidade objetiva. Por isso, se faz necessário à reflexão sobre eles, para que seja possível o adolescente se tornar sujeito da sua própria trajetória de vida, consciente do percurso o qual idealiza para seu futuro e do seu papel em seu próprio projeto de futuro.

Ao analisarmos a pesquisa realizada por Gunther e Gunther (1998), o que podemos perceber é que os jovens/adolescentes que frequentam escolas particulares apresentam maiores chances de possuírem qualidade de vida e melhores aspirações para o futuro; os jovens/adolescentes que estudam nas escolas públicas têm menor esperança de um emprego que poderá garantir boa qualidade de vida e a posse de uma casa própria. Suas expectativas de futuro, em geral, são iguais às do presente: pequenas e sem muitas aspirações.

Por outro lado, Del Prette e Del Prette (2000) afirmam que a perspectiva promissora de futuro é a do jovem/adolescente que frequenta a escola pública, pois esta voltada para a busca de uma vida com mais qualidade e sabe que esta qualidade só virá por meio dos estudos e do trabalho.

De acordo com Faria (2013), a escola pode propiciar a aprendizagem de modelos culturais para realização pessoal, aquisição e expansão de interesses, talentos e paixões. Contudo, existe uma tendência de algumas escolas moldarem o jovem/adolescente, ou seja, prepará-lo para atingir metas que elas desejem, ou adaptá-lo a questões sociais como o modo de agir em determinados lugares, bem como de realizar a transmissão de saberes os quais elas consideram legítimos e únicos. Dessa forma:

Os sujeitos jovens enfatizaram as funções da escola em contribuir para a formação e afirmação de suas personalidades, o que inclui e

ultrapassa a transmissão de conhecimentos e a preparação de competências e de oferecer espaços de experimentação de ser sujeito, ou seja, de propiciar experiências de subjetivação (VALE, 2007, p. 43).

Nesse contexto salientamos que, no art. 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN Nº 9.394/96, o ensino médio tem como objetivos: a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade às novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática no ensino de cada disciplina.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional afirma que o ensino médio “deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social” (Art.1º § 2º da Lei nº 9.394/96). As perspectivas para este nível de ensino são de integrar numa mesma e única modalidade, finalidades até então dissociadas, para oferecer, de forma articulada, uma educação equilibrada, com funções equivalentes para todos os educandos:

- a formação da pessoa, de maneira a desenvolver valores e competências necessárias à integração de seu projeto individual ao projeto da sociedade em que se situa;
- o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- a preparação e orientação básica para a sua integração ao mundo do trabalho, com as competências que garantam seu aprimoramento profissional e permitam acompanhar as mudanças que caracterizam a produção no nosso tempo;
- o desenvolvimento das competências para continuar aprendendo, de forma autônoma e crítica, em níveis mais complexos de estudos. (PCNEM, 2000, p. 10)

Nesse sentido, a educação precisa ser um elemento de desenvolvimento social. Compreendemos que a noção de competência acima exposta, almeja o pleno desenvolvimento do aluno para o mercado de trabalho, submetendo o indivíduo a sua lógica de funcionamento, com vistas ao desenvolvimento produtivo. Para esclarecer sobre quais competências estamos nos reportando, iremos nos embasar

no documento que trata dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, o qual afirma que as competências são:

Da capacidade de abstração, do desenvolvimento do pensamento sistêmico, ao contrário da compreensão parcial e fragmentada dos fenômenos, da criatividade, da curiosidade, da capacidade de pensar múltiplas alternativas para a solução de um problema, ou seja, do desenvolvimento do pensamento divergente, da capacidade de trabalhar em equipe, da disposição para procurar e aceitar críticas, da disposição para o risco, do desenvolvimento do pensamento crítico, do saber comunicar-se, da capacidade de buscar conhecimento. Estas são competências que devem estar presentes na esfera social, cultural, nas atividades políticas e sociais como um todo, e que são condições para o exercício da cidadania num contexto democrático. (PCNEM, 2000, p. 11-12)

Para que esse desenvolvimento produtivo e social ocorra é preciso que se ampliem as capacidades de se combater as desigualdades. A aprendizagem precisa ser algo permanente e como elemento central dessa formação a construção da cidadania.

Em relação à cidadania e às expectativas de ingresso na universidade por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), exclusivamente para os alunos do ensino médio, temos que o ENEM, implantado em 1998, tinha o objetivo apenas de avaliar o desempenho do aluno, ao término da escolaridade básica, para aferir o desenvolvimento das competências fundamentais necessárias ao exercício pleno da cidadania. Atualmente, o exame é obrigatório para o ingresso nas Universidades. Aplicado, anualmente, mediante uma prova única que abrange todas as áreas de conhecimento.

Por outro lado, se a construção do conhecimento científico, tecnológico e cultural é também um processo sócio-histórico, o ensino médio pode configurar-se como um momento em que necessidades, interesses, curiosidades e saberes diversos se confrontam com os saberes sistematizados, produzindo aprendizagens socialmente e subjetivamente significativas. Num processo educativo centrado no sujeito, o ensino médio deve abranger, portanto, todas as dimensões da vida, possibilitando o desenvolvimento pleno das potencialidades do estudante.

Propomo-nos a prosseguir com a discussão de que a escola está posta para os jovens/adolescentes como uma forma de vivência que promove e proporciona a construção de valores, projetos de vida, expectativas e incertezas. Com isso, os sujeitos assumem um papel ativo, pois se envolvem nas questões

escolares, passando a pensar em si, bem como no meio social em que vivem, começando a criticar as coisas, os fatos e a si questionarem. Podendo acontecer de exigirem além do plano pedagógico ou do que está posto no currículo, sobretudo é nessa dialética que surge o planejamento do jovem/adolescente acerca de sua perspectiva de futuro.

Corroboramos com Faria (2013) quando aborda sobre a relação entre escola e juventude. A autora afirma que essa relação está marcada por tensões e desafios: de um lado à escola exige do estudante o aprender e, do outro, o estudante exige da escola viver. É preciso ter cuidado, pois essa relação pode causar prejuízo, interferindo em questões sociais, afetando, por exemplo, o processo de socialização desses adolescentes.

Essa relação precisa ser fortalecida não só entre os jovens/adolescentes, mas com a família. Quando a escola envolve a família em suas atividades, reafirma o papel dos responsáveis como educadores no lar e ao mesmo tempo todos passam a conhecer melhor este estudante, pois é preciso conhecer o que esse jovem/adolescente constrói para sua vida quando não está na escola, como ele ocupa seu tempo. A escola precisa estar alerta para todas as dimensões de experiência social. Sobre o tema, Dayrell (2011, p. 12) diz que:

O jovem aluno do ensino médio é compreendido apenas na sua dimensão de aluno. Dessa forma o ser aluno aparece como um dado natural e não como uma construção social e histórica. O momento da fase de vida e suas peculiaridades, a origem social, o gênero e a etnia, entre outras dimensões que o constituem como jovem, não são levados em conta e constroem a vida do aluno fora da escola como um tempo vazio de sentido, um não tempo. Nessa compreensão, pouco se apreende sobre os sujeitos reais que frequentam a escola, as múltiplas dimensões de sua experiência social, suas demandas e expectativas.

Para a escola, o jovem/adolescente se convencionou em características de individualismo e irresponsabilidade. Por outro lado, esses mesmos jovens/adolescentes buscam um modelo de instituição que não se caracterize apenas por repasse de conteúdos. Dessa maneira, a tendência é ver a escola como enfadonha, com professores que pouco acrescentam e que se mostram distantes de seus interesses (FARIA, 2013).

Considerando a escola como um espaço de relações sociais que podem ser produtivas ou não, observamos que existem vários aspectos que podem interferir nas experiências dos jovens/adolescentes e em suas perspectivas de futuro. Um

exemplo disso está na trajetória de vida, de como ocorre à sociabilidade, da influência que, por vezes, permite ter da escolarização, da sua identidade grupal, das dúvidas de como será sua entrada no mundo do trabalho, das relações afetivas e sexuais e das relações familiares.

Nesse contexto, que é desigual, Faria (2013) informa a relevância de se observar a forma como os jovens/adolescentes alimentam suas aspirações, suas expectativas em relação à escola, para ter um futuro melhor e ao mesmo tempo vivenciam as dúvidas e incertezas em relação a este futuro. Para Bock (1999) “a adolescência é um momento rico no desenvolvimento das pessoas. Nada possui de patológico ou doentio. A adolescência, ao contrário da doença mental, é caracterizada pelo aumento do vínculo do sujeito com a realidade”.

Em muitos casos, o que acontece é uma articulação entre a vida escolar e o trabalho, ao custo dos sacrifícios que tal combinação impõe. Compreendemos que é preciso buscar e entender a relação estabelecida entre os jovens/adolescentes e a escola, a partir de um referencial que os vejam em sua integralidade. Esses estudantes buscam também novas oportunidades de vida com a possibilidade de uma maior escolarização (FARIA, 2013).

É nesta direção que adentramos no universo simbólico dos sujeitos, das suas visões sobre a escolarização e as transições do ensino médio em conexão com os projetos de futuro e, com isso as trajetórias escolares não estão descoladas das trajetórias sociais.

3.3 Adolescentes e escola

Com o propósito de modelar um marco compreensivo-reflexivo discutiremos sobre a educação escolar de jovens/adolescentes que estão no ensino médio. Aqui, trataremos sobre aspectos relacionados ao papel da escola de ensino médio para as perspectivas de futuro dos jovens/adolescentes, tomando como base autores e pesquisadores que corroboram com nosso objeto de estudo.

A nossa pesquisa é atual e pertinente posto que apresenta dois grandes eixos: as significações que jovens/adolescentes de ensino médio constroem em relação ao futuro e a mediação da escola na construção das perspectivas de futuro.

Psicologia, Educação, Sociedade formam um tripé que se entrelaça, que movimenta, visto que a escola, o jovem/adolescente e a vida são movimentos –

todos somos movimentos. A chegada dos últimos anos na educação básica é um momento angustiante, para alguns estudantes, e ao mesmo tempo de muitas dúvidas e reflexões. De acordo com Aranha (2009) são poucas as escolas que ajudam os jovens a pensarem nos planos para a vida sem a escola. Ela explica que, numa fase de muita agitação, professores tentam prender a atenção da turma fazendo um verdadeiro terrorismo do vestibular.

Ocorre que, a maior parte dos jovens sequer sabe se vai continuar os estudos ou o curso que vai prestar. A ONG Ação Educativa (2013), em uma pesquisa com jovens, na periferia de São Paulo, encontrou dois grupos que esperam a escola preparar para o mercado de trabalho e outro menor, que espera que a escola prepare para o vestibular. Foi percebido que antes de decidir se querem curso técnico ou conteúdo para o vestibular, eles querem ajuda para conhecer as alternativas.

A escola se apresenta ainda com papel que é necessário para a vida do ser humano, sobretudo, no ensino médio. É fundamental que além do conteúdo a ser cobrado no ENEM a escola dialogue sobre as possíveis alternativas para que o jovem, democraticamente, faça sua escolha.

É difícil escolher algo quando não se conhece todas as alternativas e possibilidades. Por isso, a escola se faz presente e com uma função em muitos casos primordiais, decisivas para a constituição do jovem/adolescente em um ser humano adulto.

Com a Lei de Diretrizes e Bases - LDB nº 9.394-96 - se inicia um novo “ciclo” de reforma no ensino médio, com inovações e repercussões significativas para o processo da educação brasileira. Alguns pontos, segundo a CEBRAP, (2003, p. 19):

Instituição da obrigatoriedade do ensino médio, como sendo objetivo a ser progressivamente buscado pelo Estado brasileiro; Instituição para o ensino básico (incluindo o ensino médio) de uma carga horária mínima de 800 horas por ano, ao longo de, pelo menos, 200 dias letivos; Possibilidade, sem especificação de critérios precisos, de que os recursos públicos destinados à educação possam ser alocados em escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, incluísse para bolsas de estudos.

Dessa forma, a escola esta preparada para responder as perguntas dos jovens. Por exemplo, se um jovem fizer a seguinte pergunta: “Afim de contas, por que continuar a estudar?” Se a escola utilizar a metodologia e argumentar apenas a

favor da importância do processo educacional, no futuro, ele estará fadado ao insucesso.

A escola, antes de tudo, precisa entender melhor esses jovens/adolescentes, aproximar-se deles e trazer elementos que estimulem e que façam pontes sólidas, da escola com a realidade deles. Nossa discussão, nesse ponto, permeia sobre como a escola entende e reage às características desses estudantes.

Diante disso, a conexão entre os jovens/adolescentes e seu futuro com a escola deve percorrer caminhos estreitos e entrelaçados. Não podemos deixar que a dúvida desses estudantes percorra um viés meritocrático, o qual converge para a aceitação de problemas na educação como sendo “naturais”.

Ao passo que realizamos a pesquisa, surgiram pontos que merecem destaque, pois percebemos a necessidade de conhecermos quem são esses jovens que frequentam a escola, qual o lugar da escola na produção do conhecimento e como decorrem as relações com os professores no horizonte das motivações para que pudéssemos chegar às mediações que constituem a perspectiva de futuro.

Entendemos que os estudantes possuem saberes construídos no cotidiano que são socializados, questionados e discutidos. Estamos considerando a importância da relação entre adolescência e escola, num debate teórico do ser jovem no presente e constitui uma geração em processo de vir a ser. Paulo Freire (1996, p. 13) explica que:

As escolas não são espaços exclusivos para o puro aprender e para o puro ensinar. São locais nos quais se estabelecem vínculos e se criam expectativas e sentimentos. Ou seja, ensinar não pode ser constituído por um simples repassar ou transmitir conhecimento. O próprio processo de conhecer exige a percepção das relações – com os objetos e com as pessoas.

Segundo Abramovay (2015, p. 19), “a centralidade atribuída pelos jovens à educação em seus projetos de vida e o papel estratégico dos professores é uma tônica no trabalho [...] reiterada quando os debates se orientam ao tema perspectiva de futuro”.

Os jovens, atualmente, se encontram em uma etapa de construção de identidades, buscam autonomia, procuram galeras. “O Estado, a família e a escola continuam pensando na juventude como uma categoria de trânsito, uma etapa de preparação para o futuro” (ABRAMOVAY; CASTRO; WAISELFISZ, 2015, p. 28).

Ocorre que o jovem/adolescente deseja viver intensamente seu presente; não desconsiderando a busca pelo projeto de futuro, é uma fase de construção de identidades. Acerca disso, é interessante que ocorra uma dialética implícita entre o hoje e o amanhã, entre a adolescência e a escola.

3.4 Adolescentes: perspectiva de futuro e orientação profissional

Neste tópico trataremos de contextualizar a Psicologia Sócio-Histórica com o jovem/adolescente e seu projeto de futuro mediados pela orientação educacional. Nossa discussão sobre o jovem/adolescente se dá pelo fato de ser este o grande público que compõe o ensino médio e, por isso, faz parte do grupo de sujeitos participantes da nossa pesquisa, bem como pelo fato de, em sua grande maioria, não estarem no mercado de trabalho e terem que pensar sobre suas perspectivas de futuro ao concluírem a educação básica.

A partir do século XX, a adolescência passa a ser tratada como um objeto de estudo da ciência. Este momento da vida humana ficou marcado como uma fase de conturbações que estão vinculadas às questões sexuais. Durante todo o século XX, existia uma visão naturalista em relação a esta etapa da vida humana, que era produzida e reproduzida pela cultura e pelos meios de comunicação de massa (AGUIAR, BOCK, OZELLA, 2015d).

Bock (2004) apresenta a adolescência a partir de um estudo realizado por Bock (2002) com a finalidade de orientar pais e professores, fazendo com que houvesse uma leitura crítica acerca das concepções de adolescência e procurando desvendar a perspectiva naturalizante desta etapa da vida humana.

A adolescência tem sido, a nosso ver, definida, como uma fase natural do desenvolvimento humano. Ela está pensada como se fizesse parte da natureza humana e como algo que desabrocha ao final da infância e antes da vida adulta. É apresentada com características que são tomadas como naturais e todos os indivíduos normais passam obrigatoriamente por essa fase do desenvolvimento. (BOCK, 2004, p. 32)

A adolescência ainda tem sido tomada, na psicologia, como uma etapa natural, sendo algo familiar e esperado, segundo Bock (2004), a partir do aparecimento de pelos no corpo, definições das características sexuais, surgimento da rebeldia e das insatisfações. Esses são fatores físicos, mas além deles não

podemos esquecer de que a adolescência é um momento significativo, interpretado e construído pelos homens.

Vista como uma etapa de desprendimento, a adolescência, possui mentalidade própria da fase. Aberastury e Knobel (1981, p. 10) introduzem a definição “síndrome normal da adolescência” e condicionam toda a realidade biopsicossocial a circunstâncias interiores, ao afirmar a existência de uma “crise essencial da adolescência”. Nessa etapa da vida, o adolescente se apresenta vulnerável, no que diz respeito à assimilação de projetos, podendo passar por desequilíbrios e instabilidades que pressupõem crises existenciais. A adolescência é uma fase crucial na vida do homem e constitui uma etapa decisiva de um processo de desprendimento.

Sobre essa síndrome, Bock (2004) explica que está caracterizada pela busca da identidade do jovem/adolescente, pela tendência grupal, pela necessidade de fantasiar fatos, por crises religiosas, por deslocamentos temporais, quando pode ter características de ações primárias, por questões sexuais, por atitudes antissociais, contradições na conduta, separação progressiva dos pais e instabilidade no humor e no ânimo.

Muitos adolescentes não são rebeldes e explicam que considerar a rebeldia um fato normal pode gerar diversos problemas responsáveis pelo ocultamento de fenômenos. De certa forma, há a camuflagem de um fato que os autores chamam de “anormal”, deixando-se de observar problemas sérios de comportamento, já que nesta etapa nada deve ser minimizado ou tratado como bobagem.

Diante disso, fazemos a crítica à concepção naturalista, pois de acordo com Aguiar, Bock e Ozella (2015c) a adolescência é uma construção histórica. A realidade social é mutável e existem questões que são determinadas por fatores sociais. De acordo com estes autores “a visão sócio-histórica concebe o homem como um ser histórico, isto é, um ser constituído no seu movimento, pelas relações sociais, pelas condições sociais e culturais engendradas pela humanidade” (p. 205).

Nesta citação fica claro que a adolescência deixa de ser analisada como algo abstrato, para ser vista como um momento de desenvolvimento mediado pelo social. As questões que envolvem identidade, personalidade e subjetividade passam a ser entendidas como construções históricas, ou seja, a sociedade é construída por

nós e ao mesmo tempo ela possibilita nos constituirmos e entendermos esse movimento como parte do processo histórico.

“A adolescência é vista como uma construção social que tem suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento” (BOCK, 2004, p. 39). Fundamentando-se na abordagem sócio-histórica esta etapa da vida não ocorre por meio de uma construção natural, visto que o momento é construído pelos homens. A adolescência se constitui também como fenômeno social, pois as marcas do desenvolvimento corporal são significadas socialmente.

Para a Psicologia Sócio-Histórica a adolescência “é criada historicamente pelo homem nas relações sociais, enquanto um fato, e passa a fazer parte da cultura enquanto significado” (AGUIAR, BOCK e OZELLA, 2015c, p. 207). Os autores afirmam ainda que “é um momento significado, interpretado e construído pelos homens” (p. 207). As marcas do desenvolvimento do corpo humano, principalmente na adolescência, não afirmam que esta etapa é natural, pelo contrário, essas marcas são significadas socialmente.

Sobre este assunto citaremos, como exemplo, o desenvolvimento dos seios nas meninas. No início do século passado, era visto somente como possibilidade de amamentação dos seus filhos, porém, atualmente, os seios tornam as meninas mais sensuais e sedutoras. Já nos meninos a força dos músculos, por exemplo, era vista no passado como possibilidade de caçar, guerrear e trabalhar, atualmente é tida como beleza e sensualidade.

A abordagem sócio-histórica explica que o jovem/adolescente se constitui historicamente e que só é possível compreender a fase a partir da sua inserção na totalidade. Faz-se necessário perceber que essa totalidade social é constituída da adolescência para a juventude, pois sem as condições sociais a etapa da vida humana da qual estamos tratando não existiria ou não seria esta que abordamos.

“A abordagem sócio-histórica ao estudar a adolescência, não faz a pergunta o que é adolescência, mas como se constitui historicamente este período do desenvolvimento” (BOCK, 2004, p. 40). Fica evidente que é possível compreender o fato a partir da análise da sua totalidade, pois é ela que o constitui. O significado social vai se construindo à medida que os fatos vão acontecendo, ou seja, num processo histórico a adolescência vai surgindo.

A adolescência foi construída através de diversos fatores. Um deles foi a sofisticação tecnológica que exigia uma formação específica, aumentando os requisitos para a entrada no mercado de trabalho. Dessa forma, as crianças precisavam ficar mais tempo na escola. Diante do período prolongado e o distanciamento da família ocorre a criação de um novo grupo social: os jovens/adolescentes.

O adolescente se distancia do mundo do trabalho e, com isso, se distancia também das possibilidades de obter autonomia, causando o aumento da dependência do adulto. É uma etapa caracterizada também pela rebeldia, pois o adolescente “está apto a fazer muitas coisas da vida adulta e não tem autorização para isso, é alguém que deixa de experimentar suas possibilidades na realidade social, podendo mesmo se ver como onipotente, pois também não testa seus limites e impossibilidades” (AGUIAR, BOCK e OZELLA, 2015c, p. 211).

Consoante a isso, entendemos que parte do processo de construção dessa fase teve início com as revoluções industriais, posteriormente a necessidade de manter as crianças na escola por um tempo maior – tanto pelos pais que necessitavam trabalhar o dia inteiro, mas também pelo fato de passar a exigir mais qualificação, mais competência técnica. Portanto, é preciso superar a visão naturalizante e entender que a adolescência foi e é construída socialmente (BOCK, 2004).

Segundo Bock (2004) as características descritas pela Psicologia tomam outro sentido, pois não são naturais, elas são construídas nas relações sociais, como explica a abordagem sócio-histórica. As “marcas” do jovem/adolescente e seus significados modificaram-se no tempo, ou seja, o jovem/adolescente não foi sempre à mesma coisa. Diante disso, “não há nada de patológico; não há nada de natural. A adolescência é social e histórica” (BOCK, 2004, p. 42).

Podemos existir hoje e não mais amanhã. Pode a existência se configurar de outra forma, em outra formação social. Um determinado grupo social pode ter mais evidência que outro, sendo assim, essa etapa não está posta como uma possibilidade de ser, mas como um significado social com diversas possibilidades de expressão.

Em consonância com a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, consideramos compreendermos a historicidade para entendermos as questões sociais. De acordo com Nogueira (2016, passim), discutir as expectativas de futuro

dos adolescentes, bem como seus dilemas e conflitos nos remete a um processo dialético com o mundo atual – altamente tecnológico. Ou seja, as ações mudam rapidamente, o pensamento pode ser transformado em instantes, as percepções podem ser alteradas em minutos e tudo isso exerce influência no pensamento dos jovens/adolescentes.

Na pesquisa, empregamos o termo jovem/adolescente, mas cabe complementar, que existem, nas diferentes ciências, distinções para a utilização dos termos jovem e adolescente. Sobre isso, (NOGUEIRA, 2016, p. 48) explica que:

A psicologia, a psicanálise e a pedagogia trabalham com a concepção de adolescência, cujos estudos tratam de compreender o sujeito particular quanto as suas vicissitudes, singularidades psíquicas, seu comportamento, ou seja, suas transformações enquanto sujeito. Já a sociologia trabalha com o conceito de juventude, por investigá-la sob o ponto de vista de ciclo de vida, de um período que se encontra no interstício das funções sociais da vida infantil e das funções sociais da vida adulta. Já na perspectiva da psicologia sócio-histórica a concepção de adolescência é conceituada dentro de uma visão dialética, sem dicotomizar sujeito e sociedade. A adolescência é vista como uma construção social, que por sua vez, não é vista aqui como uma etapa natural entre a vida adulta e a infância.

Tal qual como outra categoria social, a adolescência, é resultante de uma vivência situada histórico-socialmente, portanto, cada ciência utiliza o termo que mais se aproxima da sua concepção. “Em consonância com o referencial adotado, o materialismo histórico-dialético, e partindo da ideia de que a categoria historicidade é a que nos permite uma análise histórica” (NOGUEIRA, 2016, p. 71), discutiremos sobre jovens/adolescentes, que são estudantes do ensino médio, bem como suas perspectivas de futuro.

Para esta discussão, consideraremos as condições objetivas e subjetivas que servirão de argumento aos projetos de futuro. Cabe ressaltar que:

No decorrer do desenvolvimento histórico, acompanhamos a passagem de um sujeito constituído no cerne de uma sociedade holística, coletivista, cuja totalidade social é valorizada, para uma forma ideológica das sociedades ocidentais modernas, as quais disseminam um sujeito como detentor unicamente dos rumos de sua vida, o valorizando como um ser individual, cuja lógica é “cada um por si”, cada um deve se responsabilizar por conduzir sua vida pessoal e profissional. (NOGUEIRA, 2016, p. 73)

Dessa forma, não é permitido que o jovem/adolescente reflita sobre as condições objetivas existentes ou sobre a sua subjetivação. “As escolhas que o

homem faz se configuram como elementos determinantes do seu modo de ser no mundo” (NOGUEIRA, 2016, p. 75). Com isso, é possível inferirmos que as escolhas são produtos da vivência de cada ação experienciada, refletida no projeto de futuro dos estudantes adolescentes.

Faz-se necessário pontuarmos que a concepção de homem, como sujeito, leva em conta questões sociais que revelam a liberdade do jovem/adolescente frente a sua perspectiva de futuro. Constituindo-se na relação com o outro e mediada pelas possibilidades que envolvem o social, pensar na perspectiva de futuro dos estudantes do ensino médio é pensar numa expressão do movimento de objetivação e subjetivação. Segundo Nogueira (2016) é pensar num fenômeno que se constrói numa relação e se configura numa intenção a qual é mediada por reflexões.

Diante desse contexto, a proposta da orientação profissional é fazer com que haja a aproximação do sujeito com as profissões. Por isso, é necessário desenvolver uma forma para que esta aproximação aconteça visando à superação mecanicista e tradicionalmente utilizada, ou seja, de que as profissões e ocupações não são pensadas ou operadas de forma abstrata pelo indivíduo, pois é preciso buscar uma interpretação de como os jovens/adolescentes escolhem suas profissões, de como os estudantes do ensino médio pensam sobre suas perspectivas de futuro.

Com a visão sócio-histórica do indivíduo defendida nesta abordagem encontramos em Bock (2002) que o indivíduo busca o entendimento de que ele se constrói a partir do que vive, isto é, da internalização do vivido, resultando daí na dimensão histórica da construção de sua identidade.

Quando o adolescente pensa em seu futuro, ele nunca o faz de forma despersonalizada. “Ao escolher uma forma de se envolver no mundo do trabalho bem como a atividade que vai desenvolver, a pessoa mobiliza imagens que adquiriu durante sua vida” (BOCK, 2002, p. 78). É a partir da sua vivência que o jovem/adolescente constrói uma imagem e começa a pensar numa profissão. Esta imagem é gerada a partir do que o jovem/adolescente vê na mídia ou em leituras, das experiências vividas e por contatos pessoais.

A imagem que o jovem/adolescente traz do ambiente em que viveu a vida toda age como ponto de partida para a sua escolha profissional. Inicia então, a construção da imagem de uma profissão. Sobre isso Bock (2002) aborda a respeito

de um processo de identificação, explicando que a imagem vista de cada profissão por cada pessoa não ocorre necessariamente pelo aspecto objetivo racional, mas por necessidades subjetivas que foram construídas no social e na relação com a história.

Existe um programa de Orientação Profissional criado por Silvio Bock e seus colaboradores que apresenta características inovadoras e progressistas na área da orientação profissional.

Uma das características fundamentais é entender que a orientação profissional não é de competência exclusiva de uma única área. Ao contrário, o fenômeno da escolha profissional do indivíduo será mais bem compreendido com o aporte das mais variadas ciências. É bem verdade que, no Brasil, psicólogos e pedagogos mantinham um acordo tácito, enquanto divisão do mercado de trabalho: os primeiros exerciam suas atividades nas clínicas e os segundos nas escolas. Mas o programa que será descrito prevê que pelo menos a sociologia, a pedagogia e a psicologia estejam presentes no desenvolvimento do processo. (BOCK, 2002, p. 82)

Este programa foi desenvolvido a partir de 1981, na Fundação Carlos Chagas, acreditando que para haver uma intervenção significativa na escolha profissional, faz-se necessária a interdisciplinaridade, ou seja, contar com a experiência de várias ciências. Vale salientar que o programa de Silvio Bock está dividido em três unidades.

O primeiro módulo trata do significado da escolha profissional. Seu objetivo é fazer uma introdução de como se dá o processo de escolha da profissão, abordando a importância desse processo e refletindo acerca dos modelos existentes na sociedade, bem como seus valores.

O segundo módulo é o do trabalho, cujo objetivo a discussão do conceito “trabalho” até o modo como ele ocorre na sociedade. E o terceiro módulo aborda sobre o autoconhecimento e sobre a informação profissional ao realizar análises das trajetórias de vida.

É interessante destacar que nesse programa cada módulo está dividido por sessões – somando-as, totalizam 15 sessões. Ao final do processo, o orientador realiza a apreciação e, caso haja interesse, pode acontecer outra sessão, sendo esta individual, com a finalidade de discutir todo o processo vivenciado pelo participante (BOCK, 2002).

Sobre isso destacamos a importância do programa de orientação profissional para o auxílio acerca da perspectiva de futuro, visto que a escolha

profissional é realizada a partir das condições sociais, históricas e econômicas e da realidade na qual o sujeito está inserido (AGUIAR, OZELLA, 2001). A orientação profissional ajuda na escolha profissional e é uma opção, tendência, uma decisão que o indivíduo elege a partir de diversas situações que lhe foram apresentadas, não existindo, portanto, uma melhor escolha, mas sim, a que foi possível no momento presente.

4 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

O objetivo deste capítulo consiste em discutir o método aplicado ao estudo do problema proposto nesta pesquisa. Busca-se apreender as significações produzidas por jovens/adolescentes do ensino médio sobre a mediação da escola na constituição de suas perspectivas de futuro. Com base em Bock, Aguiar e Ozella (2015) é necessário que ocorra a superação da naturalização e entendamos que a adolescência é constituída socialmente em um processo que se organiza a partir de necessidades sociais dos grupos sociais.

Vale ressaltar que a Psicologia Sócio-Histórica considera a constituição humana como um fenômeno psicológico complexo, individual e, ao mesmo tempo, cultural, social, uma vez que esse processo de constituição se materializa no campo das relações sociais e históricas. Dessa forma, o sujeito, a partir de seus sentidos, age sobre a realidade, subjetivando-a, isto é, transformando a realidade social em psicológica, ao mesmo tempo em que é por ela transformado.

De acordo com Bock (2002) “a abordagem sócio-histórica aponta caminhos para entender o indivíduo na sua relação com a sociedade de forma dinâmica e dialética”. Um dos pressupostos básicos dessa abordagem é a ideia de que o ser humano se constitui na relação com o outro, por isso não existe ruptura do indivíduo com a sociedade, tampouco anulação enquanto ser.

Compreendemos que o adolescente não é um ser determinado naturalmente, mas historicamente. Percebemos que suas condições estão atreladas às múltiplas relações sociais e culturais. “É preciso fazer a crítica a essas concepções que naturalizam a adolescência e passar a contribuir para a construção de uma perspectiva histórica” (BOCK; AGUIAR; OZELLA, 2015).

Essas relações são complexas. Elas podem modificar o modo de pensar, sentir e agir, bem como a vivência escolar, como um dos elementos que constitui o sujeito. Este capítulo está dividido em duas partes. A primeira parte trata sobre o que fundamenta nossa pesquisa e a segunda discorrerá sobre o procedimento adotado para a realização deste trabalho.

4.1 A questão do método

No processo de construção de uma pesquisa é imprescindível que

delimitemos qual será o procedimento metodológico a utilizar, pois que, por meio dele são construídos dados e teremos a obtenção das análises, bem como as apreensões das significações da investigação que está sendo proposta.

A proposição metodológica, elaborada por Vygotsky, se apresenta no sentido de contribuir com a análise de fenômenos relativos a funções psicológicas superiores, como possibilidade de superação de uma visão dicotômica, predominante na psicologia da época, que se baseava ora nas influências internas do sujeito, ora nas influências externas, como se o sujeito humano pudesse ser em um momento subjetivo e em outro momento objetivo.

É importante ressaltar que em Vygotsky a pesquisa é compreendida como uma relação entre sujeitos. Neste sentido, a posição assumida no que se refere à construção de novos métodos para a psicologia, traz questões para o processo da pesquisa.

Dessa forma, nossa pesquisa possui o objetivo de apreender as significações produzidas por jovens/adolescentes do ensino médio sobre o papel da escola na construção de suas perspectivas de futuro. Nesse sentido, escolhemos trabalhar com a metodologia proposta pela Psicologia Sócio-Histórica, a qual tem seus fundamentos no Materialismo Histórico-Dialético.

Com isso, compreendemos que a análise do homem deve partir dos elementos que compõem as suas relações sociais. Nesse sentido Soares (2006, p. 85) informa que:

Vygotsky enfoca o método como um meio pelo qual se estuda não o sujeito em si, mas como ele se constitui sócio historicamente. O seu método procura estudar um ser humano que, ao pensar, sentir e agir sobre a realidade, é por ela transformado sem por ela ser diluído. Trata-se, portanto, de um novo método de estudo em Psicologia, cujos princípios que o definem são, essencialmente, históricos, dialéticos e complexos.

Salientamos que optamos pela pesquisa qualitativa, pois acreditamos que o conhecimento não está pronto, a espera de ser “coletado”. O conhecimento científico se configura como algo bem mais complexo; é uma produção humana.

A construção desse trabalho se deu por várias fontes, contudo, manteve sempre a coerência ao referencial teórico-metodológico que embasa o nosso estudo – a psicologia sócio-histórica, que tem Vygotsky como um de seus principais expoentes. Esta abordagem, segundo Bock (2002, p. 67), aponta “que é necessário um avanço na compreensão da relação indivíduo-sociedade, de forma dialética, e

não idealista ou liberal”, ou seja, não nega o indivíduo, o que nega é a concepção liberal de indivíduo.

Contudo, utilizaremos outros autores que tratam desse método com novas contribuições, pois acreditamos que poderão contribuir para fundamentar ainda mais nossa pesquisa.

O método em questão considera a superação da ideia de que se pode construir uma Psicologia voltada para o estudo da complexidade, da constituição humana a partir da descrição de fenômenos.

Vygotsky reconhece que a Psicologia avançou através do procedimento estímulo-resposta. De acordo com Vygotsky, depois que a Psicologia iniciou a utilização desse procedimento houve “um avanço revolucionário, uma vez que trouxe para mais perto do método o espírito das ciências naturais e preparou o caminho para as abordagens psicológicas objetivas que se seguiram” (VYGOTSKY, 1991, p. 68).

Diante dessas questões que ajudam a entender a constituição do homem, Soares (2006, p. 88) afirma que:

O método, na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, configura-se, portanto, como um processo pelo qual se busca compreender a gênese histórica e social da constituição das funções psicológicas superiores do sujeito. Por sua vez, esse processo passa, necessariamente, pela compreensão do modo pelo qual o sujeito constrói sua consciência (pensa, sente e age) dentro do espaço social que o constitui, e, ao mesmo tempo, é dele constituinte.

Nossa perspectiva é de compreendermos o homem através de uma análise do seu movimento, da formação dialética do seu psiquismo, sobretudo da sua historicidade. Vygotsky propôs uma nova visão de análise do homem; uma visão que supera a dicotomia entre os fenômenos objetivos e subjetivos do psiquismo humano.

Essa nova visão propõe a superação de fenômenos psicológicos como fatores internos ou externos e a análise dos fenômenos psicológicos como resultados da constituição social do sujeito. Diante disso, Gonçalves argumenta que:

Já no início do século XX, Vygotsky (1896-1934) propõe uma Psicologia de base marxista, apontando como razão para a crise da Psicologia os limites metodológicos no enfrentamento das dicotomias resultantes das concepções estritamente objetivistas ou subjetivistas e propondo sua superação mediante um novo método para a Psicologia, o materialismo histórico-dialético. (GONÇALVES, 2015, p. 155)

E, sobretudo, na busca de compreender o homem na sua natureza social e histórica é que se desenvolve o método da Psicologia Sócio-Histórica. De acordo com Bock (2015, p. 24), esse método:

Concebe o homem como ativo, social e histórico; a sociedade, como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material; as ideias, como representações da realidade material; a realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas ideias; e a história, como o movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de ideias, incluindo a ciência e a Psicologia. (BOCK, 2015, p. 24)

A nossa pesquisa está baseada nos três princípios fundamentais que buscam incrementar o processo de análise da constituição dessas funções que Vygotsky apresenta como: a análise de processos e não de objetos, a explicação *versus* descrição e por último, o problema do comportamento fossilizado.

O primeiro princípio explica-se por analisar os processos e não os objetos, também chamado por Vygotsky de “método de desenvolvimento experimental”. Este princípio, quando Vygotsky defende o estudo do processo e não do objeto, aponta para a necessidade de considerarmos que o fenômeno, no caso o psiquismo humano, deve ser estudado como um fenômeno em desenvolvimento, em transformação, e não como algo pronto, que já atingiu a sua plenitude, ou seja, em um processo de construção.

Desta forma, Vygotsky (1998, p. 82) afirma que “a tarefa básica da pesquisa obviamente se torna uma reconstrução de cada estágio no desenvolvimento do processo: deve-se fazer com que o processo retorne aos seus estágios iniciais”, ou seja, deve-se evidenciar a análise do processo e não do produto.

O segundo princípio é o da explicação *versus* a descrição. Este princípio discorre acerca de que o que importa nas análises são as relações, contudo, sem desconsiderar as manifestações, visto que elas também influenciam no percurso do desenvolvimento. Esse princípio afirma que apenas uma descrição não informa de fato as relações reais, ou seja, não podemos nos basear apenas em características externas, pois se corre o risco de resultar em conclusões equivocadas.

É necessário compreendermos o fenômeno além da sua aparência, buscando compreender a profundidade. Vygotsky (1998, p. 71) exemplifica este princípio da seguinte maneira: “uma baleia, do ponto de vista de sua aparência

externa, situa-se mais próximo dos peixes do que dos mamíferos; mas, quanto à sua natureza biológica está mais próxima de uma vaca ou de um veado do que de uma barracuda ou de um tubarão”.

O terceiro princípio trata do comportamento fossilizado o qual dificulta uma análise psicológica. Sobre este princípio, Vygotsky (1991, p. 73) faz uma crítica e trata como “processos que passaram através de um estágio bastante longo do desenvolvimento histórico e tornaram-se fossilizados”, ou seja, ao longo de seu desenvolvimento histórico, os sujeitos tendem a fossilizar suas formas superiores de comportamento e processos psicológicos, cujos aspectos podem ser observados pela repetição automática e mecanizada.

Assim, os processos psicológicos geram muita dificuldade para a realização da análise psicológica, somente sendo possível com a reconstrução de todos os pontos e o retorno à gênese do desenvolvimento de uma determinada estrutura (VYGOTSKY, 1998, *passim*).

Ainda sobre o terceiro princípio, é preciso entendermos que o comportamento não é um produto fixo, todavia ele se constitui num processo histórico. Portanto, é preciso compreender a origem e o processo de transformação das funções psicológicas para que se possa diferenciar a forma inferior da sua forma superior.

4.2 Procedimento metodológico: grupo focal

Na realização de uma pesquisa é fundamental seguir princípios que tenham embasamento no campo da ética. É preciso ter cuidado, já que ela, a pesquisa, assume diferentes formas. Consoante momentos diferentes no decorrer da pesquisa, mantemos uma preocupação com a ética a qual esta associada à entrevista. Sobre a ética, Bogdan e Biklen (1994, p. 75) abordam que existem duas questões que são relativas à pesquisa com sujeitos humanos, são elas: “1. Os sujeitos aderem voluntariamente aos projetos de investigação, cientes da natureza do estudo e dos perigos e obrigações nele envolvidos. 2. Os sujeitos não são expostos a riscos superiores aos ganhos que possam advir”.

Essas normas tentam assegurar a proteção dos sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como o consentimento informado pelos participantes. Nesta prática, deve conter a descrição do estudo e o que será feito com os resultados, protegendo

a identidade dos sujeitos, quando solicitarem. Bogdan e Biklen (1994, p. 78) informam que “para muitos investigadores qualitativos as questões éticas não se restringem ao modo de comportamento durante o trabalho de campo”, ou seja, a ética configura-se numa ação duradoura e que ocorre durante toda a vida. É importante ter consciência de seus valores e crenças, ter responsabilidade para com os outros.

“A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões” (BAUER e GASKELL, 2015, p. 68). É fundamental analisar a variedade de pontos de vista, necessitando levar em consideração o meio social que será segmentado em relação à perspectiva de futuro dos jovens/adolescentes do ensino médio.

Em consonância com a Resolução Nº 510 (2016, p. 1), que considera a ética como “uma construção humana, portanto histórica, social e cultural”, acreditamos que a ética na pesquisa científica que envolve, sobretudo, seres humanos e que considera a relação pesquisador-participante uma construção contínua que pode ser redefinida a qualquer momento durante o diálogo entre subjetividades, podendo implicar “reflexividade e construção de relações não hierárquicas”.

Ainda sobre a Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016, o Capítulo II trata dos princípios éticos e das pesquisas em ciências humanas e sociais. Seu artigo 3º (p. 4) está definido assim:

I – reconhecimento da liberdade e autonomia de todos os envolvidos no processo de pesquisa, inclusive da liberdade científica e acadêmica; II – defesa dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo nas relações que envolvem os processos de pesquisa; III – respeito aos valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes das pesquisas; IV – empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada; V – recusa de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de indivíduos e grupos vulneráveis e discriminados e às diferenças dos processos de pesquisa; VI – garantia de assentamento ou consentimento dos participantes das pesquisas, esclarecidos sobre seu sentido e implicações; VII – garantia da confidencialidade das informações, da privacidade dos participantes e da proteção de sua identidade, inclusive do uso de sua imagem e voz; VIII – garantia da não utilização, por parte do pesquisador, das informações obtidas em pesquisa em prejuízo dos seus participantes; IX – compromisso de todos os envolvidos na pesquisa de não criar, manter ou ampliar as

situações de risco ou vulnerabilidade para indivíduos e coletividades, nem acentuar o estigma, o preconceito ou a discriminação; e X – compromisso de propiciar assistência a eventuais danos materiais e imateriais, decorrentes da participação na pesquisa, conforme o caso sempre e enquanto necessário.

Dessa forma, é preciso haver a obtenção do consentimento por parte do entrevistado, bem como o registro desse consentimento e para finalizar o projeto passará por uma análise ética no Comitê de Ética em Pesquisa. A pesquisa do tipo qualitativa, neste trabalho, se referirá à entrevista do tipo semiestruturada partindo da ideia de grupo como pensada por Bauer e Gaskell.

De acordo com Bauer e Gaskell (2015, p. 64) “a entrevista qualitativa é uma metodologia de coleta de dados amplamente empregada”. Contudo, como a abordagem utilizada nesta pesquisa é a sócio-histórica, não utilizaremos o termo “coleta”, mas “construção”, por entendermos que os dados não estão prontos fisicamente, e que a pesquisa acontece através de uma construção subjetiva do que é pensado, falado, sentido e escrito.

Sobre isso, é necessário entendermos primeiramente que o mundo social não está posto de forma natural, pois é construído pelas pessoas diariamente e ativamente. Portanto, o objetivo de utilizarmos a pesquisa qualitativa é de compreendermos detalhadamente o que pensam os jovens/adolescentes acerca da sua perspectiva de futuro, entender suas crenças, valores, motivações (BAUER e GASKELL, 2015).

Nesse caso, optamos pela utilização do grupo focal, como metodologia desta pesquisa qualitativa, por entendermos que dessa forma teríamos condições de chegarmos o mais próximo possível do nosso objetivo. Sobre a abordagem qualitativa podemos afirmar que carrega a diferenciação do que é físico e do que é humano, pois afirma que ao contrário do objeto físico, o homem tem a capacidade de reflexão das suas próprias atitudes e, por meio de interações sociais, ele consegue construir-se como pessoa.

Para que o grupo focal tenha sucesso, é preciso que o moderador compreenda o meio em que vivem os sujeitos, bem como os grupos sociais os quais estão inseridos. Explicamos que o moderador é o mesmo que o entrevistador, mas nessa perspectiva do grupo focal utilizaremos o termo “moderador”.

Para isso, é fundamental que exista uma preparação e um planejamento, que se faça uma seleção dos sujeitos que participarão do grupo focal e que se

realize uma introdução sobre as técnicas do encontro em grupo.

Corroboramos com a ideia de Abramovay (2015, p. 49) quando considera o grupo focal uma técnica adequada para buscar as respostas e tentar entender os comportamentos sociais de um grupo de sujeitos específico.

É uma fonte de informação para entender as atitudes, as crenças e os valores de um grupo ou de uma comunidade relacionada aos aspectos específicos que se quer estudar. Essa técnica transformou-se em um dos principais instrumentos dos métodos de indagação rápida, desenvolvida para obter uma informação em profundidade e que possibilite dar respostas às indagações sugeridas. (ABRAMOVAY, 2015, p. 49)

É preciso ficar claro que a escolha de uma técnica é apenas uma opção metodológica que necessita estar fundamentada em pressupostos filosóficos. O grupo focal surge como uma possibilidade de técnica de construção de dados da pesquisa em educação. Dessa forma, ressaltamos que o grupo focal propicia momentos de profunda reflexão dos pesquisados, bem como do moderador/entrevistador. Gatti (2005) afirma que esta técnica vem sendo cada vez mais utilizada, pois permite que o pesquisador compreenda diferenças e divergências, contraposições e contradições nos discursos dos sujeitos.

A autora, idem (2005), informa ainda que ao se fazer uso da técnica do grupo focal, existe um interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e porque pensam, por isso, a escolha dessa técnica para o desenvolvimento da nossa investigação.

Segundo Vergara (2004), a utilização do grupo focal é interessante quando o objetivo configura-se em explicar como as pessoas consideram uma experiência, como as pessoas pensam sobre uma determinada ideia ou um evento. Portanto, na efetiva discussão durante as reuniões o objetivo é fornecer informações sobre o que as pessoas pensam ou sentem ou, ainda, suas significações sobre a forma como agem acerca do assunto discutido.

Sobre esse aspecto, devemos considerar duas questões de ordem central: o que perguntar e a quem perguntar, ou seja, primeiramente especificando o que é o tópico guia e realizando a seleção dos sujeitos.

É preciso que o moderador esteja bem preparado, por isso é fundamental que tenha construído um tópico guia, que tenha como objetivo dar conta dos fins e metas propostos na pesquisa. O tópico guia é um conjunto de títulos, de parágrafos, e funciona como uma espécie de lembrete para o moderador. As questões sociais

que serão elencadas e discutidas devem estar em uma progressão lógica e devem ser apresentadas em uma linguagem simples (BAUER e GASKELL, 2015, p. 67), portanto:

Em síntese, embora o tópico guia deva ser bem preparado no início do estudo, ele deve ser usado com alguma flexibilidade. Uma coisa importante: todas essas mudanças devem ser plenamente documentadas com as razões que levaram a isso.

Além de se observar o tópico guia, também é importante destacar a seleção dos sujeitos. Dentro do grupo, iremos analisar se será necessário considerar características como gênero, idade e educação informal, formal e não-formal. Independente da escolha dos sujeitos, os critérios serão detalhados e justificados.

No grupo focal, as perguntas precisam ser quase como um convite para que os sujeitos possam falar naturalmente. Sendo, portanto, uma troca de ideias e de significação, ocorrendo uma interação entre todos os envolvidos, moderador e jovens/adolescentes do ensino médio, ambos envolvidos na produção de conhecimento. Contudo, deixemos claro que não acontecerá uma conversação comum – prevalecerá a interação. Dessa forma:

No grupo focal, o entrevistador, muitas vezes chamado de moderador, é o catalisador da interação social (comunicação) entre os participantes. O objetivo do grupo focal é estimular os participantes a falar e a reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem (BAUER e GASKELL, 2015, p. 75).

Dessa forma, o grupo focal se caracteriza, primeiramente, por uma interação social em que é possível observar as mudanças de opiniões, bem como o processo do grupo. Geralmente, os sujeitos dessa metodologia se mostram mais abertos a acolher novas ideias e pode-se perceber a emoção dos participantes quando interagem uns com os outros (BAUER e GASKELL, 2015).

A metodologia do grupo focal compreende, geralmente, de 6 a 8 pessoas e está organizada previamente dessa forma: a primeira ação é do moderador que deve se apresentar, apresentar o assunto e a ideia que ele pretende discutir, depois o moderador solicita que os sujeitos se apresentem um a um e a partir disso o moderador realiza as questões através do tópico guia. A cada pergunta o entrevistador encoraja os estudantes do ensino médio para que ajam ativamente.

Sempre o moderador liderará o grupo para que a discussão avance, fazendo perguntas como: “o que você quer dizer com isso? E por que isso é assim?”

ou ainda “quando você diz ‘x’, o que você quer dizer com isso?” ou “e você pensa que isso é uma coisa boa ou ruim?” Para provocar mais ainda, o moderador pode continuar perguntando “então você diz que não gosta disso... o que é isso?” (BAUER e GASKELL, 2015, p. 80).

Para deixarmos a nossa metodologia esclarecedora, passaremos a detalhar como ocorreram nossos três encontros do grupo focal. O primeiro grupo focal foi realizado no dia 14 de setembro de 2017, o segundo no dia 02 de novembro de 2017 e o terceiro no dia 05 de janeiro de 2018. Todos os grupos focais aconteceram nas dependências da escola Sistema Solar, sendo o primeiro no turno matutino na sala do laboratório das ciências biológicas; os outros dois grupos ocorreram também pela manhã, contudo, em salas de aula que a própria escola nos disponibilizou para nos garantir um ambiente mais privativo, tranquilo e sem barulho algum.

O primeiro grupo focal durou um pouco mais de uma hora. Esse foi o que teve maior duração de tempo, podendo ser justificado pelo fato de ser o primeiro contato com os jovens/adolescentes e por se tratar de uma metodologia que os fazem dialogar. Percebemos que eles se empolgavam e conversavam bastante entre eles e a todo o momento procurávamos deixá-los bem à vontade para trocarem posicionamentos acerca das questões que colocávamos enquanto moderadora do grupo. A cada tópico guia que colocávamos no grupo, os jovens/adolescentes eram encorajados a responderem e discutirem entre eles seus posicionamentos.

Percebemos que dos meninos que estavam participando do grupo focal, teve um jovem/adolescente que quase não se expressou no primeiro e no segundo encontro do grupo focal, contudo no terceiro grupo ele participou ativamente, dando seus posicionamentos e falando um pouco de si. Percebemos também, que as jovens/adolescentes falaram bem mais do que meninos, nas transcrições que estão anexas, é possível perceber que as meninas são mais detalhistas, falam de vários assuntos para explicar um ponto e que os meninos são mais objetivos ao explicar determinada questão.

No segundo grupo focal, tivemos a ausência de três participantes, pois estávamos com muita dificuldade em reunirmos todos os 09 jovens/adolescentes. Esse grupo focal teve uma duração de pouco mais de 19 minutos. Um tempo bem inferior ao primeiro, que se explica pelo fato de, após transcrevermos o primeiro

encontro do grupo, realizarmos uma análise e elaborarmos tópicos guias mais diretos e com mais objetividade no nosso objeto de pesquisa, fazendo com que os jovens/adolescentes dialogassem dentro das nossas perspectivas de busca da pesquisa, sem perder o foco do objetivo.

No terceiro grupo focal, tivemos a ausência apenas de uma jovem/adolescente. Esse terceiro grupo buscou compreender quem são esses jovens/adolescentes, buscou ir além do objeto da pesquisa. Quando passamos a conhecer quem são esses jovens/adolescentes atualmente, passamos a conhecer as suas significações frente as suas perspectivas de futuro e também, passamos a compreender suas vivências, o contexto em que atuam socialmente, as mediações escolares e familiares, suas subjetividades e suas concepções de sujeitos sócio-históricos.

Após o procedimento do grupo focal, inicia-se o processo de análise das discussões. É muito importante que a transcrição seja realizada com boa qualidade, pois nesse momento não aparecem somente às falas, mas a análise deve ir além, deve conter os sentimentos, as emoções, deve fazer com que qualquer pessoa que leia viva e sinta como se estivesse no momento do grupo focal.

Para isso, é necessário tempo, dedicação e esforço. A análise não é mecânica, ela depende de intuições criativas, ou seja, quando os momentos de reflexão são captados pelo entrevistador. Portanto, é um trabalho intuitivo e criativo que se configura em uma parte essencial da pesquisa qualitativa.

4.3 Procedimentos de análise e interpretação de dados: os núcleos de significação

Para a análise das informações, adotamos a proposta metodológica dos Núcleos de Significação, apoiados em Aguiar e Ozella (2013) e Aguiar, Soares e Machado (2015), pois acreditamos que ela nos dará suporte teórico para apreender as significações produzidas por jovens/adolescentes do ensino médio sobre o papel da escola na construção de suas perspectivas de futuro.

Assim, o procedimento de investigação dos sujeitos por meio de um processo de observação e análise se revela na complexidade, seja ela metodológica ou através das experiências vivenciadas, pois se busca um método que possibilite associar o falar, o pensar e o agir desses sujeitos e suas significações que serão desvendados no percurso da investigação.

Na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, a proposta metodológica se apresenta como uma condição para que tenhamos condições de atingir – o que está além de uma proposta de descrição. É possível apreender a palavra com significado, contudo é importante respeitar as etapas que constituem esse procedimento.

A primeira etapa desse processo, com base em Aguiar e Ozella (2013), consiste na seleção de pré-indicadores. “Assim, temos que partir das palavras inseridas no contexto que lhe atribuí significado, entendendo aqui como contexto desde a narrativa do sujeito até as condições histórico-sociais que o constitui” (Aguiar e Ozella, 2013, p. 11).

Cabe ressaltar, que os pré-indicadores são trechos de fala compostos por palavras articuladas que vão compondo um significado, dessa forma carregam e expressam a totalidade do sujeito e constituem uma unidade de pensamento e de linguagem. Para tanto, é importante destacar que para filtrar estes pré-indicadores é preciso verificar sua importância para a compreensão do objetivo da investigação.

Nossa intenção vai ao encontro com o que diz Soares (2006), pois nessa etapa da pesquisa, não faremos uma análise das narrativas construídas pelo sujeito, mas analisaremos os sujeitos na sua totalidade.

A segunda etapa, de acordo com Aguiar e Ozella (2013), configura-se como um processo aglutinador de pré-indicadores, denominando-se indicadores os itens presentes nos conteúdos temáticos. Esse processo de aglutinação de pré-indicadores ocorre “pela similaridade, pela complementaridade ou pela contraposição, de modo que nos levem a uma menor diversidade, no caso já dos indicadores, que nos permita caminhar na direção dos possíveis núcleos de significação” (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 11).

A terceira etapa do processo de análise dos dados, com base em Soares (2006) corresponde à organização dos núcleos de significação. Com a constituição dos indicadores e seus conteúdos temáticos, é a vez de sistematizar os núcleos de significação.

Neste processo de organização dos núcleos de significação – que tem como critério a articulação de conteúdos semelhantes, complementares ou contraditórios – é possível verificar as transformações e contradições que ocorrem no processo de construção dos sentidos e dos significados, o que possibilitará uma análise mais consistente que nos permita ir além do aparente e considerar tanto as condições subjetivas quanto as contextuais e históricas (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 231).

Portanto, mesmo que a etapa dos pré-indicadores e indicadores seja um processo de análise, os núcleos de significação constituem uma etapa analítica e interpretativa, pois “[...] consiste em superar as teses e antíteses que vieram à tona nas duas etapas anteriores [...] almejando mais propriamente a síntese” (AGUIAR, SOARES, MACHADO, 2015, p. 71). De modo que:

Além do domínio da técnica de sequenciar as etapas da proposta, a construção dos núcleos de significação demanda que o pesquisador tenha os pressupostos teórico-metodológicos sempre como base orientadora do processo de análise e interpretação das formas de significação da realidade do sujeito. Essa observação evita que a proposta dos núcleos se torne algo instrumental, um procedimento técnico (AGUIAR, SOARES, MACHADO, 2015, p. 73).

Segundo esses autores é importante reconhecer a influência da visão de mundo daquele que está na posição de pesquisador quando conduz e interpreta o objeto de estudo. Por isso, em seguida inicia-se um procedimento em que buscaremos apreender os elementos que constituem os sujeitos no seu modo de pensar, sentir e agir subjetivamente.

4.4 Campo de pesquisa

“Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática”

Paulo Freire

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede privada de ensino, na cidade de Açu-RN, com um grupo de 09 (nove) jovens/adolescentes, os quais cursam as 2ª e 3ª séries do ensino médio. A escolha do local da pesquisa se justifica pelo fato de eu ter exercido nessa escola a função de Orientadora Educacional, no ensino médio, nos anos de 2015 e 2016 – período em que ingressei como aluna especial e posteriormente aluna regular do mestrado em educação da UERN.

A escola foi fundada no dia 09 de março de 1927, sendo consequência do projeto de uma educadora religiosa, cuja trajetória no império Austro-húngaro no século XIX venceu barreiras geográficas. Com a junção de esforços de suas seguidoras, vieram para o Brasil atender ao chamado do povo açuense, pois a cidade sentia a necessidade de “uma escola que atendesse à formação integral das

moças do município e de outras cidades circunvizinhas, dando-lhes uma educação sólida” (PPP, 2015, p. 23). Só anos depois passaria a ofertar o ensino para meninos.

Essa escola faz parte de uma congregação que zela por mais sete escolas, todas localizadas na região nordeste do Brasil. Em relação ao pedagógico, a escola preza pelo “atendimento mais individualizado ao aluno” e “aulas mais envolventes, prazerosas, criativas e dinâmicas” (PPP, 2015, p. 47).

Dirigida por freiras, segue o exemplo de educar para a vida evangelizando crianças e jovens. A escola oferta a educação básica em todos os níveis e conta com uma equipe de profissionais formada por religiosas e leigos que atuam na docência e no suporte pedagógico, habilitados para as funções que exercem, numa ação conjunta, solidária e fraterna que contribui com a sociedade.

A instituição viabiliza uma prática pedagógica participativa e dinâmica, fundamentada nos valores do Evangelho, integrada à família e à comunidade, resgatando os valores e a dignidade da pessoa humana através do diálogo e da co-participação. A escola tem como missão² “promover a formação de cidadãos conscientes, íntegros, solidários e fraternos, comprometidos com o desenvolvimento da ciência e da cultura, testemunhando a fé cristã a serviço dos valores indispensáveis à vida” com base em uma visão de futuro que “busca consolidar o seu reconhecimento como instituição de primazia educacional pela formação cristã e qualidade pedagógica, oferecendo um ambiente favorável ao bem estar de todos que a integram”.

Nesse contexto, de acordo com o Projeto Político Pedagógico, a escola se “propõe a contribuir para a construção de uma sociedade inclusiva, democrática, plural e justa; ecologicamente sustentável; humanizada, humanizadora e solidária; pacífica e feliz; articulada e mobilizada popularmente; consciente, conscientizadora e reflexiva, capaz de superar as ideologias manipuladoras” desde a educação infantil até o ensino médio.

A “proposta curricular que pressupõe etapas em que os saberes e fazeres dos sujeitos são planejados de diferentes modos e em múltiplos espaços, ocorre num rico processo, visto que o saber escolar é construído e reconstruído numa constante relação com as experiências do cotidiano, observando-se os seguintes

² Os textos constam no site oficial da escola alvo da pesquisa e fazem parte da Missão, Visão de Futuro, Projeto Político Pedagógico e Proposta Curricular da instituição.

elementos: **o que ensinar; quando ensinar; como ensinar; quem, como e quando avaliar**".

4.5 Sujeitos pesquisados

A presente pesquisa parte da análise das significações de 09 (nove) jovens/adolescentes, que estudam no ensino médio. A escolha desses 09 sujeitos seguiu apenas o critério de que estivessem frequentando regularmente o ensino médio. Para esclarecer como chegamos aos nove jovens/adolescentes detalharemos todo o processo.

Primeiramente, conversamos com a equipe administrativa e pedagógica e apresentamos nosso objetivo em realizar a pesquisa e quais seriam nossas ações dentro da escola. Tendo sido aprovada e dado o consentimento por parte dos dirigentes da escola, nos dirigimos às salas de aula, do ensino médio e explicamos para os jovens/adolescentes qual o nosso propósito em realizar uma pesquisa que busca apreender as significações de jovens/adolescentes do ensino médio acerca do papel da escola sobre suas perspectivas de futuro, explicamos também como seria interessante a participação deles nessa pesquisa.

De forma aleatória e voluntária, 09 jovens/adolescentes se propuseram a contribuir com a pesquisa. Dos 09 sujeitos, seis são mulheres e três são homens. Em relação à faixa etária, encontram-se entre 16 e 17 anos de idade e, em relação à série que estudam, 04 sujeitos cursam a 2ª série do ensino médio e 05 sujeitos cursam 3ª série do ensino médio. Precisamos ressaltar que, desse grupo, 04 jovens/adolescentes não residem na cidade em que a escola se localiza, ou seja, desde sua criação até os dias atuais a escola é formada por muitos estudantes das cidades circunvizinhas.

No nosso primeiro encontro explicamos que a metodologia utilizada seria a do grupo focal. Informamos que essa metodologia consistia basicamente no lançamento de uma pergunta sobre a qual eles dialogariam entre si quanto às respostas, sem a minha intervenção. Dessa forma, me apresentei como a moderadora do diálogo. Em seguida, apresentamos os termos de consentimento e de assentimento que deveriam ser assinados pelos seus pais ou responsáveis e por eles, respectivamente.

Nesse primeiro encontro, também explicamos que não seriam utilizados seus nomes em nenhuma hipótese, nem qualquer informação que os identificasse, que essa ação é unicamente para preservar suas identidades, já que se dispuseram, de forma voluntária a contribuir com a pesquisa e que essa também é uma orientação do código de ética criar pseudônimos.

Tendo feito essa explicação, logo um dos sujeitos sugeriu para o grupo chamar a escola de “Sistema Solar” e que cada um poderia escolher o nome de um planeta. A proposta foi aceita por todos e em seguida, de forma espontânea, cada um foi escolhendo um nome de planeta ou estrela do sistema solar, tendo ficado assim: Saturno, Marte, Júpiter, Terra, Sol, Mercúrio, Urano, Netuno e Vênus.

As razões para se problematizar as significações de jovens que estudam no ensino médio (vinculados ao ensino médio da escola Sistema Solar) sobre seus projetos de futuro parte dos diálogos que tínhamos com esses adolescentes e das suas falas em relação às perspectivas de futuro desde a época em que exerci a função de Orientadora Educacional dessa escola.

Desta forma, vamos buscar apreender as significações desses jovens/adolescentes, nesse nível de escolaridade, ao assumir o papel de pesquisadora. Para isso, tentaremos construir, através das suas falas, as significações que mostram o movimento de reflexão-ação-reflexão dos jovens/adolescentes a partir do grupo focal.

5 O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DOS PRÉ-INDICADORES E A CONSTITUIÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

Nesse momento da nossa pesquisa, analisaremos os diálogos dos nossos sujeitos utilizando, para isso, a proposta dos núcleos de significação, com a articulação dos indicadores levando em consideração que “devem, além de expor aspectos importantes e reveladores do sujeito, contribuir para que se atinja o objetivo da pesquisa” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 313). Estamos nos propondo a tratar de uma construção metodológica, com fundamentos epistemológicos da perspectiva sócio-histórica, com o intuito de apreender significações constituídas pelos sujeitos pesquisados sobre a mediação da escola na constituição de suas perspectivas de futuro.

Logo, socializaremos o modo como realizamos nossa pesquisa, nos baseando no método histórico-dialético. Os elementos determinantes da constituição das significações da realidade, não estão ao alcance imediato do pesquisador, pois o real não se resume a sua aparência. Como observamos em Vygotsky (2004, p. 150), “se as coisas fossem diretamente o que parecem, não seria necessária nenhuma pesquisa científica. Essas coisas deveriam ser registradas, contadas, mas não pesquisadas”.

Pretendemos aqui, passar da aparência das palavras (significados) para sua dimensão concreta (sentidos), contudo, como denominamos em toda nossa pesquisa chamaremos o par dialético (sentido e significado) de significações. Conforme pontua Vygotsky (2001), a significação é a unidade do pensamento verbal e da fala intelectual, isto é, a palavra com significado.

Empreendemos desde o levantamento dos pré-indicadores a articulação e sistematização dos conteúdos submetidos ao processo de análise, contudo, esta etapa final é a que mais se distancia do empírico e se aproxima da realidade concreta, na qual os sujeitos atuam.

Nos quadros, algumas palavras dos pré-indicadores estão destacadas, em negrito, por serem palavras que carregam consigo propriedades da totalidade social e histórica dos sujeitos. Corroboramos com Soares (2011) sobre a importância das falas que carregam marcas ou características objetivas e subjetivas e que nos ajudam a revelar, por meio do processo de análise e interpretação, singularidades do sujeito frente à realidade em que atua.

A partir dos indicadores e suas aglutinações, construímos os núcleos de significação da nossa pesquisa e, a partir dos núcleos de significado construídos, analisaremos as falas dos nossos sujeitos, buscando apreender as significações dos jovens/adolescentes sobre a mediação da escola na constituição de suas perspectivas de futuro. O processo de levantamentos dos pré-indicadores, de aglutinação dos indicadores até a constituição dos núcleos de significação será apresentado nos quadros logo abaixo. Esse movimento de constituição dos núcleos de significação é realizado por critérios de complementaridade, similaridade e contraposição.

Não poderíamos ficar presos aos aspectos mais visíveis dos fatos, isto é, à obviedade dos dados empíricos, embora estes sejam fundamentais ao nosso processo de investigação. Aliás, não podemos esquecer que o empírico (aparência) e o concreto (essência) são pares dialéticos constitutivos de um mesmo processo, que é o de construção do conhecimento sobre a realidade (SOARES, 2011, p. 178).

Os núcleos de significação são construídos mediante um processo de análise e interpretação teórica da realidade. A nomeação dos núcleos foi realizada de forma que tornasse explícito o processo e o movimento dos sujeitos dentro do objetivo da pesquisa.

Apresentaremos a seguir, o quadro com os núcleos de significação e seus respectivos indicadores já aglutinados. Observemos que estão organizados os três núcleos de significação desta pesquisa, construídos a partir dos doze indicadores, e em seguida, explicaremos a disposição dos seus indicadores e respectivos pré-indicadores.

5.1 Quadro de constituição dos Núcleos de Significação e seus respectivos Indicadores Aglutinados

QUADRO 1: NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO E SEUS RESPECTIVOS INDICADORES AGLUTINADOS

NÚCLEOS	INDICADORES
PERSPECTIVA DE FUTURO E REALIDADE	Perspectiva de futuro mediada pela escola
	Perspectiva de futuro mediada pela estabilidade financeira
	Perspectiva de futuro mediada pela realização profissional
SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À ESCOLA	Relação com a escola
	Ensino e formação
	Pensando o Pedagógico
	A escola que desejam para o futuro
PERSPECTIVA DE FUTURO MEDIADA POR TENSÕES SOCIAIS E FAMILIARES	“Me constitui muito bem com os valores dados pelos meus pais”
	“Você tem a obrigação de dar esse orgulho”
	Jovens/adolescentes e suas relações sociais
	Tensões da vida escolar

Fonte: elaborado pela autora.

5.2 Quadro de constituição do Núcleo de Significação: Perspectiva de Futuro e Realidade

QUADRO 2: PERSPECTIVA DE FUTURO E REALIDADE

INDICADORES	PRÉ-INDICADORES
<p>PERSPECTIVA DE FUTURO MEDIADA PELA ESCOLA</p>	<p>- Talvez, eu acho que é isso mesmo que a gente tá falando. A escola há muito tempo deixou de ser apenas o centro educativo, que vai instruir a você passar na faculdade, a escola agora tem que instruir a você, a mesmo que você desista, você retomar, e que ajude você com seus problemas pessoais também, porque se o aluno não tá bem em casa, não vai tá bem também na escola. (NETUNO)</p>
	<p>- Ela (escola) não tem que formar apenas um profissional, ela (escola) tem que formar um ser humano. (JUPITER)</p>
	<p>- Se você não quer estudar e você quer ser mãe, tudo bem, a escola não é sua prioridade. Mas, se sua prioridade é entrar numa faculdade, você tem que ser maduro o suficiente pra reconhecer que o papel da escola é ensinar e você aprender. (URANO)</p>
	<p>- Eu só venho aqui (escola) pra poder ser alguém na vida, como dizem os meus pais. (NETUNO)</p>

Fonte: elaborado pela autora.

PERSPECTIVA DE FUTURO MEDIADA PELA ESTABILIDADE FINANCEIRA	<p>- Eu quero me formar como um ser humano melhor. Ter uma estabilidade financeira boa, mas eu pretendo evoluir com meu caráter. Eu acho que eu tenho certas atitudes que eu não concordo comigo mesma, mas eu acabo me impulsionando a fazer. Eu acho que... duas metas: poder ser um ser humano melhor do que eu sou hoje e ter uma estabilidade financeira muito boa, ser independente. (NETUNO)</p>
	<p>- Minha expectativa para o futuro é estudar mais pra que eu possa entrar numa faculdade, me formar e atuar na área que eu quero, que é medicina veterinária. (SATURNO)</p>
	<p>- Pra mim é se formar, claro. Você crescer financeiramente, socialmente e individualmente como ser humano. Ter, primeiramente, uma vida sustentável, onde você consiga se manter pra ajudar, talvez, seus pais ou pessoas que mais precisem, e... aí depois, daí pensar em ter uma família. (SOL)</p>
	<p>- Eu acho que... eu ainda tô em dúvidas nos cursos. Não sei se é fisioterapia, não sei é nutrição ou enfermagem, mas eu quero tá formada. Não sei se eu quero ter filhos, talvez sim, talvez não. Também não sei se eu quero casar, é... não é uma coisa que é obrigação minha na vida, e... quero tá estável financeiramente. (URANO)</p>
	<p>- Estudar é essencial, mas todo mundo sabe que é chato. (MERCÚRIO)</p>

Fonte: elaborado pela autora.

PERSPECTIVA DE FUTURO MEDIADA PELA REALIZAÇÃO PROFISSIONAL	- Bom, para o meu futuro eu penso em seguir uma profissão, em ter uma família e, principalmente, que meus sonhos se realizem. (TERRA)
	- Não apenas se formar, mas no que quer, no que gosta. Trabalhar de forma feliz no que faz , gostando do que faz. (SATURNO)
	- Eu quero engenharia mecânica . Eu gosto muito de medicina, mas engenharia... Oh, o cara com uma folha e um lápis, ele projetou isso daqui... um carro que vai de zero a cem em três segundos. Isso é interessante, você vê um negócio daquele. (SOL)
	- Eu venho me esforçando, no ensino médio , pra poder fazer o que eu quero, eu brinquei muito nas outras séries. (MERCÚRIO)

Fonte: elaborado pela autora.

5.3 Quadro de constituição do Núcleo de Significação: Sentimentos em Relação à Escola

QUADRO 3: SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À ESCOLA

INDICADORES	PRÉ-INDICADORES
RELAÇÃO COM A ESCOLA	- Eu acho que a gente não vem pelas aulas e sim, pelos amigos que a gente tem. (MARTE)
	- Uma coisa que a gente pode perceber dentro da escola, é que os professores, eles são poucos capacitados em relação a problemas de aluno... alunos deficientes. Nós não temos um professor de Libras, nós não temos um professor pra que... tipo, saiba ensinar uma pessoa que tenha Síndrome de

	<p>Down, não sabe é... tipo, lidar com uma situação de Saturno. Eu acho que falta preparação dessa parte. (URANO)</p>
	<p>- Rola uma pouco de preconceito aqui nessa escola, com pessoas que têm um relacionamento sério... também, como pessoas casadas. Eu e minha amiga, por exemplo, ela é noiva e eu sou casada. Tem pessoas que olham... olham com outros olhos pra gente. (SATURNO)</p>
	<p>- É exatamente isso, uma pessoa que tenha um problema, eu falo isso porque eu já fiz psicanálise e eu sei como é que é o estágio, você primeiro tem que aceitar que você tem o problema, pra você aceitar ajuda médica. Se você não... não aceitar aqui que você tem um problema, ninguém pode te ajudar, então, a função da escola é oferecer, a sua função é aceitar a ajuda. A escola não tem como ajudar se você não quer ajuda. (URANO)</p>

Fonte: elaborado pela autora.

<p>ENSINO E FORMAÇÃO</p>	<p>- (a escola) Não pode pensar: eu vou formar alunos pra passar no ENEM. Só que a gente também tem que ver, que a escola é uma empresa, a escola precisa gerar lucro. (MERCÚRIO)</p>
	<p>- O ensino aqui da escola tem que ser completamente filantrópico. Você tem que ter amor aos alunos e os professores tem que entender o seu lado e seu ponto de vista. Não é só a sociedade, passamos aqui, o que? Oito horas aqui e, sinceramente, 90% dos alunos se sentem em uma prisão. É a realidade de</p>

	todos aqui. (NETUNO)
	- A escola dá uma oportunidade de liberdade , a escola dá uma oportunidade de você abranger todas as áreas. (MERCÚRIO)
	- (a escola) Ela vai aperfeiçoar a pessoa como ser humano. Você chega aqui uma coisa, aí você vai aprender valores pra você ser uma pessoa melhor. (SOL)
	- A escola, ela se esforça muito, se esforça ao máximo, pra tipo, trazer coisas novas pra vê se a gente se interessa e o interesse dos alunos, eu falo pela escola toda, é mínimo. (URANO)

Fonte: elaborado pela autora.

PENSANDO O PEDAGÓGICO	- Seria muito mais legal se, por exemplo, sentasse com a diretora e perguntasse pra gente , o que você acha melhor na escola, você tá achando o método do ensino legal, o que a gente pode fazer pra melhorar. Mas eles não perguntam a gente. (NETUNO)
	- Eu acho que era pra o colégio ouvir mais os alunos, assim como você tá fazendo agora. Eles (escola) ouvem mais os nossos pais e os pais não falam o que nós achamos do colégio. Eles só querem ouvir dos pais. (NETUNO)
	- O colégio deveria investir mais na qualidade de vida do aluno , porque isso influencia no rendimento. (URANO)
	- A gente não pode fazer muita coisa pra mudar, além de a gente conversar com a Irmã e ela poder saber que a gente tá se sentindo assim, porque eu

	acho que ela não sabe. (URANO)
--	---------------------------------------

Fonte: elaborado pela autora.

A ESCOLA QUE DESEJAM PARA O FUTURO	- Assim como eu acho, todo mundo sonha com uma escola mais atrativa aos olhos do estudante e, principalmente, uma escola mais adaptada às deficiências dos outros. (TERRA)
	- Eu desejo uma escola com mais respeito, mais interação dos coordenadores, diretores e coisas para o aluno. Sob toda interação social entre os alunos, quanto de mestres e estudantes. (MERCÚRIO)
	- Tem muita coisa pra mudar na escola. A escola que eu desejo pro futuro é uma escola mais normalizada, mais equilibrada, mais respeito, menos distinção social. (MERCÚRIO)
	- Desejo uma escola onde todos sejam tratados de forma igual, que seja um lugar onde nós possamos nos descobrir como pessoas. (MARTE)

Fonte: elaborado pela autora.

5.4 Quadro de constituição do Núcleo de Significação: Perspectiva de Futuro Mediada por Tensões Sociais e Familiares.

QUADRO 4: PERSPECTIVA DE FUTURO MEDIADA POR TENSÕES SOCIAIS E FAMILIARES

INDICADORES	PRÉ-INDICADORES
<p>“ME CONSTITUI MUITO BEM COM OS VALORES DADOS PELOS MEUS PAIS”</p>	<p>- Quero cuidar dos meus pais quando eles estiverem idosos, faço questão de cuidar pessoalmente, nada de pagar a outra pessoa e quero ser um ser humano melhor. Eu tento todo dia melhorar minhas atitudes, ser mais tolerante e ser menos preconceituosa. (URANO)</p>
	<p>- Eu sou muito bem tratado pela minha família. Na minha família há muito respeito, diversão, descontração, não são caretas ou rigorosos demais, eles dão a liberdade essencial que preciso pra mim formar como pessoa e sabem impor regras. Se importam (família) comigo e a maioria dos meus familiares se importam comigo e estão bem presente no dia a dia, sabem como eu ando, toda família costuma ficar bem perto. (MERCÚRIO)</p>
	<p>- Meus pais me ensinaram os valores como ética, moral, o respeito que eles querem passar. (SOL)</p>
	<p>- A sociedade, por exemplo, porque meu pai é tal... eu vou fazer só humanas na escola, porque eu quero me formar em tal coisa que nem meu pai. Você sofreu uma influência do seu pai e não necessariamente é o que você vai gostar quando chegar lá, você pode ver uma realidade totalmente diferente. (MERCÚRIO)</p>

Fonte: elaborado pela autora.

<p>“VOCÊ TEM A OBRIGAÇÃO DE DAR ESSE ORGULHO”</p>	<p>- Porque, tipo assim, se você... se a gente sempre for pensar assim: Ah! Mais a escola teria que ver o meu lado, os meus pais teriam que ver o meu lado. Gente, a gente é muito folgado. Serio! Na real! Adolescente é muito folgado! A gente ia se montar e ia achar que a vida boa ia ser a que nossos pais tavam dando pro resto das nossas vidas. E, muito dos nossos pais dizem: estude que você vai ter uma vida melhor. Porque eles(pais) passaram pelas mesmas coisas e os que não estudaram eles ralaram pra ter o que dar a gente e os que estudaram já viu o quanto é difícil, mas que você precisa disso pra não ter uma história de vida complicada. (JÚPITER)</p>
	<p>- Eu fui criada pelos meus pais e eles são muito conservadores e meus pais já têm uma certa idade e... mas eles sempre me apoiaram em tudo que eu queria fazer, eles me ensinaram o que é certo e errado. Em tudo que eu queria fazer, sendo certo, eles me apoiavam e agradeço muito a eles por isso. (SATURNO)</p>
	<p>- Eu acho que se os pais e a escola escutasse mais os alunos, participasse mais da vida deles e não ficasse éééé... botando pressão neles, né. Eu acho que eles (os adolescentes) teriam mais gosto pelos estudos. (VÊNUS)</p>
	<p>- Minha mãe... ela quer muito que eu faça gastronomia e eu não quero fazer gastronomia. (SATURNO)</p>

Fonte: elaborado pela autora.

JOVENS E SUAS RELAÇÕES SOCIAIS	- Você é julgado. Você tá ali pra todo mundo olhar, nossa ela é fora do padrão, então vamos todo mundo olhar para ela. Então, todos nós somos vítimas dos padrões da sociedade em todos os aspectos da nossa vida, seja nossa vida amorosa, seja na nossa vida acadêmica, todo mundo é vítima de padrões. (URANO)
	- Eu tenho que ter uma opinião, porque minha atuação na sociedade também é importante. (MERCÚRIO)
	- Cada adolescente, cada contexto social interfere no que o aluno pode escolher e no que pode fazer da vida dele. (MERCÚRIO)
	- Pela sociedade, geralmente somos reféns, temos que <i>(sujeito parou por alguns segundos)</i> , a gente não pode mudar, a gente tem que se adaptar a sociedade, a gente tem que se incluir. (JÚPITER)

Fonte: elaborado pela autora.

TENSÕES DA VIDA ESCOLAR	- Quando você passa pro terceiro ano e já não é mais uma coisa <i>(parou por instantes)</i> , coisas que eu gosto ou coisas que eu não gosto, minha área, não é minha área. Você tem que aprender, não tem essa de: eu não gosto, eu não sei, não. Você tem que aprender! Eu tô aqui por obrigação, eu tenho uma prova no final do ano e eu tenho que passar, porque meus pais pagaram três anos, três anos não, a vida inteira de escola particular, eles trabalham e dão duro pra me botar aqui, então, eu tenho que passar! É minha obrigação! (URANO)
	- Por causa que eu tô aqui pra estudar, então minha intensão aqui é estudar, então eu vou vim e vou estudar. (MERCÚRIO)

	<p>- Eu acho que a pressão de você querer saber de tudo é o que faz muitas vezes você ter muitos problemas psicológicos. (NETUNO)</p>
	<p>- A sobrecarga não favorece em nada. Eu acho, tipo, pela discordância de opiniões, eu acho que isso influencia um pouco por eu ser bolsista, aí, eu não sinto a mesma pressão que vocês sentem, de o pai tá pagando, o pai tá tendo que... por causa que eu tô aqui, por merecimento, mas eu não me sinto inferior. (MERCÚRIO)</p>

Fonte: elaborado pela autora.

6 COMPREENDENDO AS SIGNIFICAÇÕES DOS JOVENS/ADOLESCENTES ACERCA DE SUAS PERSPECTIVAS DE FUTURO: O MOVIMENTO DE ANÁLISE DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

Eu acredito é na rapaziada
 Que segue em frente e segura o rojão
 Eu ponho fé é na fé da moçada
 Que não foge da fera e enfrenta o leão
 Eu vou à luta com essa juventude
 Que não corre da raia a troco de nada
 Eu vou no bloco dessa mocidade
 Que não tá na saudade e constrói
 A manhã desejada

“Acredito na Rapaziada” - Gonzaguinha

Neste capítulo, discutiremos acerca da análise dos núcleos de significação (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015): a discussão teórica que configura a interpretação dos sentidos e significados da fala dos sujeitos com os quais problematizamos acerca das perspectivas de futuro. Nossa metodologia, proposta nos núcleos de significação, permitiu apreender as significações dos jovens/adolescentes que estão estudando no nível do Ensino Médio, buscando apreender as significações dos jovens/adolescentes para seu futuro, mediados principalmente, pela escola e pela família.

Começaremos apresentando a análise do 1º núcleo de significação intitulado *Perspectiva de futuro e realidade*. Nele, discutiremos a perspectiva de futuro mediada pela escola, a perspectiva de futuro mediada pela estabilidade financeira e a perspectiva de futuro mediada pela realização profissional. Compreendemos que para realizar esta discussão, é necessária uma análise das falas acerca da realidade vivenciada por cada sujeito e a partir dessa realidade analisarmos como pensam seu futuro.

Logo em seguida, a análise permeará a discussão do 2º núcleo de significação intitulado *Sentimentos em relação à escola*, quais sejam: a relação com a escola, o ensino e formação, pensando o pedagógico e a escola que desejam para o futuro. Visamos buscar um olhar dos jovens acerca de sua relação escolar, os desafios que vivenciam diariamente, suas relações com os professores e diretores, bem como as críticas sobre as dinâmicas institucionais do espaço escolar; a participação na escola. Finalizaremos essa interpretação com as ideias que os sujeitos trazem acerca de possíveis mudanças que possam melhorar a sua escola de modo a ajudá-los a alcançar suas perspectivas de futuro.

Posteriormente, analisaremos o 3º núcleo de significação, intitulado *Perspectiva de futuro mediada por tensões sociais e familiares*. Daremos visibilidade a estes sujeitos utilizando suas falas na medida em que trazem muitas de suas vivências e caracterizam a participação de cada um deles no grupo. Os indicadores interpretados são: “me constitui muito bem com os valores dados pelos meus pais”, “Você tem a obrigação de dar esse orgulho”, jovens e suas relações sociais e tensões da vida escolar.

A discussão realizada com o grupo focal nos permitiu construir um panorama destas questões a partir das falas dos jovens/adolescentes, de suas compreensões, críticas, expectativas em torno da experiência escolar. Torna-se imprescindível analisar como estes sujeitos significam suas realidades, se relacionam com a escola, família e sociedade, visto que estas questões se entrelaçam na forma como eles pensam suas perspectivas de futuro.

Após a realização do grupo focal e a transcrição das falas dos sujeitos, iniciamos o processo de constituição dos núcleos de significação para chegarmos às análises de cada núcleo de significação. A análise terá início por meio dos intra-núcleos e o processo avançará para os inter-núcleos, sendo analisadas as semelhanças que revelam o movimento dos sujeitos participantes da pesquisa.

Como nos lembra Vygotsky (1998), “um corpo só se revela no movimento”, dessa forma procederemos na assimilação dos conteúdos que foram articulados, configurando um momento de análise mais complexo, completo e sistematizador. Diante disso, os núcleos são analisados à luz do contexto sócio-histórico e nessa pesquisa se apresentam como: 1) Perspectivas de futuro e realidade; 2) Sentimentos em relação à escola; e 3) Perspectiva de futuro mediada por tensões sociais e familiares.

6.1 Núcleo de Significação 1 – Perspectiva de Futuro e Realidade

O primeiro núcleo de significação buscou apreender as significações constituídas sobre a perspectiva de futuro dos jovens/adolescentes que participaram como sujeitos da pesquisa por meio de diferentes ligações sociais, como família e escola. O primeiro indicador trata da perspectiva de futuro mediada pela escola, o segundo indicador busca evidenciar a perspectiva de futuro dos jovens adolescentes

que está mediada pela estabilidade financeira e o terceiro indicador compreende a perspectiva de futuro mediada pela realização profissional.

Vale ressaltar que não há um critério claro para definir a fase que vai da puberdade até a idade adulta. Isso acontece porque a adolescência não é uma fase natural do desenvolvimento humano, mas um derivado da estrutura socioeconômica e cultural.

Podemos considerar, então, que a adolescência é uma fase típica do desenvolvimento do jovem de nossa sociedade. Isso porque uma sociedade evoluída tecnicamente, isto é, industrializada, exige um período para que o jovem adquira os conhecimentos necessários para dela participar. (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1999, p. 385)

Sobre isso, a necessidade dessa pesquisa iniciará pela interpretação desse núcleo, através da apreensão das mediações trazidas na fala desse jovem/estudante:

*Talvez, eu acho que é isso mesmo que a gente tá falando. **A escola há muito tempo deixou de ser apenas o centro educativo, que vai instruir a você passar na faculdade, a escola agora tem que instruir a você, a mesmo que você desista, você retomar, e que ajude você com seus problemas pessoais também, porque se o aluno não tá bem em casa, não vai tá bem também na escola.***

Nessa fala o/a jovem/adolescente faz uma análise acerca do papel atual da escola, realizando comparações com outros tempos em que a educação se dava de forma tradicional, em que a escola era somente um “centro educativo” o qual o aluno frequentava, com o único objetivo de ter o conhecimento dos livros, e ainda que a escola tinha como preocupação a transmissão de conteúdos. Sobre este aspecto, Freire (1996) relata um pouco sobre essa metodologia escolar.

Na concepção “bancária” que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio” a “educação bancária” mantém e estimula a contradição. Daí, então, que nela: a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados; b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição; g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta

escolha, se acomodam a ele; i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo: os educandos, meros objetos. (FREIRE, 1996, p. 34)

Diante disso, os jovens/adolescente reconhecem as transformações históricas que ocorreram no âmbito escolar e sentem que o papel da escola e dos educadores aumentou, ou seja, ela deixa de ser apenas uma transmissora de conteúdo, a qual não possui interesse em entender ou conhecer este estudante, mas somente de cumprir com o conteúdo estabelecido para aquele ano letivo. Contudo, quando os participantes realizam a afirmação de que “o papel da escola aumentou” estão dizendo que a escola é uma instituição que faz parte diretamente da vida do estudante, ela se integra na vida social, cultural e precisa ser parceira do estudante. Os alunos cobram mais e exigem mais, visto que esperam – além da instrução conteudista – que a escola os ajude com seus problemas pessoais, que os acolha, que os faça se sentirem parte importante da escola.

Este primeiro núcleo de significação trata sobre diversas mediações que constituem as perspectivas de futuro dos jovens/adolescente. São mediações acerca da escola, da estabilidade financeira e da realização profissional.

Evidenciamos aqui o contexto que o estudante vivencia diariamente na escola e o que pensa sobre a estabilidade financeira – mencionada diversas vezes nos nossos encontros realizados a partir do grupo focal. Diante das possíveis realizações profissionais e projeções de perspectivas para seus futuros, pudemos construir dados para esta pesquisa, como expressa esta fala.

*Ela (escola) não tem que formar apenas um profissional, **ela (escola) tem que formar um ser humano.***

Fica evidente, na fala do jovem/adolescente, o que eles esperam que a escola faça para que suas perspectivas de futuro possam ser alcançadas. Na visão desses estudantes, a escola precisa criar laços e buscar conhecer quem são seus alunos, agindo de forma afetiva e dialógica, procurando entender o aluno, formando seres humanos, cidadãos e não apenas profissionais para o mercado de trabalho.

Vale salientar que, este núcleo de significação traz consigo o que os sujeitos sentiram e expressaram nos momentos que foram realizados os encontros do grupo focal. Os jovens/adolescentes reconhecem que para a concretização dos

seus projetos de futuro eles precisam ir além do sonhar, precisam ter esforço e dedicação, como evidencia este sujeito: “***Eu venho me esforçando, no ensino médio, pra poder fazer o que eu quero, eu brinquei muito nas outras series***”.

Quando se quer alcançar objetivos é preciso planejar, desejar. São essas significações que fazem com que os primeiros passos necessários para o início da construção do projeto de vida sejam projetadas. A realidade é concreta e os sonhos ficam no campo da abstração. Observamos nessa expressão a forma direta e objetiva, abordando de forma quase que submissa essa relação, vejamos:

*Se você não quer estudar e você quer ser mãe, tudo bem, a escola não é sua prioridade. Mas, se sua prioridade é entrar numa faculdade, você tem que ser maduro o suficiente pra reconhecer **que o papel da escola é ensinar e você aprender.***

Os jovens/adolescentes que participaram desta pesquisa pertencem à classe média de algumas cidades que fazem parte da região do Vale do Açu, no interior do estado do RN. São jovens que frequentam escola particular e que vivenciam realidades permeadas de oportunidades para seus futuros.

A maioria são filhos de pequenos empresários e funcionários públicos, alguns possuem pais separados, desempregados, outros já possuem a responsabilidade de manter e organizar um lar. Ao falar do motivo de frequentar a escola, a manifestação de um jovem/adolescente foi a seguinte: “*Eu só venho aqui (escola) pra **poder ser alguém na vida, como dizem os meus pais***”.

Este pré-indicador demonstrou que esse jovem, já com seus 17 anos, com cerca de 10 anos de escola, com muitos amigos, parentes, conhecimentos, experiências e saberes ainda não se considerava alguém na vida, visto pelo olhar dos seus pais. E pior ainda, ser alguém na vida para ele significava ter, como expressa: “Quero tá estável financeiramente, ter uma estabilidade financeira muito boa”.

Estamos interpretando aqui o resultado do levantamento de pré-indicadores que aglutinam o indicador “*Perspectiva de futuro mediada pela escola*”. Apreendemos que para esses jovens/adolescentes a escola é uma obrigação cuja concretização se dará através da frequência à escola e que essa obrigação precisa ser cumprida de modo que alcancem suas perspectivas para o futuro.

A realidade em que cada um vive é bem diferente no dia-a-dia, mas eles possuem algo em comum: o encontro diário na escola. Todas as manhãs, durante cinco dias da semana eles “se encontram com suas turmas”, brincam, estudam uns com os outros. Alguns ajudam os pais no comércio, outros ajudam nas tarefas domésticas, outros precisam trabalhar, outros (com mais dedicação e por possuírem poder aquisitivo familiar) estudam em cursinhos nos turnos vespertino e noturno.

A juventude é uma fase em que os sonhos estão no ápice. Existem sonhos e desejos distintos. Alguns querem melhorar suas realidades atuais, alguns falam no desejo de ter estabilidade financeira, de ingressarem na universidade, outro pensa em conseguir estabilidade financeira para ajudar os pais quando eles estiverem idosos e não puderem mais trabalhar, outra fala sobre o sonho da maternidade.

Ao analisarmos outro indicador, “*Perspectiva de futuro mediada pela estabilidade financeira*”, observamos que o/a jovem/adolescente tem como prioridade para seu futuro a formação em nível superior, depois expressa o desejo de ter condições financeiras para, caso precise ajudar seus pais. E afirma:

*Pra mim é se formar, claro. Você **crescer financeiramente, socialmente e individualmente como ser humano. Ter, primeiramente, uma vida sustentável, onde você consiga se manter pra ajudar, talvez, seus pais ou pessoas que mais precisem, e... aí depois, daí pensar em ter uma família.***

Consideramos nesse núcleo as perspectivas de futuro mediadas pela realidade. Entendemos que, na fala, o sujeito expressa que o desejo de uma vida sustentável. Um modo de vida sustentável não é apenas uma escolha ou moda, é necessário que sejam adotados hábitos para se ter uma vida sustentável. Essa sustentabilidade, falada pela jovem/adolescente, se refere a ter independência financeira, a poder viver sem precisar do dinheiro dos pais. A partir dessa fala, interpretamos que a estabilidade financeira é um termo muito presente em outras falas. Vejamos:

Eu quero me formar como um ser humano melhor. Ter uma estabilidade financeira boa, mas eu pretendo evoluir com meu caráter. Eu acho que eu tenho certas atitudes que eu não concordo comigo mesma, mas eu acabo me impulsionando a fazer. Eu acho que [...] duas metas: poder ser um ser humano melhor do que eu sou hoje e ter uma estabilidade financeira muito boa, ser independente.

Percebemos que, ao enfatizar a questão da estabilidade financeira, eles deixam evidente que para alcançar esse desejo precisam conquistar boas notas, serem aprovados nas séries do ensino médio e conseguirem uma boa pontuação no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM a fim de ingressarem no ensino superior e dar continuidade aos estudos.

Sobre as questões “estabilidade financeira”, eles pensam que ser financeiramente independente é ter segurança e conforto para viver e sustentar sua família sem dores de cabeça, sem estar constantemente preocupado com o dinheiro. É conseguir desfrutar a vida sem depender unicamente da renda mensal. O primeiro fator que chega e muda a vida de um jovem/adolescente é a responsabilidade. Sem ela, dificilmente será possível encarar uma trajetória de sucesso para uma carreira sólida e, conseqüentemente, uma futura estabilidade financeira. Isso fica evidente nessas falas quando dizem:

Eu venho me esforçando, no ensino médio, pra poder fazer o que eu quero, eu brinquei muito nas outras séries.

Estudar é essencial, mas todo mundo sabe que é chato.

Os sujeitos que estão cursando a terceira série do ensino médio falam que existe o esforço em estudar mais tempo, de possuir mais dedicação e responsabilidade para com os estudos. Eles sentem isso pelo fato de passarem a constatar que esse seria o último ano deles na escola e que se configura como um ano de dificuldades e de decisões, pois precisam revisar todos os conteúdos de uma vida em apenas um ano e ao final do ano precisam fazer escolhas de faculdades e cursos que irão estudar. Essas escolhas precisam ser tomadas com cuidado, pois implicarão futuramente em suas vidas.

Acerca dessas escolhas que precisam ser tomadas, caminhamos na perspectiva das significações que são constituídas por esses jovens/adolescentes. É interessante destacar a forma como estamos conduzindo a interpretação deste núcleo de significação. Optamos por articular os dados dos sujeitos quebrando a seqüência cronológica dos encontros realizados e buscamos a articulação entre os fatos falados pelos nove sujeitos, evidenciando as relações. Para isso, recorreremos às categorias historicidade, atividade, pensamento e linguagem e às significações

para analisar os depoimentos de forma sócio-histórica, apreendendo as mediações constitutivas da realidade.

Nessa perspectiva, é essencial discutir e explicitar com mais propriedade que, ao propor apreender as mediações constitutivas da realidade, a intenção do método histórico-dialético é evidenciar, por meio do processo de análise e síntese do sujeito em foco, as particularidades históricas e sociais que configuram a articulação de sua singularidade e genericidade, isto é, a contraditória existência dos aspectos idiossincráticos, históricos e sociais e como, nessa contraditória existência, se produzem mutuamente. (AGUIAR, SOARES, MACHADO, 2015, p. 65)

Essas particularidades podem ser apreendidas à medida que evidenciamos a fala de um sujeito. Estudar para alcançar objetivos requer esforço sim. E, mesmo sendo chato estudar, os jovens/adolescentes reconhecem que é essencial para poder realizar suas perspectivas de futuro. Para se pensar em um futuro com estabilidade financeira boa é necessário, primeiramente, um lugar sem distração, pois estar em um lugar tranquilo favorece o pensamento individual, já que ninguém influenciará em qualquer decisão.

Nas falas acima, apreendemos que o primeiro sujeito deixa transparecer um tom de arrependimento pelo fato de não ter estudado mais nas séries anteriores e de que, agora que está na última série do ensino médio, precisa recuperar o tempo perdido e se esforçar mais. Ele reconhece a importância que o estudar tem para sua vida e para seu futuro.

Podemos apreender que cada jovem/adolescente possui, pelo menos, uma área de interesse para a vida profissional. Destacamos o momento de uma fala que evidencia a perspectiva de futuro e a escolha da profissão que deseja seguir, observemos esse trecho em que uma participante fala da sua expectativa para o futuro:

Minha expectativa para o futuro é estudar mais pra que eu possa entrar numa faculdade, me formar e atuar na área que eu quero que é medicina veterinária.

Diante da sua realidade, essa jovem/adolescente fala sobre o curso pretendido para o nível superior de educação. A jovem/adolescente explica que desde criança gosta de cuidar de animais e por isso tem a profissão escolhida de forma bem decisiva. Outro sujeito também expressa o desejo pela faculdade que deseja cursar, vejamos na sua fala a expressão:

Eu quero engenharia mecânica. Eu gosto muito de medicina, mas engenharia... Oh, o cara com uma folha e um lápis, ele projetou isso daqui... um carro que vai de zero a cem em três segundos. Isso é interessante, você vê um negócio daquele.

Nesse pré-indicador, o jovem/adolescente deixa evidente quando expressa seu desejo em continuar os estudos e que já possui uma escolha definida: a engenharia mecânica. Vale ressaltar que vários jovens/adolescentes, ao falarem sobre o futuro, expressam o desejo de estarem estáveis, ou seja, de possuírem um curso de nível superior e um emprego fixo, que os garanta terem casa, carro e lazer.

Alguns jovens/adolescentes expressaram como se imaginam futuramente, como vimos na fala acima, o desejo e a certeza de qual curso será escolhido para seu futuro profissional. Outro sujeito, porém, deixa claro que a prioridade para seu futuro é estar estável financeiramente, que ainda possui dúvidas sobre em qual área da saúde atuará, explica que não sabe se deseja constituir família (ter filhos) deixa evidente que a prioridade na sua vida é ser um ser humano melhor, mais tolerante e menos preconceituoso. Acerca disso, observemos sua fala:

Eu acho que... eu ainda tô em dúvidas nos cursos. Não sei se é fisioterapia, não sei se é nutrição ou enfermagem, mas eu quero tá formada. Não sei se eu quero ter filhos, talvez sim, talvez não. Também não sei se eu quero casar, é... não é uma coisa que é obrigação minha na vida, e... quero tá estável financeiramente.

Quando algumas concepções percebem o adolescente de forma negativa, acentuando suas características transgressoras de rebeldia, inconstância e o veem como uma ameaça, de certa forma, essas concepções atravessam questões sociais, históricas e culturais que devem ser desveladas para que se entenda o processo que legitimou tais concepções.

Em consideração aos determinantes como *cultura*, classe social, família, colegas da escola e o ambiente em que vivem estes adolescentes, Bock (2007) registra a preocupação do referencial sócio-histórico ao investigar a adolescência:

Concepções correntes, até então, concebiam a adolescência como uma etapa natural do desenvolvimento, tendo um caráter universal e abstrato. Inerente ao desenvolvimento humano, a adolescência não só foi naturalizada, mas também percebida como uma fase difícil, uma fase do desenvolvimento, semi-patológica, que se apresenta carregada de conflitos “naturais”. [...] Criticar a perspectiva naturalizante se torna uma necessidade, pois a Psicologia, ao

desenvolver perspectivas naturalizantes, deixa de contribuir para leituras críticas da sociedade e para a construção de políticas adequadas para a juventude, responsabilizando, com sua leitura, o próprio adolescente e seus pais pelas questões sociais que envolvem jovens. (p. 65-66)

A juventude foi se constituindo historicamente, segundo Bock, Furtado, Teixeira (1999), na coragem, na luta para vencer na vida, na noção de construir-se a si mesmo, ser independente, tomar suas próprias decisões e responsabilizar-se por elas. Estes são valores presentes na vida desses jovens/adolescentes. Hoje é possível perceber que alguns desses sujeitos já possuem perspectivas para o futuro e refletem sobre uma boa qualidade de vida no trabalho, como expressa essa fala de um dos nossos sujeitos:

*Não apenas se formar, mas no que quer, no que gosta. **Trabalhar de forma feliz no que faz**, gostando do que faz.*

Em relação ao futuro, muitos jovens/adolescentes já definem essas perspectivas, sejam de ingressarem na faculdade desejada, seja a longo prazo de fazer planos, seja o desejo de ter estabilidade financeira com um emprego fixo que o possibilite ter dinheiro para fazer o que desejar. São diversos os planejamentos. Os jovens/adolescentes traçam caminhos e esses projetos são mediados por diversos elementos históricos, sociais e culturais.

Adolescência é a idade da vida em que se começa a enfrentar o tempo como uma dimensão significativa e contraditória da identidade. Nesta idade, o futuro é visto como um conjunto de possibilidades, prevalecendo sua orientação. Essas possibilidades podem se tornar fantasmas, por não haver tempo para realizá-las. (BOCK, 2007, p. 65)

O estudo revelou que as significações constituídas por eles nos fizeram apreender as dificuldades que deverão enfrentar para alcançar seus objetivos para o futuro, em curto ou em longo prazo. O estudo revelou que para esses adolescentes a escola há muito tempo deixou de ser apenas o centro educativo, que vai instruir o estudante apenas a ingressar em uma faculdade.

O estudo também revelou que a escola, na concepção dos estudantes do ensino médio, “*não tem que formar apenas um profissional, ela (escola) tem que formar um ser humano*”. Nessa fala, fica evidente o quanto o papel da escola se

modificou. Nossos sujeitos acreditam que a escola não é mais um local apenas de estudos.

As mediações que afetam as perspectivas de futuro na adolescência, segundo esses jovens, estão relacionadas com a estabilidade financeira, a busca pela realização profissional e a concretização dos seus sonhos e desejos. Em sua fala, Netuno aborda sobre o desejo de se “formar” como um ser humano melhor, de evoluir com o seu caráter, de ter uma estabilidade financeira boa. Deixa claro que possui duas metas para seu futuro: poder ser um ser humano melhor do que é hoje e ter uma estabilidade financeira muito boa, ser independente.

6.2 Núcleo de Significação 2 – Sentimentos em Relação à Escola

Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tomamos parte.
FREIRE, 1988

A Psicologia Sócio-Histórica, a partir dos estudos de Vygotsky, apresenta-se como uma possibilidade de construir um novo olhar sobre a “edad de transición” (VYGOTSKY, 2012). Vygotsky, apesar da brevidade de sua existência (1896-1934), deixou-nos um vasto legado sobre o psiquismo humano. A partir do materialismo histórico-dialético, introduziu as bases históricas e sociais para uma nova concepção da psicologia.

Com base nessa perspectiva de psicologia analisaremos este núcleo de significação intitulado “*Sentimentos em relação à escola*”, constituído por indicadores que estão intimamente aglutinados ao modo como os adolescentes expressam seus envolvimento com a escola em que estudam. Um dos indicadores aborda a relação dos adolescentes com a escola, o outro trata sobre as questões de ensino e formação, outro indicador representa o pensamento dos adolescentes acerca do pedagógico da escola e o último indicador deste núcleo aborda a discussão da escola que desejam para o futuro.

Analisaremos aqui as significações que a escola tem para o adolescente, sobretudo, os afetos existentes nessa relação dos sujeitos pesquisados com a escola, no ensino médio. O processo de significação não é apenas cognitivo, também é afetivo e essas duas condições não se separam, eles estão o tempo todo em construção.

Destacamos que, no decorrer da nossa análise, traremos as falas dos adolescentes que participaram desta pesquisa para que nossa interpretação tenha como ponto de partida as significações que foram apreendidas acerca dos sentimentos em relação à escola. Segundo um sujeito participante da pesquisa, a escola vai além do conhecimento técnico. Observemos sua expressão:

(a escola) Ela vai aperfeiçoar a pessoa como ser humano. Você chega aqui uma coisa, aí você vai aprender valores pra você ser uma pessoa melhor.

Nesse sentido, o adolescente afirma que a escola se configura como um ambiente de transformação, que é um espaço de aperfeiçoamento o qual possibilita a aprendizagem de valores, para que os estudantes se tornem seres humanos melhores do que são hoje. Sobre este aspecto, Bock, Furtado e Teixeira (1999) nos dizem que:

A escola apresenta-se, hoje, como uma das mais importantes instituições sociais por fazer, assim como outras, a mediação entre o indivíduo e a sociedade. Ao transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais, a escola permite que a criança “humanize-se”, cultive-se, socialize-se ou, numa palavra, eduque-se. A criança, então, vai deixando de imitar os comportamentos adultos para, aos poucos, apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola, aumentando, assim, sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social. (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1999, p. 345).

A escola exerce o papel de dialogar sobre conteúdos e ensinar valores aos seus estudantes. Em relação aos estudos, os adolescentes desta pesquisa objetivam o crescimento intelectual, bem como o futuro promissor de todos que frequentam a escola: ***“Ela vai aperfeiçoar a pessoa como ser humano. Você chega aqui uma coisa, aí você vai aprender valores pra você ser uma pessoa melhor”***.

Nessa fala podemos compreender a significação que a escola possui para esses adolescentes. Fica evidente o processo de constituição dos sujeitos pela mediação da instituição escolar. Eles reconhecem e afirmam que ***“Ela vai aperfeiçoar a pessoa como ser humano”***, ou seja, a escola não dialoga questões que envolvem apenas o conteúdo, mas também a constituição de uma pessoa melhor.

Precisamos destacar também, questões acerca da qualidade do ensino. O *Sistema Solar* (escola alvo da pesquisa) é considerada uma das melhores instituições de ensino da cidade e da região do Estado. Por ser uma das melhores escolas, os participantes dessa pesquisa se sentem privilegiados, mas ao mesmo tempo se sentem sufocados. Um dos participantes da pesquisa afirma que por diversas vezes “*a pressão que a escola faz é muito grande*” devido aos objetivos dos adolescentes com o intuito de alcançar resultados positivos, ou seja, de sucesso profissional.

Um adolescente relata que a escola cobra muito porque precisa fazer marketing, visto que é uma escola da rede privada de ensino. No entanto, ele se mostra um tanto “*usado, cobrado*” pela escola. Afirma que gostaria de se sentir mais “*incentivado e motivado*”, acolhido pelos profissionais da escola, que a preocupação da escola deveria ser menos nos índices de aprovação e mais nas relações sociais. Porque os índices de aprovação não dizem tudo sobre o que o jovem/adolescente se tornará no futuro. Isso fica evidente nesta fala:

(a escola) Não pode pensar: eu vou formar alunos pra passar no ENEM. Só que a gente também tem que ver que a escola é uma empresa, a escola precisa gerar lucro.

Esse pré-indicador fala que a escola deixa evidente a significação da aprovação no ENEM, ou seja, a escola precisa apresentar bons índices de aprovação para que possa fazer seu marketing e conquistar novos estudantes no ano seguinte. Ao expressar essa fala, percebemos que esse sujeito utiliza um tom de crítica, pois acredita que a escola não deveria se preocupar tanto com isso, pois o resultado deveria ser a consequência de uma boa relação da escola com o jovem/adolescente. Contudo, no final da sua fala, reconhece que a escola tem essa atitude pelo fato de ser “*uma empresa, a escola precisa gerar lucro*”.

Para esse sujeito, o estudante vai gostar mais da escola e a aprendizagem e o sucesso serão apenas uma consequência de uma boa relação. Nesse aspecto a preocupação da escola não deve estar voltada apenas para uma aprovação do ENEM. Contudo, por se tratar de uma escola da rede privada de ensino.

Entretanto, é interessante abordar a significação desse jovem que deseja uma escola mais humanizada, que direcione o foco para os adolescentes, que os escute mais nesse caminho do sucesso profissional, que dialogue mais, que a escola esteja mais presente em suas vidas de forma afetiva.

O aclamado educador São João Bosco, intitulado “Pai e Mestre da Juventude” por João Paulo II, em 1988, cujo título foi recebido pelo reconhecimento pelo afeto com que ele realizava ações no plano humano, cultural e espiritual em favor dos jovens, dizia que “os jovens não só devem ser amados, mas devem saber que são amados. A primeira felicidade de um menino é saber-se amado”. Nesse aspecto, a jovem/adolescente, explica fatos sobre a sua relação com o ensino da escola, vejamos:

*O ensino aqui da escola tem que ser completamente filantrópico. **Você tem que ter amor aos alunos e os professores tem que entender o seu lado e seu ponto de vista.** Não é só a sociedade, passamos aqui, o que? Oito horas aqui e, sinceramente, **90% dos alunos se sentem em uma prisão. É a realidade de todos aqui.***

Fica evidente que existe um paradoxo, ou seja, uma declaração que leva a uma contradição, ou a uma situação que contradiz a intuição. A escola *Sistema Solar*, diferente da família, atua em um processo de reprodução das relações sociais. Ela é institucionalizada e parte dos princípios, objetivos, conteúdos, direitos e deveres que são definidos pelo governo, com a finalidade de garantir a reprodução de conhecimentos e valores, garantindo o desenvolvimento de novos conhecimentos, necessários para o progresso da região e, porque não dizer do Estado, já que nela frequentam estudantes de diversas cidades que fazem parte de algumas regiões do Estado do Rio Grande do Norte.

Destacamos que a relação entre o progresso histórico e o progresso da educação é tão estreita que se pode julgar o nível geral do desenvolvimento histórico de uma sociedade pelo nível de desenvolvimento do seu sistema educativo e vice-versa. O indicador “ensino e formação” aponta falas dos jovens/adolescentes no sentido de que haja esse desenvolvimento, como expressa essa fala:

A escola dá uma oportunidade de liberdade, a escola dá uma oportunidade de você abranger todas as áreas.

A escola oferece o suporte necessário para manter o jovem/adolescente nela, evitando o abandono escolar e possui um ambiente que possibilita o conhecimento do conteúdo em todas as disciplinas. Ainda possui uma estrutura de equipe multidisciplinar, contando com psicóloga e psicopedagoga para auxiliarem no processo de desenvolvimento – não só escolar, mas também enquanto ser humano – e motiva os alunos a serem aprovados em grandes universidades, fazendo-os se sentirem capazes dessa aprovação.

Os adolescentes da terceira série afirmam que “*não deram tanto valor como deveriam ter dado aos professores*”. Eles afirmam que chegam a essa conclusão só na terceira série pelo fato de ser o ano decisivo de suas vidas; ano em que precisam escolher um curso no qual atuarão e do qual viverão suas vidas e que os fará profissionais no futuro.

Afirmam que “**A escola dá uma oportunidade de liberdade**”. Nessa fala o sujeito diz que a escola oferece espaço para diálogo, bem como conhecimento em diversas áreas que serão necessárias, não só para o presente, mas também para o futuro, ou seja, que ambos (escola e sujeitos) devem caminhar juntos para que, com o adolescente possuindo liberdade e conhecimento, juntos alcancem suas perspectivas de futuro.

Sobre o adolescente que possui suas próprias escolhas e que define sua atuação na realidade social da qual faz parte, na condição de participante desta pesquisa pautada pela concepção sócio-histórica da psicologia, temos que:

Nossa cultura valoriza o adulto produtivo. Desvaloriza todas as outras fases da vida: a infância, a velhice e a adolescência, tomadas como fases improdutivas para a sociedade, por isso desvalorizadas. A visão naturalizadora reforça estes valores, ao tomar o desenvolvimento como referência. [...] A Psicologia não deve manter-se divulgando e reforçando estas visões. [...] Enfim, a visão naturalizante da adolescência é mais do que uma visão que acoberta as determinações sociais; é uma visão que impede a construção de uma política social adequada para que os jovens possam se inserir na sociedade como parceiros sociais fortes, criativos, cheios de projeto de futuro. (BOCK, 2002, p. 39)

Os participantes dessa pesquisa ressaltam que o *Sistema Solar* está buscando sempre inovações tecnológicas para fazer com que o interesse dos estudantes pelos estudos cresça cada vez mais. Um sujeito explica que num determinado momento deste ano letivo a escola ficou preocupada com o uso dos

celulares em sala de aula, pois estava atrapalhando no rendimento e no processo de ensino-aprendizagem. Sobre este fato, o sujeito expressa o seguinte:

A escola, ela se esforça muito, se esforça ao máximo, pra tipo, trazer coisas novas pra vê se a gente se interessa e o interesse dos alunos, eu falo pela escola toda, é mínimo.

Um participante explica que a diretora comprou um programa para que todos os estudantes do ensino médio utilizassem os celulares em sala de aula com a finalidade de resolverem questões, lerem textos, conversar entre os colegas e com os professores.

No entanto, o uso desse aplicativo escolar é mínimo – alguns sujeitos afirmam nunca o terem utilizado. Justificam pelo fato de gostarem dos celulares para o uso de redes sociais e não para estudar, por isso o adolescente fala que “o interesse dos alunos, eu falo pela escola toda, é mínimo” em relação ao aplicativo para estudo no celular dentro da sala de aula.

Nesta fala, os jovens/adolescentes reconhecem que a escola realiza investimentos altos quando diz “**A escola, ela se esforça muito, se esforça ao máximo, pra tipo, trazer coisas novas**”, contudo, seria necessário perguntar aos estudantes o que pensam sobre os novos investimentos e se seriam uma boa aquisição, para que haja aceitação e contribuam com o processo de ensino-aprendizagem.

Talvez esse interesse seja mínimo porque não houve diálogo, porque o investimento não foi apresentado como uma ferramenta que poderia contribuir e, pelo contrário, tenha sido imposto como meio de avaliação do aluno no trimestre. Esse paradigma explica as transformações existentes na educação ao longo do tempo.

Assim, os adolescentes nos colocam diante de uma percepção do real que apresenta uma transformação no âmbito escolar. São essas mudanças históricas que vão formando e constituindo os novos sujeitos históricos, participantes de um processo formativo. Nesse processo, percebe-se a intersubjetividade, revelada e que advém dessa relação social, pois o indivíduo só pode constituir-se como homem e, nessa condição, como sujeito de seus próprios atos, nas relações cotidianas com os outros homens e com o meio.

Sobre isso, o indicador que “relação com a escola” trata de um levantamento de pré-indicadores que expressam como os jovens/adolescentes, participante dessa pesquisa, percebem esta relação deles com a escola. Essa fala dos sujeitos nos permite entender diversos aspectos dessa relação que estão constituídos por questões sociais e/ou culturais. Afinal, nosso entendimento aqui perpassa questões sociais, por isso buscamos entender para onde o jovem/adolescente está olhando quando ela valoriza ou desvaloriza a escola.

As finalidades da escola são colocadas, nas teorias pedagógicas e no cotidiano, como sendo culturais: transmitir o conhecimento acumulado pela humanidade para que as pessoas possam se aperfeiçoar e cumprir funções sociais importantes. Assim, para as teorias pedagógicas, o lugar social que o indivíduo ocupará na sociedade depende do grau de cultura que adquirir. A escola atesta o saber através de diplomas, que se tornam passaportes para a vida social. O grau de cultura que o diploma atesta é tomado como a possibilidade de o indivíduo diplomado ocupar lugares na sociedade. (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1999, p. 351)

Esse ponto de vista nos faz pensar como a escola precisa proporcionar experiências cada vez melhores para estes estudantes. Os adolescentes não apenas querem frequentar o espaço escolar para estudar, mas desejam que este espaço esteja conectado com o mundo contemporâneo, que seja um espaço atrativo. Como desejam contribuir com os projetos e experiências escolares, bem como para as suas perspectivas de futuro, os adolescentes precisam construir relações de confiança e apoio nas interações com a escola.

É interessante destacarmos que os professores, na contemporaneidade, precisam estar preparados para atuarem na perspectiva de que os estudantes falam. Sobre essa perspectiva, um adolescente evidencia:

*Uma coisa que a gente pode perceber dentro da escola, é que **os professores, eles são poucos capacitados em relação a problemas de aluno... alunos deficientes. Nós não temos um professor de Libras, nós não temos um professor pra que... tipo, saiba ensinar uma pessoa que tenha Síndrome de Down, não sabe é... tipo, lidar com uma situação de Saturno. Eu acho que falta preparação dessa parte.***

Esse sujeito relata, na sua fala, que sente a necessidade de que a escola tenha profissionais capacitados e especialistas em determinadas áreas. Aborda que na escola, Sistema Solar, não possui um professor que atue com a Língua Brasileira

de Sinais no ensino médio, e também não há professores que saibam ensinar adolescentes que tenham Síndrome de Down.

É interessante destacar mediante suas preocupações pessoais de serem aprovados e de ingressarem em uma universidade, que também observam outras questões que são do convívio escolar. Podemos perceber que os jovens/adolescentes se preocupam com questões objetivas que estão ao seu redor, como por exemplo, a educação inclusiva. Deixando evidente a percepção deste adolescente em relação a outros colegas, principalmente quando cita o nome de um deles, Saturno, para quem os ataques de epilepsia ocorrem com frequência, e que muitos profissionais da escola não sabem lidar com esses momentos complexos.

Diante dessa fala, podemos compreender que, na visão da maioria dos adolescentes que participaram desta pesquisa, os professores vêm sendo formados para lidar com alunos tidos como iguais, normais e capacitados. Como afirma, “**os professores, eles são poucos capacitados em relação a problemas de aluno**”. O estudante afirma que está sendo necessária, para a escola, uma formação profissional específica ou especializada para lidar com aqueles alunos que são considerados desvios do padrão: os diferentes, problemáticos, especiais.

É preciso articular a vida escolar com a vida cotidiana, articular o conhecimento escolar com os acontecimentos do dia-a-dia da sociedade. A escola não deve ser pensada como fortaleza ou como uma instituição que enclausura seus alunos, pois isso os deixa ainda mais pressionados por terem que estudar em um ambiente que não lhes passa prazer e satisfação. Como deixa evidente essa fala:

*Eu acho que **a gente não vem pelas aulas** e sim, pelos amigos que a gente tem.*

Segundo esse jovem/adolescente, as relações que ele mantém com os amigos é mais significativa que a relação com a escola. Isso ocorre porque eles vivem uma fase em que as amizades começam a ser definidas por grupos sociais, afinidades, questões culturais e, quando os grupos estão formados, eles se sentem à vontade para conversar e contar confidências. A escola age como um espaço que propicia esse encontro todos os dias com esses grupos afins.

Contudo, vale salientar que se formam inúmeros grupos de amizades distintos, cada um com suas questões subjetivas. Em relação a essa sociedade diversa, constituída dentro da escola, uma adolescente pontua o seguinte:

*Rola uma pouca de **preconceito aqui nessa escola, com pessoas que têm um relacionamento sério... também como pessoas casadas.** Eu e minha amiga, MARTE, por exemplo, ela é noiva e eu sou casada. Tem pessoas que olham... olham com outros olhos pra gente.*

Nessa fala, a adolescente carrega consigo um sentimento de preconceito por parte dos seus colegas. Dessa forma, articulando os sentidos e significados do grupo social dessa participante, podemos perceber que apesar de frequentarem o mesmo espaço escolar, de possuírem a mesma faixa, destacamos o cuidado na construção de sentidos com suas vivências e suas experiências.

Diante disso, deixamos clara a importância da teoria e da contextualização para chegarmos às significações que são mediadas socialmente. Os sentidos e significados são articulados com o grupo social com o qual os participantes estão imersos.

Compreender essa cultura e o conjunto das relações sociais, bem como suas atividades concretas do cotidiano, nos permite compreender o sistema de signos que realiza a mediação e configura o processo de subjetivação desses adolescentes, nos mostrando como se sentem e interpretam o meio social em que vivem. Acerca disso, o jovem/adolescente pontua:

*É exatamente isso, uma pessoa que tenha um problema, eu falo isso porque eu já fiz psicanálise e eu sei como é que é o estágio, você primeiro tem que aceitar que você tem o problema, pra você aceitar ajuda médica. Se você não, não aceitar aqui que você tem um problema, ninguém pode te ajudar, então, a função da escola é oferecer, a sua função é aceitar a ajuda. **A escola não tem como ajudar se você não quer ajuda.***

As relações vão sendo estabelecidas à medida que acontecem as vivências dos adolescentes com a escola, contudo podemos focalizar na fala do sujeito que está em negrito, que a escola não tem como saber se um estudante está com problemas pessoais, se ele não a procurar, se ele não procurar o profissional psicólogo ou até mesmo um professor.

Fica evidente a possibilidade de, em casa, muitos estudantes terem problemas pessoais ou psicológicos que venham a afetar diretamente o desempenho escolar, mas por algum motivo a escola não percebeu que o aluno está passando por um problema. Esse adolescente precisa procurar um profissional da

escola e conversar sobre o que o incomoda, para que juntos possam chegar a uma solução.

Nesse aspecto outro indicador constituído foi “pensando o pedagógico”. Nele os participantes argumentam sobre atitudes e questões que podem ser realizadas e que são viáveis para a escola, para melhorar o processo de ensino-aprendizagem na busca de alcançarem suas perspectivas de futuro. Vejamos o que diz esse adolescente:

*Seria muito mais legal se, por exemplo, sentasse com a **diretora e perguntasse pra gente, o que você acha melhor na escola? Você tá achando o método do ensino legal? O que a gente pode fazer pra melhorar? Mas eles não perguntam a gente.***

Nesta fala o adolescente deixa explícito seu posicionamento em relação à gestão e ao pedagógico da escola, expressando seu desejo de mais diálogo entre estudantes e professores, coordenadores e direção. É a partir do diálogo que o pedagógico escolar poderia entender quais são as reais dificuldades dos estudantes e quais caminhos seguir para as possíveis soluções.

Na fala, a adolescente chega a sugerir questões que poderiam ser discutidas, como por exemplo, a forma como está sendo desenvolvido o método de ensino da escola. A partir disso, a escola buscaria entender quais os pontos que precisam ser melhorados. Através da visão dos alunos, a escola poderia melhorar seu processo de ensino e, conseqüentemente, melhorar o método utilizado, fazendo correções, com base no que os adolescentes criticam. Um deles ainda coloca o seguinte:

*Eu acho que era pra o colégio ouvir mais os alunos, assim como você tá fazendo agora. **Eles (escola) ouvem mais os nossos pais e os pais não falam o que nós achamos do colégio.** Eles só querem ouvir dos pais.*

Diante dessa expressão, podemos inferir o significado da fala, do diálogo, com quem de fato vivencia o ambiente escolar. Este adolescente realiza uma crítica à escola pelo fato de ela procurar sempre os pais e/ou responsáveis para a resolução de problemas, para dialogar sobre novos projetos e novas perspectivas em relação ao ensino e ao espaço escolar como um todo.

Porém, quando cita na sua fala que **“os pais não falam o que nós achamos do colégio”**, vale destacar que os pais não perdem sua importância no processo de acompanhamento escolar dos filhos, mas que a escola precisa ouvir também os adolescentes que estão lá, todos os dias, que vivenciam todos os momentos proporcionados, que sabem quais as reais dificuldades enfrentadas por eles diariamente e que podem contribuir significativamente para a mudança, visto que são eles os sujeitos participantes desse espaço.

Nesse movimento dialético de análise estamos sistematizando os indicadores e a dimensão empírica das significações vai sendo superada pela dimensão concreta, pois o concreto une momentos diferentes. Aguiar e Ozella (2013, p. 310) ressaltam a questão central dessa parte “o movimento que vai da dimensão abstrata à dimensão concreta dos processos de significação”.

No intuito de contribuir com este movimento dialético, os jovens/adolescentes desejam ter uma relação mais intrínseca com o pedagógico da escola. Um adolescente aponta:

“A gente não pode fazer muita coisa pra mudar, além de a gente conversar com a Irmã e ela poder saber que a gente tá se sentindo assim, porque eu acho que ela não sabe”.

Diante dessa fala, percebemos que o jovem/adolescente reconhece que nem só a escola está errada em não o procurar para dialogar e, de certa forma conhecer melhor seu estudante, mas que o adolescente também poderia ter esta atitude. Como ele mesmo expressa na afirmação **“porque eu acho que ela não sabe”**, demonstra se sentir incapaz de fazer algo para mudar a realidade da escola que exige resultados, que oferece qualidade de ensino, que por vezes faz isso sem buscar entender se o estudante está compreendendo ou não. Contudo, ele reconhece que pode ir até a **“Irmã”** (Diretora) para fazer sim, alguma coisa e provocar a mudança desejada.

No que concerne a situações futuras que podem se constituir circunstâncias imprevisíveis ou que exponham o real, ao falarem da escola que desejam para o futuro um adolescente expõe:

“Eu desejo uma escola com mais respeito, mais interação dos coordenadores, diretores e coisas para o aluno. Sob toda interação social entre os alunos, quanto de mestres e estudantes”.

Aqui observamos novamente o desejo de maior interação da equipe pedagógica e gestora da escola com os jovens/adolescentes. Sobre essa relação, os próprios adolescentes esperam que a escola mude. Vejamos:

“Tem muita coisa pra mudar na escola. A escola que eu desejo pro futuro é uma escola mais normalizada, mais equilibrada, mais respeito, menos distinção social”.

Quando este adolescente fala em “**distinção social**” está se referindo aos diversos grupos de adolescentes que existem na escola, visto que é uma escola da rede privada de ensino e que, por ser filantrópica, possui em suas salas de aula muitos alunos que vieram de escolas públicas, e que por isso são bolsistas, ou seja, alunos que não pagam mensalidade e possuem uma renda família de até um salário mínimo.

Alguns sujeitos participantes dessa pesquisa relatam que existe um certo preconceito com estudantes de classes menos favorecidas e, por isso, este adolescente expressa acima o pedido de “**mais respeito**” pelo fato de todos serem estudantes da mesma escola e possuírem os mesmo direitos. Outro adolescente expressa o seguinte desejo:

“Desejo uma escola onde todos sejam tratados de forma igual, que seja um lugar onde nós possamos nos descobrir como pessoas”.

Esta parte em negrito compreende as questões subjetivas em que a escola, como mediadora, age sobre o social e cultural do adolescente. Por isso espera que a escola contribua não só com a escolha de um curso, mas também com a formação de um ser humano melhor, como evidencia “**um lugar onde nós possamos nos descobrir como pessoas**”. No caso desta pesquisa, não podemos ficar presos somente aos aspectos visíveis dos fatos, pois isso resulta da obviedade dos dados empíricos. Ressaltamos que estes são fundamentais para a nossa pesquisa visto que o empírico (aparência) e o concreto (essência) são pares

dialéticos constitutivos de um mesmo processo, que é o de construção do conhecimento sobre a realidade.

Vale salientar que, em Vygotsky (2001), o sentido é uma categoria que nos ajuda a romper com a visão dicotomizante que marca o entendimento da relação individual/social, interno/externo, objetivo/subjetivo. Assim sendo, o sentido não se reduz a mero aspecto interno de pensamento. Segundo Soares (2011), a Psicologia sócio-histórica aponta que o sentido está articulado a vivências e fatos que acontecem em espaços e tempos diversos e que isso vai constituindo a subjetividade.

Com base nessa possibilidade de articulação dialética entre o mundo individual e o mundo social, entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo, Pino (2005, p. 148-149) afirma que “os significados historicamente constituídos adquirem uma forma pessoal, salvaguardando-se assim a individualidade e a singularidade do sujeito”. Diante disso, os jovens/adolescentes nos mostram que a escola precisa ser uma instituição mais atrativa, que seja adaptada às inúmeras deficiências e que o ponto de partida para todas as decisões seja o diálogo com os jovens/adolescentes.

6.3 Núcleo de Significação 3 – Perspectiva de Futuro Mediada por Tensões Sociais e Familiares

Nesse núcleo analisaremos as questões das significações que constituem as tensões sociais e familiares na vivência dos adolescentes que participaram desta pesquisa e como as tensões (sociais e familiares) constituem suas perspectivas de futuro.

Contudo, para que suas perspectivas de futuro sejam alcançadas, os nossos adolescentes passam por tensões que estão ligadas às questões tanto familiares como sociais, que por sua vez envolvem a escola, os amigos, o meio em que vivem. Nossos sujeitos precisam superar inúmeros fatos como, por exemplo, tensões e conflitos com familiares e/ou amigos, horas diárias de dedicação aos estudos, o primeiro amor, o ingresso na universidade desejada, a estabilidade financeira. Tudo isso, exige uma compreensão da unidade necessidade/motivo como processo constitutivo do humano (Aguar e Ozella, 2006).

São as relações com a família, com os amigos, com a escola que levam nossos jovens/adolescentes a se constituírem como seres humanos. Com a fala de

um dos nossos sujeitos pesquisados, construímos um indicador intitulado: “Me constitui muito bem com os valores dados pelos meus pais”. Nesse indicador, analisaremos a relação da família com esses adolescentes em relação aos seus estudos e, conseqüentemente, sobre a perspectiva de futuro desses adolescentes. Sobre a relação com a família, vejamos o que um adolescente fala:

*“Eu sou muito bem tratado pela minha família. Na minha família há muito respeito, diversão, descontração, não são caretas ou rigorosos demais, eles dão a liberdade essencial que preciso pra mim formar como pessoa e sabem impor regras. **Se importam (família) comigo e a maioria dos meus familiares se importam comigo e estão bem presente no dia a dia, sabem como eu ando, toda família costuma ficar bem perto**”.*

Com isso, queremos enfatizar que a base da criança não é a família, mas o mundo real em que ela vive, e é nesse mundo que está situada a família, ou seja, a família encontra-se num campo: o das relações sociais. É com a família que vamos construindo nossas primeiras significações.

Vale salientar que, quando a criança começa a ter alguma noção sobre valores, ela pode perceber, por exemplo, que tem mais valor que outra pessoa, sem necessariamente ser na família. O mundo tende a ensiná-la sobre o que ela é, e muitas vezes há divergência/tensões nesse campo, por exemplo, uma criança preta vai aprender (provavelmente) sobre discriminação por meio da sua vivência na rua, e não dentro de casa.

Na fala acima, o jovem/adolescente explica o fato de se sentir muito bem tratado pela sua família, frisa os valores recebidos como respeito e confiança. Deixa evidente que possui a liberdade essencial de que precisa para se formar como pessoa e que ao mesmo tempo existem as regras impostas pela família e cumpridas.

A função social atribuída à família é transmitir os valores que constituem a cultura, as ideias dominantes em determinado momento histórico, isto é, educar as novas gerações segundo padrões dominantes e hegemônicos de valores e de condutas. Neste sentido, revela-se o caráter conservador e de manutenção social que lhe é atribuído: sua função social (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1999, p. 328).

É importante destacarmos esse ponto, sobre as regras, mencionadas pelo sujeito. A família pode apresentar e ensinar as regras básicas para se conviver em sociedade, como o respeito e a tolerância, mas a sociedade pode tratá-la de forma

inversa, sendo desrespeitosa e intolerante com a sua cor, sua condição social e econômica. Nesse caso, o que a família ensinou valerá para a vida adulta? Não. Pois, nós não nos constituímos apenas pelos ensinamentos advindos da nossa família, esse processo de constituição do ser humano, ocorre pelas diversas mediações e significações vivenciadas historicamente, socialmente e culturalmente.

Essa orientação configura-se no que podemos fazer, que atitudes deveremos ou não tomar para manter o bom convívio social como cidadão – o que marca uma educação básica e sólida – ou seja, uma educação que foi construída em um processo que teve início em casa e para o qual a escola apenas deu continuidade, fortalecendo esses valores educacionais pelo ato de ensinar.

De acordo com González Rey (2003, p. 209), “cada configuração subjetiva de um espaço social está constituída por elementos de sentidos procedentes de outros espaços sociais, assim como de elementos que caracterizam esse próprio espaço em momentos históricos anteriores”. Ou seja, significações já existentes se modificam a partir da apropriação de novas significações. Diante disso, a configuração do processo de articulação do conhecimento de novas significações pode compreender a mobilidade do pensamento, ou seja, dos significados e dos sentidos que o constituem.

A importância dada à interação e aos diálogos estabelecidos entre as participantes e a pesquisadora, nos conduz ao que Gonzalez Rey (2011) denomina de epistemologia de construção e não apenas de respostas. O objetivo deixa de ser a obtenção de respostas isoladas, e passa a ser o envolvimento em conversações e reflexões, articuladas pelo pesquisador a partir das perguntas e estímulos apresentados. (apud SILVA, 2016, p. 101)

De acordo com Aguiar e Ozella (2006, p. 8-9), “a possibilidade de realizar uma atividade que vá à direção da satisfação das necessidades, com certeza modifica o sujeito, criando novas necessidades e novas formas de atividade. [...] Este movimento se define como a configuração das necessidades em motivos”.

Essas satisfações, construídas a partir das necessidades, podem ser expressas através do movimento de constituições que a família exerce sobre seus filhos. Sobre isso, um jovem/adolescente expressa: “**Meus pais me ensinaram os valores como ética, moral, o respeito que eles querem passar**”.

São muitos os exemplos de valores ou normas contraditórios, se compararmos um grupo de jovens colegiais e suas famílias, mas muitos também serão semelhantes. Quando temos uma norma ou

valor muito forte, tanto para a família quanto para o grupo juvenil, não se correrá o risco de uma dissonância entre os dois grupos. Contudo, valores e normas importantes e consonantes para esses grupos podem levar a situações dissonantes e contraditórias. (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1999, p. 392)

Analisando esta fala do adolescente, percebemos que ele evidencia a relação que tem com seus pais. Essa relação se configura em um determinado conhecimento, ou seja, a ação dos pais em ensinar alguns valores aos seus filhos. Nesse processo, surgem novas realidades, que por sua vez constituem motivos impulsionadores das ações dos adolescentes. A coragem, o desejo de vencer na vida, a noção de construir-se a si mesmo, de ser independente, tomar suas próprias decisões e responsabilizar-se por elas são valores presentes tanto na família, na escola, quanto nos grupos de amigos.

Quando o sujeito afirma “*Meus pais me ensinaram os valores [...] que eles querem passar*” está explicando que recebe uma boa educação em casa, com os pais, que percebe esses ensinamentos no seio familiar e a significação para seu futuro em se constituir com esses valores. A relação dos adolescentes com seus pais se configura como um processo de determinação do modo pelo qual passam a pensar, sentir e agir acerca das suas perspectivas de futuro, como expressa o sujeito a seguir:

*“A sociedade, por exemplo, porque meu pai é tal... eu vou fazer só humanas na escola, porque eu quero me formar em tal coisa que nem meu pai. **Você sofreu uma influência do seu pai e não necessariamente é o que você vai gostar quando chegar lá, você pode ver uma realidade totalmente diferente**”.*

Muitas famílias sonham ver seus filhos estudando em uma faculdade, se formando e conquistando espaço no mercado de trabalho, ou seja, com um futuro cheio de perspectivas. Contudo, alguns pais que sonharam estudar algum curso em uma universidade e que, por algum motivo, esse sonho foi interrompido e não chegaram a ingressar no curso desejado, acabam por tentar ver seus sonhos nas realizações feitas através de seus filhos.

Esses pais que sofreram frustrações, em relação à área profissional de atuação, em relação ao que almejavam para seu futuro, tendem a idealizar seu sonho nos filhos, tentando induzi-los a ingressar na área que eles gostariam de ter cursado, esquecendo-se de entender quais as perspectivas de futuro que o filho

idealizou para ele mesmo, quais os sonhos e desejos, qual profissão o jovem/adolescente quer seguir e o que de fato sonha fazer após concluir o ensino médio.

O adolescente afirma que a sociedade também é parte significativa dessa relação e dessa construção do ser humano. Em muitos casos, a sociedade cobra que os filhos sigam a mesma carreira profissional dos pais, como afirma: “*A sociedade, por exemplo, porque meu pai é tal... eu vou fazer só humanas na escola, porque eu quero me formar em tal coisa que nem meu pai*”.

Sobre a questão da escolha profissional, o jovem/adolescente continua: “***Você sofreu uma influência do seu pai e não necessariamente é o que você vai gostar quando chegar lá***”. Por isso, quando os jovens/adolescentes falam acerca das perspectivas de futuro deixam claro que não podem sofrer influências dos pais e cursarem algo só para dar orgulho à família, **sem fazer o que realmente gosta** o que realmente trará significações para sua vida.

Conforme aponta González Rey (2003, p. 207), “a ação dos sujeitos implicados em um espaço social compartilha elementos de sentidos e significados gerados dentro desses espaços, os quais passam a serem elementos da subjetividade individual”.

Um participante dessa pesquisa, ao falar do processo pelo qual se constituiu e está se constituindo, seja pelos valores dados pela família, seja pelos ensinamentos que a escola passa, relata o seguinte:

*“Quero cuidar dos meus pais quando eles estiverem idosos, faço questão de cuidar pessoalmente, nada de pagar a outra pessoa e quero ser um ser humano melhor. **Eu tento todo dia melhorar minhas atitudes, ser mais tolerante e ser menos preconceituosa**”.*

Esse participante declara o carinho e a satisfação que possui pelos pais e reconhece todo o cuidado que eles tiveram em protegê-la e em educá-la, tanto que deseja retribuir todo o cuidado e atenção quando eles precisarem, quando estiverem idosos. Afirma ainda que faz um esforço diário para “**ser mais tolerante e ser menos preconceituosa**”, pra ser um ser humano melhor dentro dos valores que a ela foram ensinados.

Além das questões afetivas, esses adolescentes que estudam no ensino médio se preocupam em construir um conhecimento sólido, ou seja, satisfatório e

com qualidade. Isso configura para esses sujeitos a satisfação de uma necessidade futura na área que sentem afinidade: a de ter estabilidade financeira. A satisfação se configura no movimento dialético da unidade necessidade/motivo.

O sujeito não necessariamente tem o controle e muitas vezes a consciência do movimento de constituição das suas necessidades. Assim, tal processo só pode ser entendido como fruto de um tipo específico de registro cognitivo e emocional, ou seja, a constituição das necessidades se dá de forma não intencional, tendo nas emoções um componente fundamental (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 8).

Uma questão acerca dessa necessidade é a pressão que vem dos pais, da escola e deles mesmos, para que consigam ingressar em uma universidade ao final da 3ª série do ensino médio. Como evidencia um adolescente:

*“Quando você passa pro terceiro ano e já não é mais uma coisa [parou por instantes], coisas que eu gosto ou coisas que eu não gosto, minha área, não é minha área. **Você tem que aprender, não tem essa de: eu não gosto, eu não sei, não. Você tem que aprender! Eu tô aqui por obrigação, eu tenho uma prova no final do ano e eu tenho que passar, porque meus pais pagaram três anos, três anos não, a vida inteira de escola particular, eles (pais) trabalham e dão duro pra me botar aqui, então, eu tenho que passar! É minha obrigação!**”*

De forma muito subjetiva nessa fala, a obrigação de passar fica muito evidente, principalmente quando expressa “**É minha obrigação**”. No início da sua fala o sujeito começa revelando que ao chegar na 3ª série do ensino médio os adolescentes não possuem escolhas, não podem questionar o gostar de uma disciplina ou não ter afinidade com outra, isso fica evidente quando diz “**Você tem que aprender, não tem essa de: eu não gosto, eu não sei, não. Você tem que aprender**”.

Este sujeito pronuncia várias vezes a palavra “*obrigação*”. Nesse aspecto, faremos uma metáfora da palavra obrigação, que na fala do sujeito se parece com um “fardo pesado” que precisasse ser carregado até a conclusão do ano letivo. Esse “fardo” está ligado à resposta positiva que os jovens/adolescentes precisam dar aos pais, ao final do ano letivo, com a aprovação não só na última série do ensino médio, mas também com o ingresso em uma faculdade, como expressa em “**eu tenho uma prova no final do ano e eu tenho que passar**”.

Ainda justifica o fato de sentir tanta pressão em ser aprovada, por ter visto os pais realizarem investimentos financeiros durante sua vida escolar e agora seria o

momento de retribuir, em forma de orgulho e satisfação todo o sacrifício realizado pelos pais, por isso afirma que a única obrigação enquanto estudante é “*passar*”. Isso fica evidente no último trecho desse pré-indicador: “*eles (pais) trabalham e dão duro pra me botar aqui, então, eu tenho que passar*”.

Ao destacarmos o papel da família e as tensões da vida escolar, percebemos que as perspectivas de futuro dos adolescentes estão mediadas por diferentes tipos de tensões, que em alguns momentos dizem respeito à sociedade em que vivem e convivem e em outros pela família. Os adolescentes atuais reconhecem a importância do papel da escola para que alcancem esse objetivo. Alguns afirmam que sofrem bastante pressão por parte da escola, contudo um sujeito afirma:

“A sobrecarga não favorece em nada. Eu acho, tipo, pela discordância de opiniões, eu acho que isso influencia um pouco por eu ser bolsista, aí, eu não sinto a mesma pressão que vocês sentem, de o pai tá pagando, o pai tá tendo que... por causa que eu tô aqui, por merecimento, mas eu não me sinto inferior”.

Sobre essa vivência escolar, este jovem/adolescente não se sente pressionado pela escola ou por seus pais. Esclarece que se o adolescente está em um estado de sobrecarga, só fará com que ele não consiga se concentrar e que tal estado não favorece a realização da concentração que o estudo exige.

Quando este sujeito afirma que não sente a mesma pressão que os colegas, explica que talvez seja pelo fato de ele ser um aluno bolsista, ou seja, que não paga mensalidade escolar, e/ou pelo fato de seus pais não terem essa despesa financeira e de por isso não realizarem tanta cobrança em relação à obrigação de estudar, e/ou porque não mora com seu pai, bem como pelo fato de sua mãe ser analfabeta.

Pelo fato dela ser uma instituição filantrópica, a escola Sistema Solar costuma ofertar bolsas de estudos para bons estudantes da rede pública de ensino. Pela vivência que tive com Orientadora Educacional temos o conhecimento de que a cada início de ano letivo é realizada uma seleção com a Assistente Social da escola, para que famílias carentes, que desejam ver seus filhos estudando nesta escola privada, possam ter seus desejos realizados gratuitamente.

O mesmo jovem/adolescente evidencia: “*Por causa que eu tô aqui pra estudar, então minha intenção aqui é estudar, então eu vou vim e vou estudar*”.

Diante disso, é preciso considerar o processo educativo como uma atividade democrática de acesso ao conhecimento de si e dos espaços em que o aluno se encontra sócio-historicamente situado. Nesse aspecto, será possível transformar as necessidades de aprendizagem dos adolescentes em motivações para o processo educativo escolar.

Consideramos a realidade em que o adolescente se relaciona, como uma estratégia de ensino e aprendizagem que está voltada para uma formação crítica. Este sujeito reconhece qual o objetivo dele em frequentar a escola diariamente e admite que cumpre com sua missão de estudar, já que está naquele espaço onde sua ação vai ao encontro da sua intenção.

Ainda analisando as tensões que permeiam o espaço escolar, outro jovem/adolescente coloca o seguinte: *“Eu acho que **a pressão de você querer saber de tudo** é o que faz muitas vezes você ter muitos problemas psicológicos”*. Segundo Bock, Furtado, Teixeira (1999), psicologicamente o jovem/adolescente vive a angústia que representa uma ambiguidade de não ser mais menino e ainda não ser adulto. Dessa forma, o jovem/adolescente que assume responsabilidades de adulto aos dezesseis anos se imagina como alguém que perdeu sua juventude e ganhou responsabilidades de adulto, gerando mais pressão.

Nessa idade é quando se manifestam com toda nitidez as relações entre as verdadeiras necessidades biológicas do organismo e suas necessidades culturais, que chamamos de interesses. Em nenhuma outra idade do desenvolvimento infantil se revela com tanta evidência o fato de que a maturação e a formação de certas atrações vitais constituem a premissa imprescindível para que se modifiquem os interesses do adolescente. (VYGOTSKY, 2012, p. 24)

Isso explicaria a conduta instável do adolescente diante de seus interesses e das demandas impostas, mesmo o adolescente que não tenha se casado. Quando o sujeito afirma que sente pressão por desejar conhecer sobre tudo, está se referindo aos conteúdos que são cobrados no ensino médio, principalmente na 3ª série, período em que é feita uma grande revisão acerca de todos os conteúdos estudados durante toda a vida escolar. Nesse momento, da 3ª série, surgem inúmeras incertezas, dúvidas, vontades, interesses que confundem os pensamentos dos adolescentes e atrelado a tudo isso a pressão de querer saber de tudo.

Todas essas ações podem causar alguns sentimentos, nos adolescentes. Estamos interpretando aqui as significações de sujeitos que se encontram em uma

fase que é tida por muitos como a melhor da vida, mas que carrega consigo muitas responsabilidades e compromissos que precisam ser cumpridos, seja para se satisfazerem, para alcançarem suas perspectivas de futuro ou somente para darem orgulho aos pais ou à escola, por isso a pressão é algo premente em suas vidas.

Ao discutir a perspectiva de futuro de adolescentes sobre os fundamentamos em Severino (2005), aponta-se para a necessidade de considerarmos quatro elementos mediadores da educação que, neste trabalho, transpusemos para a discussão sobre as significações de adolescentes do ensino médio acerca das suas perspectivas de futuro mediadas pela escola. A ética, a técnica, a política e a sensibilidade estética são valores que se relacionam entre si. Ao trazer à tona a reflexão sobre as perspectivas de futuro e suas tensões no percalço desse caminho, consideramos o desejo que os participantes expressam pela estabilidade financeira, refletindo, sobretudo em serem pessoas melhores.

Não podemos jamais escamotear as relações entre educação e política, educação e poder, não podemos compreender a qualidade, a competência, como tendo um valor em si, universal, independentes das condições sociais que as produzem (GALDINI e AGUIAR, 2003, p. 90).

Contudo, existem questões que precisamos destacar nas falas do adolescentes sobre as relações sociais, principalmente dentro da escola, como diz uma participante:

*“Você é julgado. Você tá ali pra todo mundo olhar, nossa ela é fora do padrão, então vamos todo mundo olhar para ela. Então, **todos nós somos vítimas dos padrões da sociedade em todos os aspectos da nossa vida, seja nossa vida amorosa, seja na nossa vida acadêmica, todo mundo é vítima de padrões**”.*

Nesta fala, a adolescente enfatiza aspectos da relação social que vivencia em vários aspectos da sua vida. Aborda a questão que trata sobre como o adolescente faz para lidar com algumas dificuldades encontradas acerca de padrões sociais estabelecidos e o que fazem muitos adolescentes desejarem segui-los, desejarem fazer parte deste padrão social, bem como foca sua atenção em um problema que deve ser enfrentado e que está relacionado diretamente ao preconceito: o *bullying* nas escolas.

A sociedade impõe padrões de beleza como, por exemplo, mulheres tem que ser magras, homens precisam ser musculosos, adolescentes não casam e não

podem ter filhos apenas estudam e dão orgulho aos seus pais. Diante disso, sobre qualquer coisa que fuja dos padrões sociais o ser humano é julgado, por isso a jovem/adolescente afirma que todos nós somos “**vítimas dos padrões da sociedade**”.

No intuito de continuarmos apreendendo as significações dos adolescentes do ensino médio acerca de suas perspectivas de futuro mediados por tensões sociais e familiares, destacaremos mais um pré-indicador que diz respeito as suas relações sociais.

*“Pela sociedade, geralmente somos reféns, temos que [sujeito pensou por alguns segundos], **a gente não pode mudar, a gente tem que se adaptar à sociedade, a gente tem que se incluir**”.*

Nessa fala, percebemos como este adolescente se sente em relação ao meio em que vive. Que na situação em que se encontra atualmente, sem independência financeira e morando com os pais, se sente como um refém da sociedade, pois não consegue mudar aspectos da sua realidade, então explica que é melhor se incluir, tentar fazer parte do meio em que vive como os outros que estão ao seu redor.

Outro adolescente comenta: “*Cada adolescente, cada contexto social interfere no que o aluno pode escolher e no que pode fazer da vida dele*”. Isso se explica, por exemplo, quando um jovem/adolescente de classe média, realidade da maioria dos estudantes do Sistema Solar, passa por um longo período de preparação quando escolhe uma carreira universitária. Tal preparação pode mesmo ultrapassar essa fase de juventude uma vez que “o padrão, contudo, é culturalmente construído (expectativa de desempenho de papéis) e historicamente determinado” (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1999, p. 295).

Na nossa sociedade, os critérios de juventude e adolescência estão baseados nas condições de vida das classes mais privilegiadas. Sobre isso, por exemplo, uma jovem/adolescente que tenha se casado aos dezesseis anos de idade e que ajude a manter a sua casa com seu trabalho, ouvirá muitas vezes pessoas dizerem com espanto “Nossa, mas tão jovem e já está casada!”, isto porque, para a sociedade, ela fugiu do padrão. Em função disso, nossos sujeitos se sentem, muitas vezes, vítimas da sociedade, reféns por não poderem mudar esse preconceito.

Nessa discussão, do jovem/adolescente com as relações sociais, outro jovem/adolescente evidencia: “*Eu tenho que ter uma opinião, **porque minha atuação na sociedade também é importante***”. Percebemos então, que suas necessidades e motivos se configuram em ações que são mediadas pela relação homem/mundo.

Diante disso, inferimos que essas ações são atividades significadas e por isso, atividades humanas vitais. Conforme aponta Duarte (1993, p. 30-31), “a atividade vital humana [...] não se caracteriza, como a atividade vital dos animais, pelo simples consumo dos objetos que satisfaçam suas necessidades, mas sim pela produção de meios que possibilitem essa satisfação”. Continua Duarte (idem): “o homem, para satisfazer suas necessidades, cria uma realidade humana, o que significa a transformação tanto da natureza quanto do próprio homem”.

Por conseguinte os jovens/adolescentes falam de algumas necessidades apontadas no indicador “**Você tem a obrigação de dar esse orgulho**” e reconhecem que são necessidades que satisfazem os pais, a escola e reconhecem que futuramente irão satisfazê-los também. Consoante a isso, um jovem/adolescente fala:

*“Porque, tipo assim, se você... se a gente sempre for pensar assim: **Ah! Mais a escola teria que ver o meu lado, os meus pais teriam que ver o meu lado. Gente, a gente é muito folgado. Sério! Na real! Adolescente é muito folgado! A gente ia se montar e ia achar que a vida boa ia ser a que nossos pais tavam dando pro resto das nossas vidas. E, muito dos nossos pais dizem: estude que você vai ter uma vida melhor. Porque eles (pais) passaram pelas mesmas coisas e os que não estudaram eles ralaram pra ter o que dar a gente e os que estudaram já viu o quanto é difícil, mas que você precisa disso pra não ter uma história de vida complicada***”.

Nesse pré-indicador podemos perceber que este jovem/adolescente reconhece que também existem cobranças da parte dele para com a escola, para com a família e que não é somente a escola e a família que cobram dele. Reconhece o significado que a escola possui e o quanto o estudo é significativo para que não tenha “**uma história de vida complicada**”.

Podemos compreender então, que esse adolescente percebe o esforço dos seus pais para lhe dar o melhor e que precisa fazer a sua parte: estudar e cursar uma faculdade para tentar sobreviver sozinho quando estiver adulto. Em sua fala também relata a experiência dos pais, afirmando que se eles aconselham é porque

já passaram por essa fase da vida humana e nesse caso, é o par mais experiente, pois já viram o quanto é difícil, mas não impossível.

Os adolescentes, depois de certa idade (e esta idade varia de acordo com as classes sociais), precisam trabalhar para sobreviver e ninguém neste mundo gostaria de passar o resto da sua vida dedicando energias a alguma tarefa que lhe desagrada. Assim, a escolha de uma ocupação ou de uma profissão torna-se muito importante para o adolescente.

Além disso, de acordo com Bock, Furtado, Teixeira (1999), nossa sociedade e sua ideologia responsabilizam os jovens/adolescentes por suas escolhas, camuflando todas as influências sociais determinantes de sua opção. Ficando assim, sobre os ombros do adolescente a responsabilidade de realizar suas próprias escolhas profissionais. Sobre essa escolha profissional, outro adolescente explica:

*“Eu fui criada pelos meus pais e eles são muito conservadores e meus pais já têm uma certa idade e... mas **eles sempre me apoiaram em tudo que eu queria fazer, eles me ensinaram o que é certo e errado.** Em tudo que eu queria fazer, sendo certo, eles me apoiavam e agradeço muito a eles por isso”.*

Nessa fala, este sujeito aborda uma contradição: mesmo os pais sendo conservadores e já possuindo certa idade o apoio sempre esteve presente nas decisões tomadas pelo adolescente. Esse sentimento de apoio ocasiona outros sentimentos, como o de confiança e segurança, fazendo-o discernir melhor sobre seu futuro.

A família, nesse sentido, se configura como um grupo de onde vêm as principais pressões e os principais elementos para que o indivíduo se referencie quando escolhe qualquer coisa, inclusive sua profissão. Os valores desse grupo, as satisfações ou insatisfações que seus elementos apresentam com suas ocupações, as expectativas que apresentam em relação à escolha do adolescente são fatores fundamentais (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1999).

Em muitos casos os pais influenciam diretamente os filhos a cursarem determinada faculdade, como cita este sujeito: “Minha mãe ela quer muito que eu faça gastronomia e **eu não quero fazer gastronomia**”. A escolha da profissão deve ser unicamente de quem vai exercê-la, muito embora alguns dos fatores que podem

determinar a escolha de uma profissão no futuro de um adolescente sejam de natureza econômica e social.

A vocação do ser humano é exatamente não ter vocação nenhuma. Explicitando um pouco tal afirmação, queremos dizer que em se tratando da história do ser humano, desde o seu surgimento até agora, o que diferencia o homem de todos os outros animais é exatamente sua não-especialização (biológica) para nenhuma atividade específica” (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1999, p. 419).

Com isto, estamos querendo dizer que o aparato biológico de um homem pode conter características que facilitem a realização de determinados trabalhos e não de outros. Os participantes da nossa pesquisa buscam identidade própria, quando se organizam em grupos de interesse. Sobre esses interesses, um adolescente fala a respeito da participação da família e da escola na vida dos adolescentes com menos pressão, vejamos:

“Eu acho que se os pais e a escola escutasse mais os alunos, participasse mais da vida deles e não ficasse éééé botando pressão neles, né. Eu acho que eles (os adolescentes) teriam mais gosto pelos estudos”.

Quando existe cobrança não há quem faça algo por prazer. Nós só conseguimos desempenhar qualquer função com qualidade quando não existe pressão. Esse sujeito explica que ao invés de a família e a escola exigirem tanta coisa, cobrarem muitas atitudes, deveriam escutá-los mais, dialogar mais, procurar entender o que se passa no pensamento dos adolescentes, talvez, entendendo como pensam e o que pensam não se sentiriam tão pressionados.

Os adolescentes têm apresentado, de diferentes maneiras, formas para escolher e para ter uma atuação profissional que lhes satisfaça. O momento da escolha é um momento psicológico. Visto que as influências externas como as condições objetivas, a sua classe social, a influência de pessoas significativas e as exigências escolares que cada profissão apresenta, bem como as pressões por parte dos familiares são sintetizadas no nível interno dos adolescentes, analisadas, relacionadas ainda a fatores internos para, numa grande síntese, resultar na escolha.

Por isso, destacamos significação desse núcleo, por ter abordado as questões que tratam da perspectiva de futuro desses adolescentes mediadas por

tensões sociais e familiares, no qual as relações sociais e as tensões escolares também os constituem para o futuro que sonham.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que pudéssemos apreender as significações de adolescentes do Ensino Médio, acerca da mediação da escola sobre suas perspectivas de futuro, muitas atividades foram realizadas, como leitura, escrita, orientação e grupo focal. Foram necessárias muitas horas de trabalho para que atingíssemos o objetivo inicialmente proposto.

Apreender as significações dos adolescentes sobre suas perspectivas de futuro se faz necessário para que compreendamos como os sujeitos que estão nessa fase da vida humana pensam seu futuro e qual o papel da escola nesse processo. É a partir de suas perspectivas sobre o futuro que poderemos, enquanto profissionais da educação, dirigir nosso olhar e nosso fazer pedagógico para esses sujeitos, criando possibilidades para que a escola atue com a função motivacional e de construção de profissionais e de seres humanizados, criando caminhos para que os jovens/adolescentes alcancem o que projetam para o futuro.

Algumas considerações devem ser feitas acerca desta pesquisa. Apesar de termos qualificado como “finais”, as considerações não se esgotam nos temas nem nas discussões aqui apresentadas. Portanto, o que expomos aqui são apenas algumas considerações finais gestadas a partir de uma aproximação das significações que foram apreendidas da fala de Marte, Saturno, Urano, Netuno, Terra, Sol, Júpiter, Mercúrio e Vênus – sujeitos colaboradores da nossa pesquisa.

De acordo com os nove sujeitos, a escola aparece como algo significativo para que alcancem, em um futuro próximo, uma formação acadêmica, bem como outras perspectivas. Para tanto, partindo dos princípios metodológicos de Vygotsky (2007), a proposta dos núcleos de significação de Aguiar e Ozella (2013) e Aguiar, bem como de Soares e Machado (2015), tem sido uma forma de fazer análise e interpretação das significações dos sujeitos.

Ao discutir no primeiro núcleo de significação, *Perspectiva de futuro e realidade*, podemos refletir em relação ao futuro, uma vez que muitos adolescentes já definiram suas perspectivas e são capazes de ingressar na faculdade desejada, seja pelo desejo de terem estabilidade financeira ou por outro propósito.

No segundo núcleo de significação, intitulado *Sentimentos em relação à escola*. Aqui, as significações apreendidas revelaram que para esses adolescentes a

escola há muito tempo deixou de ser apenas o centro educativo que vai instruir o jovem/adolescente apenas a ingressar em uma faculdade. Na visão deles, a escola também cumpre o papel de humanizadora e educadora, ou seja, percebem a construção histórica em relação ao quanto que o papel da escola se modificou. Dessa forma, acreditam que a escola não é mais um local apenas de estudos, mas também de encontros, de diálogos, de vivências, de humanização.

No terceiro e último núcleo de significação, *Perspectiva de futuro mediada por tensões sociais e familiares* tem-se a discussão que está ligada diretamente ao processo de constituição do ser humano, o qual ocorre pelas diversas mediações e significações vivenciadas historicamente, socialmente e culturalmente. A relação dos jovens/adolescentes com seus pais configura-se como um processo de determinação, do modo pelo qual passam a sentir, pensar e agir acerca das suas perspectivas de futuro. Deste modo, podemos apreender que a sociedade também é parte significativa dessa relação e dessa construção do ser humano.

Os adolescentes passam a dialogar sobre suas necessidades enquanto sujeitos em uma relação com um mundo complexo e contraditório. É sobre esse mundo complexo e contraditório que os nossos sujeitos mencionaram – juntamente com a escola e com a família – suas perspectivas de futuro e significações que se constituíram em um movimento de apreensão da realidade em que vivem e convivem.

Como todo trabalho intelectual e acadêmico, a dissertação não pretende esgotar essa discussão e problematização sobre os adolescentes, mas ampliar discussões e estudos que possibilitem outras pesquisas. Ciente de nossas limitações, sobretudo de tempo para aprofundamento, buscou-se com as análises apreender as significações desses nove adolescentes sobre suas perspectivas de futuro, discutindo qual o papel da escola na construção dessa perspectiva.

Existem diferentes tensões que podem mediar à perspectiva de futuro dos adolescentes, sobretudo o papel da família e as tensões da vida escolar. Os adolescentes atuais reconhecem a importância do papel da escola para que alcancem um futuro bom. Alguns afirmam que sofrem bastante pressão por parte da escola, dos pais, deles mesmos, por terem que ser aprovados, por terem que ingressar em uma faculdade, por serem cobrados pela sociedade a seguirem padrões de beleza que, muitas vezes, não desejam, por estarem noivos ou casados e sofrerem preconceitos dos seus colegas.

Podemos inferir que o papel da escola acerca da perspectiva de futuro dos adolescentes atravessa a possibilidade de transformação/construção do modo de pensar, ser e agir, configurando-se como mobilizador de suas perspectivas tanto em curto prazo, quanto em longo prazo.

Temos então um trabalho sobre o qual, ao longo de sua construção, adveio a certeza de que a sua gênese aconteceu muito antes ser pensada a sua concretização na pós-graduação em Educação. Isso porque a ligação que o problema de pesquisa possui com as motivações de quem o descreve faz parte do processo, como explicado no memorial. Logo, reforçamos que a escrita dessa dissertação é uma extensão de quem o produziu, não somente enquanto pesquisadora, mas como ex-orientadora educacional da escola Sistema Solar.

Os sujeitos dessa pesquisa apontam várias questões que justificam e significam o fato de estarem cursando o Ensino Médio e articulam essa ação com a perspectiva de futuro deles. Quando os adolescentes falam da escola, esboçam uma perspectiva que tem a ver com a possibilidade de cuidar dos pais, com a possibilidade de constituir uma família, a possibilidade de ter um emprego e uma estabilidade financeira. Essas são algumas possibilidades que foram mencionadas pelos adolescentes em relação ao papel que a escola desempenha nas suas vidas para que alcancem suas perspectivas de futuro.

A dissertação vem então somar às discussões já realizadas sobre adolescentes que estão no ensino médio, mas com a especificidade de pesquisar sobre as significações desses sujeitos acerca de como pensam o futuro cujo processo ocorre com a mediação escolar.

Identificamos, a partir da análise, que os adolescentes reconhecem a importância que a escola tem nas suas vidas e para os seus planos de futuro. Em uma releitura dos núcleos, percebemos que os jovens/adolescentes falaram sobre trabalho, expressaram questões que envolvem a família, falaram de casamento e de amizades, manifestaram aspectos sobre uma condição de vida boa, revelaram sonhos como, por exemplo, o de ingressarem em uma universidade. Diante disso, concluímos que o futuro tem a ver com diversas questões dentre as quais os jovens/adolescentes significaram o papel da escola como elemento facilitador para a construção de suas perspectivas de futuro.

Essa dissertação foi produzida no âmbito do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), Edital nº 071/2013, cujo tema é Tecendo redes

de colaboração no ensino e na pesquisa em educação: um estudo sobre a dimensão subjetiva da realidade escolar, executado nas seguintes universidades: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

O Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Subjetividade (GEPES), também atuou com muita significação para nossa pesquisa, trazendo discussões com referenciais teórico-metodológicos, cuja base epistemológica utilizada foi o Materialismo Histórico-Dialético. Dessa forma, desenvolvemos investigações sobre a dimensão subjetiva da realidade dos adolescentes, apreendendo suas significações acerca de suas perspectivas de futuro.

Para finalizar, entendemos que, na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, cada caso tem o seu caráter singular. A mediação da escola e as perspectivas de futuro, como processo constitutivo do ser humano, especificamente dos adolescentes, precisa ser investigada com profundidade para que possamos compreender a complexidade que configura no espaço de suas relações sociais e na configuração da práxis humana constituída a partir da relação dialética entre o pensamento e a ação.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.
- ABRAMOVAY, Miriam. CASTRO, Mary Garcia. WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: porque frequentam?** Brasília-DF: Flacso – Brasil, OEI, MEC, 2015.
- AGUIAR, Wanda M. Junqueira. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES; M. Graça M.; FURTADO, Odair (Org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015a.
- _____. **A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: contribuições para o debate metodológico**. In: BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES; M. Graça M.; FURTADO, Odair (Org.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015b.
- _____. BOCK, Ana Mercês Bahia; OZELLA, Sergio. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES; M. Graça M.; FURTADO, Odair (Org.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015c.
- _____. MACHADO, Virgínia Campos. Psicologia Sócio-histórica como fundamento para a compreensão das significações da atividade docente. **Revista Estud. psicol.** (Campinas) vol. 33. n. 2. Campinas, Abr/Jun, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-02752016000200008>>. Acesso em: 26 jun 2017.
- AGUIAR, Wanda Maria J.; OZELLA, Sérgio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 94. n. 236, 2013.
- AGUIAR, Wanda Maria J. de; SOARES, Júlio R.; MACHADO, Virgínia C. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. In: **Revista Cadernos de Pesquisa**. v. 45. n. 155. jan./mar. 2015.
- ARAUJO, Mariana Yezzi de. **Jovens, projetos de vida e escola: relações e significados a partir da visão de estudantes do ensino médio de uma escola pública em Maceió**. (Dissertação). Mestrado em Psicologia – UFAL, 2013.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.
- BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*. Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-76, jan./jun. 2007.
- _____. **Adolescência: uma concepção crítica**. Maio, 1999. Disponível em: <<https://projetoenvolver.files.wordpress.com/2010/10/adolescencia-uma-concepcao-critica-ana-bock.doc>>. Acesso em: 10 maio 2018.

_____. **A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano:** a adolescência em questão. Cad. CEDES [online]. 2004, v. 24, n. 62, p. 26-43. ISSN 0101-3262. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622004000100003>> Acessado em 08/06/2017>. Acesso em: 10 jun 2017.

_____. A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES; M Graça M.; FURTADO, Odair (Org.). **Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em Psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015d.

_____. Aventuras do Barão de Munchhausen na Psicologia. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. FERREIRA, Marcos Ribeiro; GONCALVES, Maria da Graça M.; FURTADO, Odair. Sílvia Lane e o projeto do Compromisso Social da Psicologia. **Psicol. Soc.** [online]. 2007, vol.19, n.spe2, p. 46-56. ISSN 0102-7182. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000500018>>. Acesso em: 29 jul 2017.

_____; GONÇALVES, M. G. M. **A dimensão subjetiva da realidade:** uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2009.

_____; GONÇALVES; M. Graça M.; FURTADO, Odair (Org.). **Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em Psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

_____; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T.; FURTADO, Odair. **Psicologia fácil**. São Paulo: Saraiva, 2015.

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação profissional:** a abordagem sócio-histórica. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispões sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e da outras providências. Brasília-DF: **Diário Oficial da União**. 7. ed. Senado Federal.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Parte I – Bases Legais, Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Brasília-DF: **Diário Oficial da União**, 2013.

CIVITA, Fundação Victor. **O que pensam os jovens de baixa renda sobre a escola**. São Paulo, Junho, 2013.

CLÍMACO, Adélia A. S. **Repensando as concepções de adolescência**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. (Tese de doutorado). PUCSP, 1991. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18465>>. Acesso em: 10 maio 2017.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

DAYRELL, J. **Juventude, projetos de vida e ensino médio**. Educação & Sociedade, [S. l.], v. 32, 2011.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Treinamento em habilidades sociais: Panorama geral da área. In: HAASE, V. G.; ROTHE-NEVES, R. C.; KÄPPLER, Teodoro M. L. M.; WOOD, G. M. O. (Org.). **Psicologia do Desenvolvimento: Contribuições Interdisciplinares**. Belo Horizonte: Health. 2000, p. 249-264.

DUARTE, Newton. **A individualidade para-si**: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas-SP: Autores Associados, 1993.

_____. **A pedagogia histórico-crítica e a formação da individualidade para si**. *Geminal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 5, n. 2, p. 59-72, dez. 2013.

_____. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** Campinas-SP: Autores Associados, 2003.

Estatuto da criança e do adolescente. Brasília : **Senado Federal**. Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 115 p.

Brasil. Estatuto da Juventude. Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas. Brasília: **Senado Federal**, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. 103 p.

FARIA, Ana Amália Gomes de Barros Torres. **Experiências de escolarização**: sentidos e projetos de futuro de jovens /alunos do instituto federal de alagoas. Dissertação. Mestrado em Educação – UFAL, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 13.

GATTI, Bernadete A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Líber Livro, 2005.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: o debate pós-moderno. In: BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES; M. Graça M.; FURTADO, Odair (Org.). **Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em Psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa**: desafios metodológicos. UFBA. *Paidéia*, 2003,12(24), p. 149-161.

GUIMARÃES, Mesquita; Sobral, Francisco Cruz; Menezes, Isabel. Acessado em 05 de julho de 2018. Disponível em : <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/6930/2/83306.pdf>>. Acesso em: 02 ago 2018.

GUNTHER, I. A.; GUNTHER, H. **Brasílias pobres, Brasília ricas**: perspectiva de futuro entre adolescentes. *Psicologia: Reflexão e crítica*. p. 191-207, 1998.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LASSANCE, Antônio. **A criação da juventude**. In: *Revista Juventude*. ano 1, n.º 1. Brasil, Dezembro/ 1998.

LEÓN. O. D. Adolescência e juventude: das nações as abordagens. In: M. V. Freitas (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa. 2005.

LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem**: As Últimas Conferências de Luria. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MARX, K. ; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: teses sobre Feuerbach. São Paulo: Centauro, 2002.

MENDONÇA, Iolanda; GOMES, Maria de Fátima. GRUPO FOCAL: instrumento de coleta de dados na pesquisa em educação. **Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade**. Universidade de Pernambuco, UFPE, v. 10, n. 1, p. 52-62, 2017. Disponível em: <<http://www.brajets.com/index.php/brajets/article/viewFile/413/202>>. Acesso em: 02 jul 2017.

NETO, Othon Cardoso de Melo. **Adolescência e Juventude em Vulnerabilidade**: perspectiva de futuro, trabalho e escola. Dissertação. Mestrado em Psicologia Social – UFSE, 2013.

NOGUEIRA, Flávia Maria Marques. **O futuro é a semana que vem**: um estudo sobre juventude e tempo. Tese (Doutorado em Educação) – PUC, São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Sobre Diferenças Individuais e Diferenças Culturais: o lugar da abordagem histórico-cultural. In: AQUINO, Júlio G. (Org.). **Erro e Fracasso na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

OLIVEIRA, Alysson André Régis de; FILHO, Carlos Alberto Pereira Leite; RODRIGUES, Cláudia Medianeira Cruz. **O Processo de Construção dos Grupos Focais na Pesquisa Qualitativa e suas Exigências Metodológicas**. XXXI EnANPAD. Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPQ-A2615.pdf>>. Acesso em: 12 ago 2017.

Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016. Decreto de competência de 12 de novembro de 1991.

ROMERO, S. A utilização da metodologia dos grupos focais na pesquisa em psicologia. In: SCARPARO, H. (Org.). **Psicologia e pesquisa**: perspectivas metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2000.

SILVA, Emeriana. **Perspectiva de futuro de adolescentes em situação de acolhimento institucional**: uma visão histórico-cultural. Dissertação. Mestrado acadêmico em Psicologia. Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2016.

SOARES, Júlio Ribeiro. **Atividade Docente e Subjetividade**: Sentidos e Significados Constituídos pelos Professores Acerca da Participação dos Alunos em Atividades de Sala de Aula. 326 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 2011.

SOARES, Júlio Ribeiro. **Vivência pedagógica**: a produção de sentidos na formação do professor em serviço. 195 f. Dissertação. (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). São Paulo, 2006.

VALE, Z. M. C. **Encontros e desencontros entre os jovens e a escola**: sentidos da experiência escolar na educação de jovens e adultos - EJA. 281 p. Tese (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

VEIGA, L.; GONDIM, S. M. G. **A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político**. Opinião Pública. v. 7, n. 1, 2001. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8641071>>. Acesso em: 02 ago 2018.

VYGOTSKY, Lev. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Obras Escolhidas III**. Madrid, Visor, 1995.

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL, REALIZADO EM 14 DE SETEMBRO DE 2017, NA ESCOLA SISTEMA SOLAR.

Entrevistado 1 (**SATURNO**): tenho 17 anos e faço 3º ano B.

Entrevistado 2 (**MARTE**): tenho 17 anos e também faço 3º ano.

Entrevistado 3 (**JÚPITER**): tenho 16 anos e faço 3º ano.

Entrevistado 4 (**TERRA**): tenho 16 anos e faço 2ª série.

Entrevistado 5: (**SOL**): 16 anos, 2ª série A.

Entrevistado 6: (**MERCÚRIO**): 17 anos, 3ª série.

Entrevistado 7 (**URANO**): 17 anos e faço 3ª série.

Entrevistado 8: **NETUNO**: 16 anos, 2º ano B.

Entrevistado 9: **VÊNUS**: 16 anos, 2º ano B

Pesquisadora: O que vocês pensam sobre a escola? O que é escola para vocês?

SATURNO: Eu posso falar assim, porque ultimamente eu tô passando por um problema de saúde e eu tô achando realmente chato vir para cá. Porque toda vida que eu venho, eu tô passando só constrangimento eeeee porque é (pausa) muitas pessoas aqui não sabem lhe dar com o meu problema e (pausa) com que (pausa) eu já tive várias convulsões aqui e pessoas não souberam lhe dar com o meu problema, tem pessoas aqui que (pausa) acham que é brincadeira, que (pausa) tratam como se fosse outra coisa qualquer e pensa que é fingimento uma coisa assim, grita comigo e passa, assim, de boa, e, depois que, não que eu lembre (pausa) não lembro nada quando tô tendo convulsão, mas quando eu acordo e a pessoa ainda tá gritando comigo, eu fico muito chateada, assim, e eu tô achando, tô vindo obrigada, já faz uma semana que eu não venho para a aula, vim hoje e amanhã num vou vim, eu vou inventar qualquer coisa pra os meus pais e eu não vou vim pra escola amanhã. Eu vim obrigada hoje.

IURI: (nome da colega Saturno), assim a qualidade de ensino da escola é boa, só que no meio social, os alunos não são (pausa), não tem a convivência eeeee, sociedade é definida aqui na escola, cada um é por si, e julga, e tem, e acham que estão no direito de julgar uns aos outros.

NETUNO: Acho que o que falta mais são métodos humanitários, feito por nós mesmo, para entender o próximo. É o que falta não só aqui, dentro, do ensino, mas também lá fora, a sociedade em si, ainda falta muito, só, éé, solidariedade com o próximo.

URANO: Ééé, mais o que a gente pode perceber é que (pausa), ééé, essa questão da falta é (pausa), de humanidade, de empatia, é uma consequência que a gente não só vê dentro da escola, mas a gente vê na sociedade... uma coisa que a gente pode perceber dentro da escola é que os professores eles são poucos capacitados em relação a problemas de alunos, pro... alunos deficientes, nós não temos um professor de libras, nós não temos um professor pra que, tipo, que (pausa), ééé saiba ensinar uma pessoa que tenha síndrome de dow, não sabe ééé, tipo (pausa), lhe dar com uma situação de (nome da colega Saturno), eu acho que falta preparação dessa parte.

SOL: Tipo, pegando a situação dela, eles acham que quando ela tem alguma convulsão dentro da sala de aula ééé, a culpa é dela. Por exemplo, ah, eu quero ter uma convulsão, vou ficar doente porque eu quero, aí ela citou que ela acorda aí tão gritando com ela, por que tão gritando com ela? Porque se ela tiver um negocio daquele ela não era para acordar nem numa sala, ela era para acordar num lugar que o povo já fosse dar atenção a ela, e a questão do, sob, doo, das pessoas socializarem dentro da escola, é difícil porque se você tenta e você vê uma pessoa, ela pode ate ser menor que você, porque aqui não tem muito essa diferença de altura, ela vai chegar, ah eu tenho, eu sou melhor que você, vou fazer isso daqui, eeee, isso depende muito também da questão daaa, da discussão, do psicólogo da pessoa, por exemplo, você vai pensar numa coisa, você, num debate que eles promovem dentro da sala de aula, você vê que, não importa se primeiro, segundo, terceiro, você vê que a pessoa as vezes ela não tem o preparo para debater, porque se você pergunta de um assunto polêmico a ela, ela vai falar o que vem na cabeça dela, tipo, ela não vai ponderar uma ideia, ela vai ponderar os sentidos que aquilo, que a pessoa leva, ela vai ponderar o conceito raso, por exemplo, chega na internet, pesquisei o que ééé, tal, é aborto, viu que é isso daqui, ah, vou acusar, você não vê porque a pessoa faz ou não faz aquilo.

(várias vozes)

NETUNO: É que o método de opinião de cada pessoa é totalmente diferente, mas agente tem que aprender, justamente o que ele falou, socializar e a respeitar, aqui

cada aluno tem uma vida, e ninguém sabe dos problemas individuais, eu acho que o colégio deveria estar preparado para ter métodos como ela falou, como ensinar em libras e outras coisas, também muita ajuda psicológica, já que a depressão já foi considerada a doença do século, e por mais que ninguém perceba, é invisível, todo mundo aqui pode ter e ninguém sabe, acho que o colégio falta instruir a nós alunos mais ajuda principalmente psicológica.

URANO: E no SISTEMA SOLAR tem um corpo de alunos muito grande e, assim, ééé, até a Psicopedagoga da escola trabalha mais do que a Psicóloga da escola, porque tem alunos que precisam de apoio psicológico e não tem, então acaba que, tipo, (nome da Psicopedagoga) é uma profissional que tem apoiado diversos alunos que, é, tão com problemas e isso não é nem tanto a função dela, então realmente o colégio deveria investir mais na qualidade ééé, de vida do aluno porque isso influencia ééé, no rendimento.

NETUNO: Fora a pressão claro, que você tem, que você deve entrar numa faculdade aos 18 anos e se formar, com sei lá, com 24 ou 25 e ter uma estabilidade financeira boa e nem sempre é isso que o aluno quer, mas o colégio tenta instruir para sua reputação, e isso é errado, você tem que olhar para o aluno e não para o que o aluno vai ser.

SATURNO: E sem falar que, tipo assim, alguns professores até vêm o meu lado mas, alguns coordenadores, tipo, não sabem o que a pessoa tá passando e, pronto, tem coordenador aqui que no dia que eu vou embora porque eu tô com uma dor de cabeça, porque eu tô me sentindo tonta e eu sei que eu vou passar mal e eu não quero passar o constrangimento na frente de todo mundo, fica, ah, isso é frescura, ah, isso não sei o que, eu já passei por isso muitas vezes aqui nessa escola e isso me constrange cada vez mais e tipo, no dia que eu não tô me sentindo bem eu nem venho pra escola porque eu sei que isso vai acontecer e, cara, isso me deixa muito chateada, porque eu faltou uma, duas semanas de aula porque eu sei que eu vou passar mal naquele dia, eu sei que isso vai acontecer porque um, um coordenador vai falar isso comigo, cara isso (pausa), cara isso é horrível, porque o coordenador, ele serve também para ajudar você, ele tá lá pra apoiar você em tudo e, ele, chegar pra você e dizer que isso é frescura, uma pessoa chegar para você e dizer que aquilo que você tá passando naquela fase da sua vida é frescura, isso é horrível.

JÚPITER: As vezes a gente não precisa nem de uma psicóloga ou de um..., de um psicopedagogo, a gente só precisa de uma atenção maior vinda de qualquer pessoa,

pode vir de um colega, de um coordenador, de um professor, ou mesmo do seus pais em casa, você passa o tempo todo da sua vida sozinho, isolada, quando alguém te dá atenção parece que ela deu um buquê de flores a você, é quase a mesma coisa. Então, ééé, como (nome da colega Urano) falou a falta de empatia das pessoas umas com as outras. Hoje em dia o que, o que as pessoas se preocupam é com status. Se eu tô bem, se eu tô num vida boa, se eu tô saindo e tô divulgando nas minhas redes sociais, eu tô bem, mas (pausa) eu não, não transfiro nem procuro ajuda de outra pessoa da forma como eu tô em casa, porque quando eu tô em casa eu sou outra pessoa, quando eu tô dentro do meu quarto, quando eu tô sozinha eu sou outra pessoa, tudo você vai ser você mesma, quando você tá só, você é você mesma, então (pausa) ééé, a falta de empatia também é um ponto muito (pausa) que falta né, eee, mais você ééé, procurar mesmo a ajuda, dividir o seu problema com alguém isso pode ajudar bastante, porque a pessoa não vai ficar imaginando: Ah! Ficar olhar para você e pensar (pausa) Ah! Ela tem um problema, ela, ela pode ter algum problema, vou lá perguntar o que é. Não, você pode chegar e pedir ajuda de alguém, as vezes pode dá certo e as vezes pode não dá, porque as pessoas só pensam em si, né.

URANO: Mas quando, tipo, fala, humm, ééé, tipo (pausa) a escola investir na questão do psicólogo, é porque assim, ééé, não, a gente não pode ser hipócritas, porque aa escola é uma sociedade, e a sociedade tem pessoas com características diferentes, nem todo mundo tá disposto a mudar, então não adianta a gente criar, ah, vamos fazer uma campanha para todo mundo ser solidário e empático, isso não funciona. O que que a escola pode fazer em relação a isso? Incentivar a empatia? Claro! É o dever da escola ééé, proporcionar, ou ativar esse desejo na gente, porque a gente tá aqui todo dia, mas, isso (pausa) não (pausa), só isso não funciona tem que ter tem alunos que precisam de um maior apoio, tem alunos que precisam de uma maior atenção, porque esses alunos tem alguma deficiência, seja psicológica, seja na saúde ou seja físico.

SATURNO: Outra coisa, gera um pouco de preconceito aqui nessa escola, rola um pouco de preconceito aqui nessa escola, também com pessoas que tem um relacionamento serio, também, o, como (pausa) o casado, pessoas casadas aqui nessa escola também tem um pouco de preconceito. Eu e minha amiga (nome da colega Marte), por exemplo, ela é noiva e eu sou casada, tem pessoas que olham, olham com outros olhos pra gente. Eee, tipo, eu acho isso muito errado, porque tipo,

eu não vejo nada de errado nisso (pausa), não vejo nada de errado, seria muito pior se a gente tivesse, assim, eu digo muito pior, também não vejo nada de errado, se você não tá traficando, não tá roubando, num tá acabando com a vida de alguém se você tá no meio da rua se prostituindo. Não vejo nada de errado (pausa), mas tipo, você tá casada, você tá fazendo mal alguma coisa de errado pra alguém? Num tá. Antigamente as pessoas casavam com 13 anos, 14, com 15, qual a, o? Não vejo o lado errado de você tá casada com 17 anos. Qual é o problema? Porque cê tá me olhando com outros olhos por eu tá casada com 17 anos? Qual é o problema?

URANO: Não é que exista bem um problema, é porque assim, é...

MARTE: A questão do preconceito...

NETUNO: Um pouco de tabu, né?

URANO: É também, é porque assim, todos nós somos vítimas de uma sociedade completamente preconceituosa, eee, também não acho nada errado você se casar nova demais não, é porque a sociedade tem um padrão, você tem que estudar, se formar, casar, pra depois ter filho, o padrão é esse, quando você quebra o padrão, isso acontece.

IURI: Você é julgado.

URANO: Você é julgado. Você ééé, você tá ali pra todo mundo olhar nossa ela é fora do padrão então vamos todo mundo olhar para ela. Então, todos nós somos vítimas dos padrões da sociedade em todos os aspectos da nossa vida, seja nossa vida amorosa, seja na nossa vida acadêmica todo mundo é vitima de padrões.

NETUNO: Exatamente. Desde a formação religiosa (pausa), com quem você quer se relacionar, a gente é vitima constantemente, até, até aqui mesmo na escola tem um padrão induzido.

(várias vozes).

SOL: É isso que eu não entendo. Cê casa jovem, beleza, a escolha é sua, porque eu não entendo porquê alguém vai olhar diferente, tipo, imagina se você casa por alguma semelhança, você casa porque você gosta da pessoa e por alguma conhecidência você descobre que ela quer ser a mesma coisa na vida que você, ela quer ser de uma área especifica que parece com a sua, se vocês tão juntos, porque que a pessoa não vai ajudar você , você não vai ser só você, vai ser você e a outra pessoa, ééé, ajudando você, você vai ter mais chance de se virar, casar cedo, aí você não vai vencer, por que? No, num incaixa isso na minha cabeça, porque geralmente você casa pra ter ajuda de alguém, e (pausa), no negócio da psicóloga,

tipo, não adianta você contratar uma psicóloga e deixar lá, esperando que alguém vá lá de boa vontade e (pausa) eu tô com problema, escuta aqui, cê (pausa), porque se a pessoa tá com problema ela vai ter vergonha de ir até você, de contar, se ela conta pra você aquele problema, vixi, na cabeça dela vai pensar assim, oh: contei pra ela, imagina o que ela pensou? Porque geralmente, porque é isso que você sente ou pensa quando você conta pra alguém, imagina o que ela pensou, vai que ela pensou algo ruim, aí (pausa), então, não é da sua boa vontade, você tem que ir lá, você tem que fazer alguma coisa pra que essa pessoa se sinta confortável pra ir lá.

URANO: Mas é exatamente, é exatamente isso, uma pessoa que tenha um problema, eu falo isso, porque eu, eu já fiz psicanálise e eu sei como é que é o estágio, você primeiro tem que aceitar que você tem o problema, pra você aceitar ajuda médica, se você não, não aceitar aqui que você tem um problema, ninguém pode te ajudar, então, a função da escola é oferecer, a sua função é aceitar a ajuda, a escola não tem como ajudar se você não quer ajuda.

JÚPITER: Eu tive (pausa) ééé.

JÚPITER: É (pausa), quando éééé, a pessoa se aceita fica mais fácil da escola chegar pra você e dizer, venha aqui, vamos conversar, vamos resolver o seu problema ou tentar. Eu descobri que eu tinha depressão quando eu tinha 7 anos, na verdade não foi eu, foi minha mãe. Eu não queria sair do meu quarto, eu não queria ir pra nenhum canto, só queria ficar em casa. (pausa) E até os meus 11 anos, 10 anos eu não me aceitava que eu era assim, tinha que tomar os remédios, eu sempre fazia birra pra tomar, eu sempre fui assim (pausa), só que depois quando eu comecei a ter, tomar consciência, eu comecei a criar até amizade com a Psicóloga, ela começou até ter um ajuda diferenciada, de amiga, então isso melhorou muito, então na escola, ééé, não precisaria ser bem nem um Psicólogo, uma amiga próximo resolveria.

SATURNO: Bem, eu tenho éé, depressão desde 6 anos de idade, eee (pausa), hoje em dia eu tomo 8 remédios por dia, por causa da epilepsia e de tudo. E (pausa), meu marido ele me ajudou muito, porque hoje é ele quem me dá meus remédios, porque se não fosse ele eu não tomaria. (pausa) E, (pausa) pra quem diz que meu casamento atrapalhava, pra quem diria, pra quem disse que meu casamento ia atrapalhar a minha vida, se enganou, porque foi, foi isso que me manteve viva até hoje.

NETUNO: Talvez, eu acho que é isso mesmo que a gente tá falando. A escola há muito tempo deixou de ser apenas o centro educativo, que vai instruir a você passar na faculdade, a escola agora, tem que instruir a você, a mesmo que você desista, você retomar. E que ajude você com seus problemas pessoais também, porque se o aluno não tá bem em casa, não vai tá bem também na escola.

(várias vozes)

JÚPITER: Ela não tem que formar apenas um profissional, ela tem que formar um ser humano.

URANO: A responsabilidade é dobrada. Apesar que o nosso caráter é montado na nossa casa, com os conselhos dos nossos pais, ééé, nós vivemos com pessoas, com opiniões diferentes, com pais diferentes, que essas opiniões, éé (pausa) influenciam os nossos pensamentos. E, até os nossos professores, o que é dito em sala de aula, o que é discutido, tudo isso influencia na pessoa que nós iremos ser.

IURI: Se a, se a intolerância, na escola influencia todos os alunos em si.

SATURNO: Voltando a questão da Psicopedagoga, ela é uma pessoa que me acompanha desde que ela entrou aqui na escola, ela é uma pessoa que me acompanha muito mesmo assim. Toda hora que eu me sinto mal ela tá do meu lado e um dia que eu tava vomitando muito, por causa da, da, do aumento da dosagem do remédio, até pensaram que eu tava grávida (risos) e me aperrearam muito nesse dia, aí me obrigaram a fazer um teste de gravidez, nesse dia (tom de felicidade) eeee, não tava grávida, não pensem que eu estou grávida, não estou. (pausa). E, tipo assim, há gente que se preocupa comigo mesmo assim, e eu fico muito grata por isso, porque (pausa) hoje em dia, eu (pausa), fico assim, eu já tive várias, vários ápices na minha depressão, porque além da minha depressão, eu sou bipolar (pausa) e por causa disso eu já tentei me matar várias vezes, eeee, algumas dessas vezes eu só não me matei porque eu pensei, tipo, poxa, eu vou me matar e vou deixar, tipo, alguém que pensa em mim, que me ajuda a, a melhorar, eu vou deixar essa pessoa, tipo, pô, eu ajudei (nome dela mesma) eee, pô, não adiantou de nada, tipo, eu vou deixar essa pessoa, tipo, na merda, porque ela me ajudou e não adiantou de nada. Eu só não fiz besteira por causa disso. Aí, dessa vez eu tirei o cinto do pescoço e disse, eu não vou fazer isso, porque vai, não vai adiantar, porque não vai melhorar nada, não vale a pena.

NETUNO: Pois é (pausa). O ensino aqui da escola tem que ser completamente filantrópico, você tem que ter amor aos alunos e os professores tem que entender o

seu lado e seu ponto de vista. Não é só a sociedade, passamos aqui, o que? 8 horas aqui, e sinceramente 90% dos alunos se sentem em uma prisão (pausa). E a realidade de todos aqui.

(várias vozes)

NETUNO: Entenda que o conteúdo deve ser passado em forma de dinâmica aonde os alunos entendam e possam compreender. Não adianta você querer instruir o aluno a falar palavras difíceis, a fazer coisas difíceis, a instruir ao aluno, por exemplo, a ser muito fera em matemática, sendo que o aluno é de humanas, os professores e a coordenação tem que entender isso. Nem todo mundo é bom em tudo, eu por exemplo, não sou em matemática. Eu acho que a pressão de você querer saber de tudo é o que faz muitas vezes você ter muitos problemas psicológicos. Eu já passei muitos dias querendo estudar pra matemática e eu tenho aquela coisa na minha cabeça, eu não vou aprender isso, porque se eu não aprender isso, eu não vou passar numa faculdade, e se eu não passar numa faculdade, talvez a minha mãe ou os meus pais não tenham orgulho de mim, é uma pressão muito grande aos alunos e, isso é o que faz, muitas vezes, eles terem muitos problemas psicológicos. A escola deveria entender, deveria compreender e deveria muitas vezes mudar, mudar o seu método de ensino, para algo que não fosse colocar tanta pressão nos alunos.

PESQUISADORA: Eu gostaria que cada um falasse do motivo de estarem na escola.

NETUNO: Sinceramente eu tô aqui, primeiro, porque eu quero dar orgulho aos meus pais (pausa), eu gosto de algumas matérias, mas se fosse pra vir todos os dias, eu não viria. Porque eu tenho uma matéria ou alguma área que eu goste mais, por exemplo, numa terça feira que é dia de matemática, física e química, eu só venho mesmo por vir, porque eu, não é uma área que eu goste de aprender e eu me sinto incompetente de aprender aquela área, uma pressão muito grande em cima de mim, então, as vezes eu me sinto melhor não aprender do que tentar aprender, porque eu coloco no meu psicológico que eu não vou aprender, porque eu não sou boa naquela área, eu só venho aqui pra poder ser alguém na vida, como dizem os meus pais a mim.

URANO: Quando você tá no segundo ano é exatamente tudo isso que você disse, literalmente. Mas quando você passa pro terceiro ano e já não é mais uma coisa, coisas que eu gosto ou coisas que eu não gosto, minha área, não minha área, você

TEM que aprender, não tem, eu não gosto, eu não sei não, você TEM que aprender, eu tô aqui por obrigação, eu tenho uma prova no final do ano e eu TENHO que passar, porque os meus pais pagaram três anos, três anos não, a vida inteira de escola particular, eles trabalham e dão duro pra me botar aqui, então eu TENHO que passar, é MINHA obrigação.

(várias vozes)

MARTE: Você tem obrigação de dar esse orgulho.

JÚPITER: Você passa a sua vida toda escutando (pausa), você estuda numa escola particular, eu passo o dia inteiro trabalhando pra te manter numa escola particular, você, sua obrigação é só estudar.

SATURNO: É desse jeito.

IURI: Não gosto, eu não gosto de pressão. Que eu acho que ninguém consegue lidar sob pressão, se eu venho pra escola é porque eu gosto, é porque eu querer fazer, eu não me sinto obrigado, e na necessidade de fazer, eu sei que eu preciso ser alguém, e eu quero ser alguém, mas eu não venho com a cabeça de que, eu preciso motivar alguém, eu preciso orgulhar meus pais, eu venho pra me completar, pra me satisfazer, eu não quero chegar num local que eu não me sinta a vontade a fazer o que eu não quero, eu quero chegar num local onde eu me sinta a vontade a fazer tudo que quiser e puder fazer, a poder mostrar do que eu sou capaz e do que eu posso.

SATURNO: Olha, eu quero muito, muito mesmo ser veterinária. Quero cursar medicina veterinária (risos), mas (pausa) devido meus problemas de saúde eu perdi coordenação motora, ééé, eu tive vários probleminhas, enfim, tô tentando voltar ao normal (pausa) mas, tipo, hoje mesmo eu escutei uma coisa da minha mãe, devido as faltas que eu tive esse ano, eu acho que já foi mais de vinte. “Se você não passar esse ano, você não estuda em escola particular” (pausa), aí você pensa, né, lasquei-me, aí você fica, tipo, pro resto da vida você fica com aquilo no pensamento, que se eu não passar, esse ano eu não estudo em escola particular, aí eu já fiquei anos em dependência e mesmo assim, eu estudei em escola particular, é tipo, você vive sendo ameaçada, mas tipo, mesmo acontecendo alguma coisa, você vai estudar em escola particular, mas você vive numa constante ameaça e isso te traumatiza, isso te deixa, tipo, sempre pra baixo, mas, cara, isso é horrível.

URANO: Mas o pior trauma não é quando vem dos nossos pais, é quando vem da gente mesmo. Um exemplo, tipo, esse ano, pra quem faz terceiro ano é

extremamente estressante (pausa), realmente. É estressante pra quem tá estudando, porque assim, éé, os meus pais eles notaram os meus níveis de estresse esse ano, aí eles tentaram conversar comigo, “olhe você não tem obrigação nenhuma de passar esse ano, estude pra passar na escola, se não der certo, você tenta próximo ano”, pressão zero. Só que, (pausa) e quando você não consegue deixar de fazer pressão em você mesma?! Quando, tipo, você se sobrecarrega tanto de aula pra não sobrar nenhum minuto do seu dia pra você fazer outra coisa, porque tinha dias na semana que eu tinha 16 hs de aula por dia, pegava daqui direto pro cursinho, do cursinho direto pra uma aula de reforço, então, tipo assim, éé, são, não tem justificativa, terceiro ano você tem que estudar mesmo.

NETUNO: Se no segundo você já tem uma pressão danada, imagina no terceiro, né?!

IURI: A sobrecarga não favorece em nada, eu acho, tipo, pela discordância de opiniões, eu acho que isso influencia um pouco por eu ser bolsista, aí, (pausa), eu não sinto a mesma pressão que vocês sentem, de o pai tá pagando, o pai tá tendo que, por causa que eu tô aqui por merecimento, mas eu não me sinto inferior se eu tivesse numa escola pública.

URANO: Mas talvez seja porque (nome do colega) você é um aluno muito bom, tipo, você tira notas excelentes. Só, que tipo assim, quem não tira notas boas, você sente a pressão que você tem...

SOL: Aaaa, tipo assim, as vezes, eles associam algo do rendimento a, influência dos pais, quer dizer nada, você pode ter um alto rendimento, esse menino aqui é inteligente oh, bota, bota tudo nele, que ele vai fazer alguma coisa. Sim, e quem não tem? Cê não vai fazer por onde eles terem também não? E muitas vezes, quem tem um alto rendimento, é por causa dos pais, porque a escola pressiona e quando chega em casa a única palavra que escuta do pai é: “oh, quero saber não, final do trimestre, o boletim aqui, se tiver um 7, você apanha”. (risos)

VÊNUS: O pior é que não é só o ensino médio, isso é desde quando a gente é pequeno que é essa pressão, nunca acabou essa pressão e talvez nunca acabe. Porque quando a gente entrar numa faculdade, ainda vai ter pressão. (várias vozes) Vivemos nossa vida sendo pressionados tanto pela escola, como pelos pais, enfim,

...

(várias vozes)

SATURNO: E tipo, vocês vivem só na pressão de escola, e eu que já tenho pressão de conta pra pagar, de isso e aquilo outro, e tal, meu amigo, minha vida é uma confusão, e tal.

JÚPITER: Mas quando você sente tanta pressão do início do, desde quando você entra na escola até o pré, que depois, quando chega no pré, você já se sente, você mesmo já se, já se cobra. E quando você termina, que você entra numa faculdade, a sua cobrança com você mesmo, triplica. Você tá ali se formando, formando sua profissão, você tem que ser o melhor, porque se você não for o melhor, você não vai ter um bom mercado de trabalho.

SATURNO: Mas eu, (pausa) eu tenho amigos que dizem que na faculdade parece que tudo some, assim, você já vai na vibe, assim, bem louca, que já, relaxa assim.

URANO: Agora, em questão de escola, ééé, não falo por todos os professores, mas eu falo por alguns, ééé, se você tiver disposto, eles vão ajudar (pausa). Éééé, um exemplo, eu tenho uma dificuldade imensa em matemática, tipo, (nome do professor de física) sempre teve, “ah, **URANO**, tá aqui meu número, se você tiver uma questão pode mandar pra mim que eu ajudo você a resolver”, agora, tipo assim, sei lá, acho que ele desistiu de mim. (risos)

NETUNO: Você meio eu desiste de você mesma, de perguntar, com vergonha coisas simples, tipo, (nome do professor de física), não sei multiplicar, você tem vergonha de dizer a ele que não sabe isso, porque ele pode encarar você...

VÊNUS: E quando o professor pergunta “todo mundo entendeu?” Aí todo mundo fica assim, com medo do que ele fala, com medo de dizer, “não, eu não entendi isso”. (várias vozes)

IURI: Não pode fazer isso gente, tipo, quando eu não entendo nada, inclusive humanas, história, eu peço pro professor repetir, não tenho porque ter vergonha ou se intimidar por causa dos outros, eu aprendi a lidar que, como todo mundo lida aqui com a individualidade, como todo mundo, meio que tem seu próprio grupo e tal, eu tento me reprimir ao máximo de padrões, me distanciar ao máximo, de ter que ter vergonha de perguntar alguma coisa, por causa que eu tô aqui pra estudar, então minha intensão aqui é estudar, então eu vou vim e vou estudar.

NETUNO: Mas aí, quando é o próprio professor, que, meio que , quando o próprio professor fala “nossa, mas você não sabe de algo tão simples, você era pra ter aprendido isso no 6º ano, no 7º ano”. Todo mundo tem as suas dificuldades de entender o ponto de vista de cada um é essencial, você não pode ignorar o aluno

porque ele não sabe multiplicar, porque não sabe... Ah você não sabe nada da primeira guerra mundial, cara...

VÊNUS: E nem eles sabem de tudo...

NETUNO: Exatamente!

MARTE: Chegar pra um professor de história, ele não vai saber de matemática, mas chegar pra um professor de português ele não vai saber matemática.

NETUNO: Mas ele ignora um aluno que não sabe coisas simples.

SOL: Eu não gosto de humanas. (vária vozes) Por mim, podia rebolar fora. (risos) Agora, tipo, exatas e natureza, praticamente eu não preciso estudar, pra prova, eu olho, bato o olho no livro 5 minutos, aí, se eu errar uma coisa, aí fala: “oh, não estudou, tá vendo, perdeu!” Não quer dizer que eu não estudei, porque não precisa acertar, eu não sou você que passou 5 anos, ou uma pessoa que pega na internet e tá lendo um livro agora, eu tô aí, eu erre, divisão ou qualquer conta matemática, eu faço de cabeça, rápido, se eu erro uma vírgula, aí fala, “oh, errou, é burro”, Porque? Você tira um zero numa prova e todo mundo vai te chamar de burro ou eu vou saber pelo menos entender 1% do que você não conseguiu entender.

IURI: Nota não define inteligência ou esforço.

NETUNO: E isso é um erro de muita gente, de muitos professores e da coordenação as vezes pensar assim.

URANO: Mas o segredo tá em você mesmo ser destemido, mas nem todo aluno é. Um exemplo, eu, tenho várias dificuldades, certo. Cê acha que eu me constranjo em perguntar? Eu pergunto mesmo. E se (pausa), piada na sala, porque tem assim, oh, você acha que eu me constranjo? Eu não. Porque, se eu tô, se eu tô com ... eu falo, meu Deus acho que eu falo mais que o professor na aula todinha e, tipo, aí, ah, já tá falando? Ai, vai dar ctrl-V ctrl-C na aula de história! Sim, se eu tenho dúvida, eu vou perguntar, não tô nem aí se você não quer perguntar, eu tenho dúvida, eu vou perguntar.

IURI: Ninguém sabe como é que você lida com cada pergunta, ninguém te entende. O que é mais fácil? Julgar.

URANO: E nem todos os alunos tem essa coragem de, tipo assim, de darem a cara a tapa pra escutar piada, nem todos os alunos são assim. E esses que não são assim, ficam como? Sem tirar as dúvidas?

IURI: “M.E.” ela não tem o mesmo emocional que você tem, não aguenta a mesma pressão que você aguenta. Ela levemente se altera com qualquer crítica de aluno,

mas ela passa pela mesma coisa que (**URANO**) quando tem coragem de perguntar e alguém critica por ser uma pergunta simples ou óbvia ou clara, porque retarda o conhecimento porque o professor tá dando um assunto e querem saber de outro e tal, mas que toda matéria tem que ser, tem que abranger todas as áreas.

JÚPITER: Tem um aluno lá na sala, (pausa) que, tipo assim, ele, tipo assim, ele queria, ele quer muito ter o conhecimento, mas ele tem uma vergonha de fazer qualquer pergunta que é uma coisa fora do normal e ele não consegue ter uma relação de amizade forte com alguém, não consegue, ele sempre acha que aquela pessoa vai criticar ele.

NETUNO: Eu também tenho muita dificuldade. Eu já perdi as contas de quantas vezes eu não entendi matemática ou física com vergonha de perguntar algo simples e eu acabo que me ferrando nas provas, porque justamente eu não saber, tipo, ah, eu não sei dividir alguma questão ou multiplicar, eu sinto vergonha de perguntar porque as pessoas vão ignorar a minha pessoa. E, tipo, como é que você vai fazer o ENEM se você não sabe fazer isso? Cara! E nem pergunta se você quer fazer o ENEM, mas já vai te instruir a fazer.

(várias vozes)

SOL: Eu já passei muito por isso por ser bom em algumas matérias e ruim em outras e, tipo, e chegavam pra mim, ah, tô com dúvida nessa questão, cê fez? Eu fiz. Quer ajuda? Quero. Aí, eu ia lá, e tentava ajudar a pessoa. Aí, chegava a matéria, eu ia pra mesma pessoa, aí perguntava, você conseguiu fazer? Ela, conseguiu. Você pode me ajudar? Você não é bom, então faça. Aí, eu: ah! foi mal. E outras vezes eu ia lá ajudava e perguntava: com licença, tô fazendo aqui, eu vim só pedir sua ajuda, vá pra lá. Eeee, porque ela teve vergonha de perguntar ao professor, e mesmo que você também tenha vergonha de perguntar se você entende, ela vai chegar pra você e falar: Ah! Eu não posso fazer nada, perguntei e tchau, obrigado.

IURI: Esse diálogo que a gente tá tendo aqui e a liberdade de expressão que a gente tá tendo aqui, eu acho que eu nunca vi na escola, ter uma prática desse jeito.

PESQUISADORA: O que vocês pensam das atividades de estudos realizadas pela escola?

SATURNO: Eu acho que, tipo assim, o “sem chamada”, vamos começar pelo “sem chamada”, é um aplicativo no celular que, tipo, às vezes obriga a você fazer a atividade porque tipo, eu, eu acho chato você fazer uma atividade pelo celular, eu

não gosto. Eu prefiro fazer no livro, a moda antiga. Porque cara, é horrível você fazer atividade pelo celular.

URANO: A escola, ela se esforça muito, se esforça ao máximo pra tipo, trazer coisas novas, pra vê se a gente se interessa e o interesse dos alunos, eu falo pela escola toda, é mínimo. Por exemplo, se você pegar as duas terceiras series e as pessoas que realmente tão estudando são pouquíssimas, então tipo, não é culpa da escola, ééé, atividades mal sucedidas, a gente tem que reconhecer que nem é todo mundo que quer.

IURI: O interesse tem que partir dos próprios alunos.

URANO: Pronto, o “sem chamadas” é tipo, tinha simulado direto, você não poderia abrir pelo computador, era um bom aplicativo que tinha aulas que você poderia assistir, mas tipo, o que os alunos fizeram? Ninguém deu valor.

IURI: De 9 alunos, de nós, quem aqui participa do “sem chamada”?

JÚPITER: Eu nem sabia que tinha isso.

MARTE: Tô sabendo disso agora.

SATURNO: Eu abri, mas eu achei horrível, assim, pra manusear e tipo, porque eu não gosto de mexer pelo celular, pra fazer atividade. Eu assisti às vídeo aulas eu pesquisei, eu gosto de fazer é, pesquisa, agora pra fazer atividade pelo celular eu acho horrível.

IURI: Tem prática na escola que é praticamente inúteis. Mas, ah uma controvérsia, tem outras que funcionam muito bem, como debates na sala. Eu acho que, só que ...

NETUNO: É justamente isso, eles não pedem a opinião do aluno, falta pedir, perguntar o que você acha mais aceitável para o aluno.

IURI: E quando dá a sua opinião, você ainda é julgado.

NETUNO: Exatamente.

JÚPITER: Mas isso é no segundo ano, porque no pré-, agente tem muito debate. Não tá tendo suficiente, mas a gente tá tendo.

Os debates sempre gera em, discussão, só que discussão sem argumento e construção nenhuma.

URANO: Eu gosto muito das aulas de (Nome da Professora de literatura), (várias vezes concordando) porque ela interage com o aluno diretamente, tipo,

IURI: Ela é professora de literatura, mas é mais professora de sociologia do que da própria disciplina.

URANO: Ela dá aula de artes, de tudo, ela traz uma imagem e manda a gente falar e começa uns assuntos de quem roubou, num sei o quê, sabe a aula que tipo, cativa, você pode ficar os horários tudinhos, só com a aula dela.

SATURNO: A aula de (Nome da Professora de literatura) é maravilhosa, mas na minha sala ela é totalmente desvalorizada, na última aula dela, ela só deu aula pra mim.

URANO: Pois na sala da gente não é assim, não.

(varias vozes)

MARTE: Tem vezes que ela fica sentada na cadeira dela e quem quer assistir aula fica ao redor dela, porque as outras pessoas ficam bagunçando. Não respeitam ela. Ela pede: gente, façam silêncio, vai ser uma aula legal. Ela traz coisas diferentes, mas muitas pessoas não se interessam.

(várias vozes)

IURI: Há professores que conseguem se inserir no meio social da aula e há outros polêmicos que discutem a opinião e que ... mais tem outros que ... por exemplo, tem alguns professores que praticamente ignora todo e qualquer aluno, problema ou discussão.

SOL: Dependendo da área, tipo, eles deviam fazer algo pra que o aluno fique melhor na área que goste, tipo, não que ele tenha que excluir as outras, porque ele sabe, a gente sabe que no terceiro ano o papo vai ser só: oh, o ENEM tá vindo aí, estuda aí. Aí, tipo, se você é bom numa área aí eles chegam pra você e vão focar em tudo, não precisa ser assim, eles podiam fazer, não falar projetos, mas atividades que estimulassem. Quem é ruim em matemática e tá estudando geométrica, usa o tangram, porque você vai ver que... Você vai construir uma figura e a partir dessa figura você com certeza, vai se interessar e falar aqui, oh, o que que tem dentro dela, o que envolve ela. E história, cê não faz um projeto e vc leva pra casa oh, pesquisa aí filhão, cê manda um projeto pra aquela pessoa, uma atividade naquela sala que vai envolver todo mundo, mesmo que seja, ééé, o assunto, não seja um pra todo mundo, seja, diversificado, você pegue um livro só, os 4 capítulos e peça pras pessoas estudarem e relacionarem eles ali, porque se você é bom em história, você vai despertar sua curiosidade, vai querer pesquisar, e você vai querer fazer mais por aquilo ali. Não você chegar e pegar um livro e abrir e falar assim, assim, assim oh.

IURI: Falta de dinâmica.

VÊNUS: Tipo assim, em questão da pergunta, é, eu queria responder que, tipo assim, eles passam, por exemplo, eles passam atividade aí, a agente vai e faz, aí tem questão que a gente não consegue resolver, aí a gente vai e mostra a ele, no lugar de tipo assim, ele tentar ajudar quando ele vai fazer a correção, ele tipo assim, diminui, porque a AV2 né tarefa, pega e diminui o ponto e não pergunta assim: ah, por que você não fez essa? Simplesmente acha que você não fez porque você tava colando de outro aluno, porque você num... teve preguiça e pega e tira ponto da sua AV2, simplesmente por você não ter aprendido.

NETUNO: Eu acho que eles não sabem valorizar o que a gente sabe.

IURI: Falta de diálogo.

NETUNO: Só querem fazer a gente a aprender, aprenda, aprenda, aprenda.
(várias vozes)

MARTE: Eles poderiam ajudar a gente até a gente escolher nossa profissão.

JÚPITER: Na área de história, matemática eles desenvolvessem aulas que estimulassem a gente a também, éé (pausa) ver o que queria, éé (pausa) alguma coisa relacionado a história, ou a matemática, ou a biologia, poderiam transformar as aulas em oficinas pra que a gente pudesse despertar isso na gente também.

VÊNUS: Eu tenho um pouco de dificuldade, assim, tipo, de interpretação de provas, eu acho que todo mundo tem um pouquinho, aí tem um professor (nome do professor de Geografia) que ele diz: você... Ele sabe do meu potencial, ele diz, quando ele começa a fazer pergunta oral, eu começo a responder e me empolgo, e falo aí ele diz: "você tem mais, você consegue se expressar mais oral do que escrito". Mas ele sabe que eu sei, num precisa eu tá escrevendo pra dizer o que eu sei, porque tem aluno que se empolga mais falando, sabe das coisas e quando chega no papel não consegue exalar o que você sabe.

URANO: Pronto, ano passado eu tive um problema com as minhas notas, muito grande e, foi assim que (nome da Psicopedagoga), comecei o acompanhamento com (nome da Psicopedagoga), ela veio me perguntar por que as minhas notas estavam desse jeito e, tipo, a minha avaliação ela levou tudo pra (nome da Coordenadora), e a minha avaliação era assim, a minha AV2 não só contava tanto as minhas atividades, mais a minha participação nas aulas, as minhas perguntas, os meus debates, quando eu sabia, o professor sabia que eu sabia, então eu não merecia uma nota baixíssima porque eu não tinha compreendido que a questão me

pedia, então eu acho que a forma de avaliação do aluno aqui nessa escola, deveria ser diferente.

IURI: O que a escola esta formando normalmente são alunos com conhecimento, porém instáveis e vazios, sem meio social, sem saber lidar com o mundo lá fora. Não tá formando nem cidadãos, nem futuros médicos, nem nada, por causa que a falta de diálogo com ética, porque foi uma das matérias que foi retirada da escola aqui já um tempo.

PESQUISADORA: O que vocês mais gostam na escola?

JÚPITER: A hora do lanche. (risos)

(várias vozes)

NETUNO: Eu acho que é muito bom a gente aprender algumas matérias, eu me sinto muito confortável com professores como (nome da professora de Literatura), (Nome da professora de química) eu acho que eles são professoras maravilhosas, é ótimo aprender com eles, mas acho que a gente vem aqui só pra se entreter com os amigos, pra ser bem sincera. (risos)

MARTE: Eu acho que a gente não vem pelas aulas e sim, pelos amigos que a gente tem.

IURI: Porque às vezes você vem pra escola você aproveita fala, conversa e quando você chega em casa você não agregou nada no seu conhecimento, porque não teve nada de construtivo.

NETUNO: Quem nunca falou: Ah, eu só vou pra escola se você for, se você não for eu falto também? (risos)

IURI: Isso acaba sendo por uma pressão social.

NETUNO: Exatamente.

IURI: Porque se você não se sente inserido ou com um amigo, ou com alguém do seu lado, você não se sente confortável a aprender a absorver conhecimento, por causa que se você tá desconfortável, você não vai gostar do local que você tá.

NETUNO: Exatamente.

IURI: É o que a maioria dos alunos lidam com a escola.

SOL: Tipo, (pausa) a questão para a aula que eu mais gosto, só natureza e exatas, porque é o que me interessa. Agora, não que eu não preste atenção nas outras, porque tipo, sociologia, (nome do professor de história), toda vida que ele chega na sala, ele bota um assunto e começa a perguntar e a falar, isso acaba gerando ...

SATURNO: Eu gosto do horário vago. (risos)

VÊNUS: Eu acho assim, que fora o horário vago o que nós gostamos mais mesmo, é quando tem a aula que nós se identifica.

SATURNO: É.

MARTE: É.

VÊNUS: A área que a gente gosta, que o professor tá explicando nossa área, o que nós queremos pra vida a gente, ah, é uma maravilha.

SATURNO: Biologia.

JÚPITER: Os dois horários que eu mais gosto é da aula de (nome da professor de literatura) e a hora de ir embora.

URANO: Agora, assim, eu não sei se é por que, eu sei lá, porque esse ano eu mudei muito o meu conceito sobre porquê eu tô na escola, esse ano, assim, eu não sei se aconteceu com todo mundo, mas aconteceu comigo, a gente tem que parar de ser infantil.

VÊNUS: É verdade.

URANO: É, gente, a gente tem que passar no ENEM, a gente tem que gostar de estudar, a gente tem que estudar, é a nossa responsabilidade. Como a gente quando crescer vai ter que pagar nossas contas, como a gente vai ter responsabilidade com o nosso marido, com os nossos filhos, com nossos pais, nós temos que ter reponsabilidade com nós mesmos e com nosso futuro. Se você não quer estudar e você quer ser mãe, tudo bem, a escola não é sua prioridade, mas se sua prioridade é entrar numa faculdade, você tem que ser maduro o suficiente pra reconhecer que o papel da escola é ensinar e você aprender.

IURI: Não só, não só única e exclusivamente esse, mas o foco que a escola dar é o conhecimento.

JÚPITER: Tipo assim, na vida você não vai fazer só o que você gosta, vai ter muitas coisas na sua vida que você vai fazer sem gostar, vai cuidar de uma casa. Você vai ter que morar numa casa e você não vai deixar sua casa virar um... lixão.

(várias vozes)

VÊNUS: Eu acho que se os pais e a escola escutasse mais os alunos, participasse mais da vida dele e não ficasse é, botando pressão neles né, e eu acho que eles teria mais gosto pelo estudo.

SATURNO: Pronto, minha mãe ela, ela quer muito que eu faça gastronomia e eu não quero fazer gastronomia.

JÚPITER: Porque, tipo assim, se você, se agente sempre for pensar assim: ah, mais a escola teria que ver meu lado, os meus pais teriam que ver meu lado. Gente, a gente é muito folgado. Serio. Na real. Adolescente é muito folgado, a gente ia se montar e ia achar que a vida boa ia ser a que nossos pais tavam dando pro resto das nossa vida. E muitos dos nossos pais eles dizem: estudem que você vai ter uma vida melhor. Porque eles passaram pelas mesmas coisas e os que não estudaram eles ralaram pra ter o que dar a gente e os que estudaram já viu o quanto é difícil mas que você precisa disso pra não ter uma história de vida mais complicada.

VÊNUS: Eu ia dizer na outra pergunta e acabou, eu acabei não dizendo, eu acho que, tipo assim, certo que até uma certa idade nós não sabemos o que queremos, nós devemos estudar todas as áreas, mas depois de um tempo, cada um já sabe o que quer, por que a gente tem que terminar o ensino médio ainda aprendendo as mesmas coisas, que muitas coisas que estão no ensino médio é, fruto do que a gente já aprendeu no ensino anterior, pra podermos fazer o ENEM, pra podermos entrar no que a gente quer, se nós já, tipo, acho muito errado quando, por exemplo, é, questões que não é a escola, mas tipo assim, é, se uma pessoa com 16 anos já pode votar, por que ela não pode decidir o que ela quer no estudo, por que ela já num pode decidir é, não pode arcar com o seu erro, isso não entra na minha cabeça.

IURI: Cada adolescente, cada contexto social interfere no que o aluno pode escolher e no que pode fazer da vida dele. A escola dá uma oportunidade de liberdade, a escola dá uma oportunidade de você abranger todas as áreas, pra você ter uma ampla, a sociedade, por exemplo, porque meu pai é tal eu vou fazer só humanas na escola, porque eu quero me formar em tal coisa que nem meu pai. Você sofreu uma influencia do seu pai e não necessariamente é o que você vai gostar quando chegar lá, você vai ver uma realidade totalmente diferente. (pausa) Tem pessoas que não tem a cabeça totalmente formada, pra poder decidir, mesmo com a idade de 16 anos, 17 tem não sabe, estar indeciso, e, é um direito de cada um saber o que ainda e procurar saber, privar do direito de todo conhecimento que abrange todas as áreas é, pra mim, muito errado.

JÚPITER: Eu, acho que essa reforma que tão querendo fazer no ensino médio, eu acho errado, porque você tem tanto conhecimento de mundo e conhecimento de mundo tá sendo muito pouco e, se já tá sendo pouco agora, imagina quando tirar, quais são as matérias? Sociologia, geografia e história. Gente, vai, tod tem consciência o mundo vai ficar...

URANO: Agora assim, eu acho que falta realidade, falta realidade na maioria dos alunos, tá, você não concorda com o ENEM, você não concorda que, certo, eu quero a parte de biomedicina sei lá, tá, pra que eu vou estudar exatas, se eu não quero isso, você vai se submeter a uma prova, você tem que aceitar, você não vai mudar isso, você tem que estudar pra passar, se você quiser entrar numa faculdade. Ficar questionando e, aí por que tem uma prova, aí, ... Tem a prova. Você vai ter que passar, infelizmente é assim.

NETUNO: É como se fosse uma obrigação.

(várias vozes: é uma obrigação.)

O professor de história, que não sabe fazer contas, fazer cálculos ou qualquer coisa, por causa que matemática é essencial, não tem como simplesmente anular. Todo mundo tem, pode não gostar, sempre na obrigação de poder fazer, mas sabe e tem consciência de que aquilo é essencial. A matemática básica todo mundo precisa.

VÊNUS: Na prova do ENEM que cada um fizesse mais, tipo assim, por exemplo, eu quero medicina, então eu vou fazer as áreas que incluem medicina, você quer outra coisa. Então, se cada um estudasse o que realmente, claro que a gente deve aprender algumas coisas de matemática, mas não tudo, como por exemplo, matriz, pra que serve uma matriz, se a gente num vai usar.

JÚPITER: Mas quando você começa a ver no seu dia a dia, você vê que tudo aquilo ali você vai precisar no seu dia a dia. Tudo, tudo.

(várias vozes)

IURI: No terceiro ano, você tem um choque de realidade.

SOL: Me passou pela cabeça agora, aquela frase: você é do tamanho do seu sonho. Não obrigatoriamente a escola, alguém que fala que você tem que ser outra coisa e a escola ela tá ali justamente pra tentar fazer você resgatar seu sonho, mas devido a ela pensar que alguém botou na sua cabeça, não necessariamente os pais. Você vê alguma coisa, você quer ser medico e você ve que já tem medico demais e que tá faltando construir hospital, você vai lá, e o que, eu quero ser engenheiro agora.

PESQUISADORA: O que vocês pensam de vocês como estudantes?

JÚPITER: Eu me acho um pouco relapsa e, (pausa) uma perspectiva mínima de faculdade pra esse ano, sem ser particular.

NETUNO: Eu tenho uma perspectiva mínima de passar numa faculdade, serio, não me sinto uma boa aluna, por mais que eu tente aprender.

VÊNUS: Eu me acho esforçada e eu quero e sou bem determinada, eu quero, eu vou conseguir, eu vou entrar em medicina, se Deus quiser próximo ano e, mesmo que me custe é, que eu perca né, várias, que eu enlouqueça, porque tem gente que diz que enlouquece, eu vou conseguir.

JÚPITER: Mas cuidado pra você não se decepcionar viu, porque dizer “eu vou passar o próximo ano” é muita coisa. Agora você dizer assim, “eu vou passar...”

VÊNUS: Porque eu tô tentando esse ano, o ano passado e os outros anos que eu tô me esforçando. Porque quem me conhece realmente dentro de sala de aula, você não escuta nem uma palavra minha, a não ser quando é pra uma pergunta, tem muitas pessoas que na minha sala são realmente muito infantis e não tão nem aí com a vida, mas isso não é o meu caso.

JÚPITER: Não eu sei, eu tô falando na questão de tipo, eu vou passar o próximo ano, você pode afetar o seu próprio psicológico, se cobrando assim.

URANO: A gente sabe exatamente como é isso. Você tá certa. Eu não estudei 1º e 2º ano, eu admito, mas eu juro como eu tentei o máximo esse ano, pra recuperar tudo que eu não fiz nos outros. Só que quando você chega no 3º ano, quando você chega no 3º ano, você, não tem como você não se sentir impotente, você vai se sentir impotente.

NETUNO: No 2º eu já me sinto assim.

URANO: Você vai fazer: meu Deus será que eu vou passar? A pressão é enorme. Eu acho que se eu tivesse como me definir esse ano seria cansada.

IURI: Isso tem influencia social

(Varias vozes)

VÊNUS: Você deixar tudo pra cima da hora é mais complicado do que você já há anos querendo uma coisa e tentando e aprendendo , do que você deixar tudo pra cima da hora, claro que você não vai conseguir, é muito conhecimento em um só ano, mas uma coisa que você vem se preparando é mais difícil.

IURI: Eu venho me esforçando no ensino médio pra poder fazer o que eu quero.

NETUNO: Você já sabe o curso que você quer fazer?

Eu tenho na cabeça, mas eu sei que vou escolher outro quando chegar, eu ainda tenho várias escolhas pra fazer, só que, uma certeza que eu tenho, é que vou tirar uma boa nota, pra poder eu escolher, pra eu poder ter a liberdade de escolher o que eu quero, por causa que eu sei que até lá eu vou saber o que quero e, vou agir. Eu vou ter o foco, eu vou falar, eu vou conseguir passar, porque eu preciso ter isso na

cabeça, eu preciso ser forte pra ter coragem e ter que falar isso, eu sei das consequências de que se eu não conseguir passar, o que acontece? Eu tento, eu faço, eu me esforço mais, por causa que se eu não passei foi porque eu não me esforcei direito, então, isso foi consequência minha, tanto como é consequência minha falar, eu vou passar. Porque muita gente não tem coragem de fazer isso.

VÊNUS: É, (pausa) eu acho que desde o primeiro ano que se eu tiver isso a alguma festa foi umas quatro, viu (risos). Até o São João desse ano eu não fui, estudando. Eu, ano passado, que, (nome da professora de redação), eu estudava no (outra escola), (nome da professora de redação), era professora de lá e sempre ela corrigiu, aqui pelo que eu sei, no primeiro ano não é muita correção como é corrigido no segundo ano terceiro ano, mas lá é, desde a 1º série. E, a minha nota só variava de duzentos, quatrocentos, trezentos. No ENEM, eu fiz ano passado, só chegou a quatrocentos e, esse ano eu já subi pra seiscentos e cinquenta e eu quero bater daqui pro final do ano os setecentos, é minha meta, pra chegar no próximo ano ter que bater os mil, faltando pouco e não uma pessoa que saiu dos quatrocentos em um ano quer chegar aos mil. É muita coisa.

URANO: Mas peraí, que é uma observação muito importante sobre o que você disse. Desculpa, é... eu desde o primeiro ano eu tirava trezentos e oitenta, sempre. E... depende do seu querer, porque eu tiro oitocentos e quarenta, oitocentos e oitenta, já tirei um novecentos numa redação, então tipo, tudo depende do seu querer. Se você quiser, você consegue.

VÊNUS: As vezes tem pessoas que conseguem é... ter mais facilidade com a área de redação, ou de português, ou outras, isso é fato, por isso que pessoas que não tem esse Q.I. elevado, em algumas áreas, tem que ralar.

SOL: No começo do ano eu chegava a estudar 7 a 8 horas por dia, a pessoa tá no segundo ano, com 16 anos, cê se sentar numa mesa e ficar sentado lendo de 7 a 8 horas é muita coisa. Redação, ixii... ano passado eu comecei porque... comecei mal, porque no oitavo ano o professor que a gente tinha, ixiii... ele era... ele chegava aqui...aí, oh... cê mostrava a redação pra ele, ruim... dava 700 a você, aí eu pensei... “minha redação, tá boa”. Cheguei no primeiro ano, aí fiz a primeira redação, tirei 380, na segunda 420, e esse ano bati a meta dos 760, e tô subindo. Porque ano passado, chegava a 900, 1000, porque... Esse ano, humanas eu ainda sou ruim, mas eu tô conseguindo dominar, mas esse ano vou focar em português e redação.

Eu passava de 2 a 3 horas por dia vendo vídeo de redação e praticando redação e como fazer as técnicas e a estrutura do texto.

IURI: Estudar é essencial, mas todo mundo sabe que é chato.

RISOS...

PESQUISADORA: Quando vocês pensam no futuro o que vocês imaginam?

SATURNO: Eu num zoológico.

IURI: Eu em paris.

NETUNO: A minha perspectiva pra o futuro é estar formada, de bem com a vida. Mas a gente sabe que não é a realidade, né.

IURI: Eu não espero o máximo, tipo, porque as pessoas... todo mundo tem uma utopia, um sonho e... a realidade. Então, todo mundo quer esperar o máximo que você pode dar, só que tem que saber o que você tá fazendo pra poder conseguir isso.

NETUNO: Se você perguntar o que a gente quer, todo mundo aqui quer tá rico, em Paris.

RISOS...

JÚPITER: Eu quero estar estável.

NETUNO: Ter a minha própria independência, ter o meu dinheiro ali.

URANO: Ter um país politicamente mais estável também, né.

NETUNO: Eu quero me formar como um ser humano melhor. Ter uma estabilidade financeira boa, mas eu pretendo evoluir com meu caráter, eu acho que eu tenho certas atitudes que eu não concordo comigo mesma, mas eu acabo me impulsionando a fazer. Eu acho que... duas metas, poder ser um ser humano melhor do que eu sou hoje e ter uma estabilidade financeira muito boa, ser independente, comprar o que eu quero.

IURI: Fora o sonho de querer se tornar realidade de ser rico e ter dinheiro e tal... eu acho que todo mundo quer uma sociedade melhor, com respeito. Porque não adianta você querer só dinheiro, dinheiro e ver o mundo todo em desordem, a sociedade tá sem respeito, sem intolerância.

NETUNO: Eu acho, que talvez, atos mais humanitários. Eu acho que a gente vive em tantos conflitos, aqui no Brasil, desde de políticas ao desmatamento da floresta amazônica, as vezes a gente olha e a gente em que mundo a gente vai parar, com tanta coisa ruim. Eu desejaria pra o mundo mais amor, e pra mim uma estabilidade financeira muito boa.

SATURNO: Eu me imagino formada em medicina veterinária e em um petshop pequenininho mesmo.

SOL: Eu quero engenharia mecânica. Eu gosto muito de medicina, mas engenharia... oh, o cara com uma folha e um lápis ele projetou isso daqui, um carro que vai de 0(zero) a 100(cem) em 3(três) segundos, isso é interessante, você vê um negócio daquele.

SATURNO: Eu quero muito ser veterinária e ser mãe. Todo mundo sabe que desde criança gosto muito de animais e de crianças.

URANO: Eu acho que... eu ainda tô em dúvidas nos cursos, não sei se é fisioterapia, não sei se é nutrição, ou enfermagem, mas eu quero tá formada, não sei se eu quero ter filhos, talvez sim, talvez não, também não sei se eu quero casar, é... não é uma coisa que é obrigação minha na vida, e... quero tá estável financeiramente, cuidar dos meus pais quando eles estiverem idosos, faço questão de cuidar pessoalmente, nada de pagar a outra pessoa e, ser um ser humano melhor, eu tento todo dia, melhorar minha atitudes, ser mais tolerante e ser menos preconceituosa.

NETUNO: Eu acho que a prioridade da minha vida é está estável financeiramente, casamento não é prioridade pra mim.

PESQUISADORA: Vocês acreditam que a escola tem contribuído para tudo isso que vocês me falaram?

IURI: Eu acho que sim. Cada influência diz que cidadão você vai ser, cada influência age no que você quer melhorar ou no que você acha melhor.

NETUNO: Eu acho que era pra o colégio ouvir mais os alunos, assim como você tá fazendo agora. Eles ouvem mais os pais e os pais não falam o que nós achamos do colégio. Eles só querem ouvir dos pais. Com você, a gente pode se abrir, falar o que quiser e com eles a gente não pode. Ah, se eu falar isso talvez eles fiquem chateados ou não gostem. Seria muito mais legal, se por exemplo, sentasse com a diretora e perguntasse pra gente o que você acha melhor na escola, você tá achando o método do ensino legal, o que a gente pode fazer pra melhorar. Mas eles não perguntam a gente.

URANO: A escola até tenta, com aquele negócio de líder de classe, só que tipo assim, mas cadê que a escola chama o conselho de classe pra perguntar o que a classe tá achando da escola, eles não perguntam nunca.

SOL: Seria bom também, que não só a escola procurasse o aluno quando ele fosse novato pra saber o que ele tá achando da escola, por que não faz com os mais velhos, se o aluno chegou agora, ele não tem como ter uma opinião formada do que ele acha da escola, isso só no futuro. Eles podiam reformular os horários pra que os alunos pudessem participar de outras atividades na escola. Na escola tem natação, robótica, física, música, e, não tem pra o ensino médio, você tem que procurar um horário a tarde e pagar por isso aí. A escola podia fazer um horário na semana, pra fazer com que cada sala, pra os alunos poderem se inscrever em um projeto desse. O aluno que passa o tempo todinho na sala de aula, ele saísse fosse pra outro lugar e fazer um negocio que ele gosta. Por exemplo, quem gosta de música, tipo, uma vez na semana saísse pra uma sala de música, tocar, cantar. Quem gosta de robótica sairia pra fazer um projeto, que vai pra natação já trazia as coisas e ia treinar. Tem muita gente que não tem acesso e quer fazer.

NETUNO: A ideia seria maravilhosa!

IURI: Comparando a outra instituição, é... o IFRN, dá uma liberdade, dá uma disponibilidade que é sobrenatural. É... uma escola de pessoas simples, de caráter, que não ligam pros outros e não julgam. Há muitas práticas, todas as horas há muitas práticas, todos os meses têm, focando para ética, respeito, solidariedade, tudo. Aulas extracurriculares de graça, com música, tudo, e disponível para todos, que dá mais ênfase a vontade de ir pra escola, vontade de querer estudar.

NETUNO: Eles moldam os alunos a serem seres humanos que possam contribuir positivamente para a sociedade, sabe!. Eu acho que falta isso aqui, moldar alunos. Não moldar, tipo, “você vai ser o que eu quero ser”, mas moldar no sentido do caráter, do respeito ao próximo, mas precisa moldar alunos a ser seres humanos melhores.

IURI: Não pode pensar, “eu vou formar alunos pra passar no ENEM”, só que a gente também tem que ver que a escola é uma empresa, a escola precisa gerar lucro, a escola tem que manter toda a escola, os funcionários, se não os professores não viriam praqui só por gratidão, eles também querem receber, e... gera toda aquela história de concorrência com outras escolas, é... qualificação, ENEM, índice de aprovação, eles focam tudo em engrandecer o nome da escola e enquanto quantos alunos que se formam são esquecidos

MARTE: Com certeza.

JÚPITER: Nenhum pai iria colocar você em uma escola relapsa, que ela é, tipo, “você vai pra o ENEM se você quiser”, “você que decide”, nenhum pai iria colocar você numa escola assim, por isso que ela sempre tá procurando o melhor em aprovação pro ENEM, incentivando você fazer o ENEM.

VÊNUS: é isso que os pais querem.

NETUNO: Pra ser bem sincera, no meu ponto de vista, mas eu acho que o colégio esta mais preocupado com a reputação da escola, do que com os próprios alunos.

JÚPITER: Porque é isso daí que os pais querem.

NETUNO: Mas aí que tá o erro. Não é a reputação, é pra o aluno aprender o que não sabe. Dá ao aluno a liberdade de não se sentir preso e de ter a pressão justamente que vocês da 3 serie tem.

URANO: Mas vocês estão falando de uma escola pública, aqui é uma empresa. A irmã, a diretora dessa escola particular, ela tem que montar a imagem da escola, pra pais procurarem a escola, pros seus filhos estudarem e gerar renda. Na escola pública é diferente, não tem essa necessidade de montar a imagem da escola, eles recebem dinheiro do Estado pra estarem trabalhando.

NETUNO: Mas é justamente o que eu falei, isso não é o problema, o problema é quando você ultrapassa o limite dos alunos apenas para a reputação.

IURI: É.

NETUNO: Marketing não é o problema, a reputação não é o problema, o problema é quando isso se torna algo unitário, apenas isso.

URANO: Não, eu também concordo com você. Eu também acho isso errado, mas é a realidade, é fato. A gente não pode fazer muita coisa pra mudar, além de a gente conversar com a irmã e ela poder saber que a gente tá se sentindo assim, porque eu acho que ela não sabe...

ALGUNS: ou sabe...

ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL, REALIZADO EM 02 DE NOVEMBRO DE 2017, NA ESCOLA SISTEMA SOLAR.

Entrevistadora: Que importância à escola tem para a vida de vocês?

JÚPITER: Ela prepara a gente para o futuro, a gente não aprende só português, matemática, mas agente aprende lições de vida.

VÊNUS: A lidar com as pessoas também.

JÚPITER: O estudo, a formação, o respeito...

SOL: Ela vai aperfeiçoar a pessoa como ser humano. Você chega aqui um coisa, aí você vai aprender valores pra você ser uma pessoa melhor. Não digo, não, de uma pessoa ser melhor que... algumas pessoas podem entender como se fosse uma pessoa ruim, tipo, uma pessoa imoral, de caráter, com hombridade.

MARTE: Ensina a gente também a... a lidar com as pessoas que são diferentes da gente. É... por exemplo, pessoas que não sejam da mesma cor, que não acreditam na mesma religião e, isso... a escola nos proporciona é... vivenciar isso né, éééé, aceitar o outro do jeito que ele é, e mostrar que... não é, não é só ... mas a vida também é feita de muitas coisas...

SATURNO: É como se fosse um estágio pra entrar na sociedade. Você convive com um grupo de pessoas que, que depois você vai é... vê assim, que com elas você vai aprendendo eeeee, quando chegar realmente no mundo, você não vai sentir tanta dificuldade, porque você já tem uma certa base.

Entrevistadora: Quais são os seus sonhos ?

(Todos sorriram)

JÚPITER: Me formar e ser mãe. Rsrrsr. Construir uma família.

SATURNO: O meu é curar minha doença né, câncer, eeee, também ter uma família eee me formar.

VÊNUS: Me formar, ter uma família e viajar muito, rrsrsrrs.

MARTE: Isso é o que a maioria quer né! A gente sempre sonha em tá na escola, sair da escola vai se formar, e outras pessoas que não gostam... e

SATURNO: Não apenas se formar, mas no que quer, no que gosta. Trabalhar de uma forma feliz no que faz, gostando do que faz.

SOL: Pra mim é se formar, claro. Você crescer financeiramente, socialmente e individualmente como ser humano. Ter primeiramente uma vida sustentável, onde

você consiga se manter, pra ajudar, talvez, seus pais, ou pessoas que mais precisem, eeee...aí... depois daí, pensar em ter uma família.

Entrevistadora: O que pretende está fazendo daqui a três anos?

Todos: na faculdade. (gargalhadas...)

SATURNO: Trabalhando também.

JÚPITER: Não, eu quero estar só estudando, morando com painho e mainha, por enquanto (risos).

SATURNO: Pretendo tá morando na minha casa (risos).

SOL: Cursando engenharia.

SATURNO: E meu medicina veterinária.

VÊNUS: Medicina

MARTE: Pretendo está fazendo enfermagem.

JÚPITER: Odonto.

Entrevistadora: E daqui a cinco anos?

Todos: estar formada(o).

VÊNUS: Trabalhando, quem sabe, já né.

SOL: Terminando a faculdade.

VÊNUS: Me especializando em alguma área de medicina.

SATURNO: Eu também pretendo tá formada, tá atuando na área, e providenciando métodos pra poder engravidar, porque não é fácil (emocionada)

VÊNUS: Eu também quero tá estagiando.

Entrevistadora: Que oportunidade, na vida, vocês gostariam de ter?

VÊNUS: Entrar na faculdade. Também poder exercer o que você gosta, né. Fazer o que você gosta.

JÚPITER: Depois que eu me formar, passar no concurso do Exército.

VÊNUS: A primeira oportunidade que eu quero é entrar na faculdade, a segunda oportunidade é arranjar um emprego.

SOL: Trabalhar num emprego fixo, num emprego que eu quero, na vaga que eu queira, pode ser público ou privado, você tendo um emprego fix, você se sustentando, não sendo escravo, você, sei lá... eu tenho trabalho, eu consigo viver. Eu não vou dizer que eu não vou crescer, vou trabalhar, viajar, mas primeiro você tem que seguir do básico, lá de baixo pra poder subir.

VÊNUS: Sonhar todo mundo sonha, mas tem que correr atrás dos sonhos.

Entrevistadora: Qual é a chave da felicidade para vocês?

JÚPITER: Minha família.

É a minha realização, tipo, eu me realizo, porque eu faço somente o que eu gosto e não faço nada contra a minha vontade. Então, minha vontade me realiza.

SOL: Assim, pra mim tem que ser algo simples, no caso, quando eu consigo uma coisa que eu quero, quando eu realizo uma coisa que eu quero, tendo a ajuda de alguém ou não.

VÊNUS: Eu acho que pra mim, o ponto chave da minha felicidade vai ser quando eu conseguir alcançar meu objetivo e provar pra mim mesma que sou capaz e pra quem duvidou de mim, aí, isso daí, vai ser o ponto chave da pra eu encontrar a felicidade. Enquanto você tá duvidando de se mesmo, e, as pessoas estão também, você nunca é feliz.

SATURNO: Eu não digo família, porque eu não tenho a.... Assim, minha família é grande, mas eu não tenho... sei lá... é tipo grupinho mesmo. E até meus pais... eu não moro mais com meus pais.

MARTE: Então a nossa felicidade depende da gente.

Entrevistadora: Vocês falaram dos sonhos daqui a 3, 5 anos, mas gostaria que vocês me dissessem qual o papel da escola para que vocês venham alcançar esse sonho?

MARTE: A formação.

SATURNO: A formação como pessoa e até como...

JÚPITER: Os valores.

VÊNUS: Eu acho que o ensino e tipo assim, alguns professores que também apoia, dá incentivo, que motiva, que acredita na pessoa.

MARTE: E que sempre tá ali, dizendo que a gente pode também, que como eles conseguiram, a gente também vai conseguir. E, quando a gente acha, ah... - eu vou desistir porque não tá dando. Aí, o professor vai lá: - não, você consegue, lute mais um pouquinho que você vai conseguir.

VÊNUS: Aquela motivação que vem da parte de todo mundo, dos professores, dos outros funcionários, que chegam pra gente e diz que a gente vai conseguir.

MARTE: É isso daí que mais motiva também.

Regis, ele diz assim: que o homem ele é do tamanho do seu sonho. Eu acho muito linda, essa frase, que ele sempre fala.

SATURNO: Pronto, eu pensei em parar de estudar esse ano, por causa que eu tava faltando muito e tava com medo de reprovar, né. Mas Erica sempre dizia: não, você

vai conseguir, tente vir o máximo de vezes pra escola. E, eu tentava vir, mas quando eu não conseguia mais ficar, eu ia embora, ela entendia meu jeito de ser e apoiava, porque ela sabia que eu ia precisar disso. E, eu sou grata a ela, porque se não fosse ela, eu teria desistido.

JÚPITER: Os valores, desde o princípio, que você aprende na escola, a convivência com outras pessoas, aprende a lidar com as diferenças, vê que o seu problema nunca é o máximo, sempre tem alguém com um problema maior que o seu. Você tem que aprender a lidar com essas coisas.

VÊNUS: É muito satisfatório quando é, tem pessoas que não acreditam em você, mas os professores estão ali todo dia com você, acredita em você e fica te incentivando e dizendo que você vai conseguir, tenha calma, paciência, estude.

SOL: Ela focaliza você. Você chega aqui uma coisa e, você vai pegar pessoas que já passaram por algo que você vai passar, já sofreram o que tinha que sofrer, entre aspas, e eles vão falar assim: oh, você tem que fazer isso daqui. Agora que a gente tem acesso com facilidade, eles vão só facilitar o caminho, basta a pessoas decidir qual caminho vai querer.

MARTE: Porque eles já passaram por tudo que a gente tá passando, né. Então, eles sempre estão incentivando a gente.

Entrevistadora: Vocês estão falando muito em valores, então, vocês estão afirmando que a escola é importante porque nela existem as relações sociais.

E o que vocês acham dos conteúdos?

JÚPITER: Não deixa de ser importante, mas eles são menos que os valores. Mas eles fazem ... se não tiver vai fazer falta, porque é a base pra faculdade, pra... até mesmo situação do dia a dia.

VÊNUS: É, que você vai debater um assunto com uma pessoas, se você não tiver o conhecimento, você não expõe sua opinião. Quer dizer que você vai expor uma opinião sem você saber do... da... do que se trata.

SOL: Também do sistema de ensino, do livro. Que trazem conteúdos que a gente vê, eles não vão cair no ENEM, aí os professores, já começa a dizer pra pular esse conteúdo. E alguns quando eles, eles mesmo vêm que o conteúdo, ele, mesmo com o livro todo, ele não cai na prova que você vai fazer, enem, eles já trazem o material extra, por fora. Eles falam pra gente não ser meros absorvedores do livro, eles falam: cês busquem em outras fontes, que a internet tá aí pra isso.

SATURNO: E também a escola é importante pra saber essa parte, porque ninguém aprende sozinho. É, desde criança, você aprende quando seus pais ensinam a falar, você vai aprendendo. Do mesmo jeito você tem que aprender os conteúdos que são coisas importantes pra vida, pro cotidiano e, principalmente pra entrar na faculdade.

VÊNUS: Ultimamente, várias pessoas vêm debater com o livro, aí tipo, quando você sabe mais ou menos o que já estudou assim, no livro, você consegue debater melhor com a pessoa que tá olhando assim, só pela televisão ou só pelo que as pessoas dizem. Porque todo mundo que hoje a mídia ela é... influencia uma realidade que não é realmente verdade. Já o livro, fala o que realmente acontece, eu acredito assim. Já a mídia, faz com que a sociedade acredite no que ela quer que a sociedade acredite. Eu acho fundamental você saber de um assunto, pelo livro, pra poder debater.

SOL: Eu gosto de, as vezes, ler notícias. Um dia desses, eu tava lendo notícia numa revista, e eu vi que a gente tava vendo o assunto no livro, aí eu peguei o livro pra ver, aí, o assunto deles, como são professores que escrevem, são pessoas que já tem opinião formada, eles tem uma posição diferente do que tá no livro. O livro tem que ser imparcial, e aí pesquisando a história também, e a história era muito diferente do que eles falaram, porque eles falaram com uma posição deles, quando você olha o conteúdo, você vai abrir o seu pensamento, a sua opinião pra talvez, interpretar a situação.

VÊNUS: Aconteceu isso, várias vezes comigo. De uma pessoa dizer uma coisa e, eu ir pesquisar e achar uma coisa totalmente diferente, porque aquela pessoa dá a opinião dela daquele assunto, na verdade você pode ter outras opiniões do assunto.

Entrevistadora: Vocês acham que a escola faz o papel de refletirem acerca do futuro de vocês?

Todos: Faz.

SATURNO: Querendo ou não, é... tipo assim, quando você termina o terceiro ano, você tem, querendo ou não, que pensar numa faculdade e tipo, até pela influencia dos outros. Todo mundo quer entrar numa faculdade. Por exemplo, tem um ou dois que não queiram, mas acabam pensando nisso, porque varias pessoas ao seu redor só falam nisso.

Entrevistadora: Qual é o papel da escola para essas perspectivas que vocês mencionaram?

SATURNO: É o ensino, a aprendizagem que faz com que a gente possa alcançar nossos objetivos. Entrar numa faculdade. A convivência com outras pessoas, você formar uma família e entender a família, sabendo que cada um tem suas diferenças.

JÚPITER: Ela influencia na base do ser humano. Ela forma o ser humano, ela não forma... além de formar o profissional, ela também forma o ser humano. E, quando ela forma o profissional, ela forma um profissional competente, forma um profissional que tem hora pra chegar e pra sair, um profissional que tem responsabilidade, porque você pode ser o patrão, mas se você não tiver... não cumprir seus horários, seus funcionários vão dizer: ah, se meu patrão faz, porque eu não posso fazer. Além de ser um patrão irresponsável, vai ensinar os seus funcionários a serem irresponsáveis também.

SOL: As matérias que você tem, elas já estão lá pra direcionar você pra alguma coisa, mesmo que você vá seguir uma área, por exemplo, exatas, se tem uma matéria de humanas que vai ensinar a você a como reagir a uma situação, como pensar, como entender uma certa história e aplicar na sua realidade e você consegue interagir melhor e que pra o seu futuro, mesmo que você não use isso na faculdade, você vai usar isso no futuro quando tiver trabalhando, porque você não vai trabalhar só pra você, você vai trabalhar pra varias pessoas. Seu serviço, você vai ser oferecido pra varias pessoas, então, eu acho que cada área de conhecimento que você aprende aqui, vai ser útil lá na frente.

VÊNUS: Por exemplo, se eu não entender nada de geografia e alguém me perguntar de geografia, eu não vou saber, porque eu não sou da área de geografia. Então, isso serve até pra comunicação, pra relacionar.

ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL, REALIZADO EM 05 DE JANEIRO DE 2018, NA ESCOLA SISTEMA SOLAR.

Pesquisadora: Que Adolescentes são vocês? Como se vêm? E para o futuro, como pensam?

JÚPITER: Eu me considero uma adolescente um tanto madura e um tanto imatura... me constitui com os ensinamentos aprendidos em casa e logo após vem a escola. Pro futuro... sempre buscando uma perspectiva melhor de vida, um jeito melhor, um estudo melhor, engraçado... de verdade... de cabeça (pausa) no mercado de trabalho, com currículo pesado, com uma grande quantidade de aprendizagem.

URANO: Eu me vejo uma adolescente dedicada, íntegra, humilde. Me constitui atrás de muito esforço e dedicação dos meus pais para me dar um futuro promissor... e para o meu futuro, quero ingressar na universidade no ano 2019 em odontologia.

MARTE: Eu me considero uma adolescente determina a lutar e conseguir o que desejo. Eu me vejo do jeito que eu almejava ser quando criança, hoje eu me sinto mais forte e confiante. A minha constituição foi sobre regras que me ajudaram a ser quem sou hoje e me fazer ser uma pessoa melhor a cada dia. E para o futuro eu desejo ser melhor, alcançar novos sonhos e ser próspera em todas as áreas da minha vida.

MERCURIO: É... difícil ver e ter uma própria visão de que tipo de adolescente eu sou, mas eu tento respeitar todos, inclusive meus pais, família, porque acredito muito na ética e no caráter de uma pessoa, no que o ódio é capaz de fazer e tento me abolir do preconceito de qualquer coisa. Eu tento que todos tenham os mesmos direitos e como adolescente eu almejo crescer e mostrar mudança.

VÊNUS: É... eu sou uma adolescente que gosta de coisas diferentes, sou sonhadora. Sonho em conseguir entrar na faculdade e me formar e ter uma vida estável. Quero viajar, conhecer o mundo. Sou esforçada na escola, não troco um dia de estudo pra ir a uma festa, pois vejo muito o futuro sei que se eu me reservar agora, amanhã serei recompensada. Sou um pouco confusa em relação as minhas escolhas, acho que não é beeeem confusa, acho que é... insegura. E isso me atrapalha em algumas escolhas de algumas coisas, principalmente em questão de prova. É... as vezes eu sei de um assunto, mas a minha insegurança me atrapalha, sou muito carinhosa e as vezes muito estressada também, (risos)... sou dedicada, se eu me dedicar a algo é pra valer, não gosto de desistir fácil, não desisto fácil, eu tenho opinião própria, é meio impossível alguém fazer minha cabeça, eu

sempre quero saber mais. Essas curiosidades foram esclarecidas, claro com minha família com a leitura em livros, me tornei uma pessoa melhor, aprendi varias coisas. Acredito que estou preparada ou me preparando pra aprender mais, porque todo conhecimento é bem vindo.

TERRA: Eu me vejo como um adolescente que busca estudar e principalmente aprender coisas novas, além de ter sonhos assim como os outros. Me constituí muito bem com os valores dados pelos meus pais e além de uma boa base educacional. Bom, para o futuro eu penso em seguir uma profissão, em ter uma família e principalmente que meus sonhos se realizem.

MERCURIO: Como me vejo... não é me gabando, mas é porque a capacidade do esforço que eu tenho, que eu tive pra poder chegar onde tô e poder conquistar o que eu conquistei, sendo a bolsa no Sistema Solar é... eu me vejo como um aluno esforçado, como um adolescente produtivo que não vegeta e não foge das responsabilidades.

SOL: É... Não me considero, meio que um adolescente fora dos padrões, sou normal como todo mundo, não no quesito físico, mas tanto psicológico como histórico também, até tive uma infância boa, meus pais me ensinaram os valores, como ética, moral, o respeito que eles querem passar e... Eu não me vejo... Eu não me vejo como alguém superior a outras coisas assim... E acho que para o futuro, não vou falar que eu me vejo bem sucedido... Porque além do futuro ser incerto, primeiramente eu sou aquele que gosta de dá um passo de cada vez, então pra mim é melhor você responder... Eu me vejo, praticamente, caminhando ainda, como se na minha própria caminhada pudesse ter uma própria avaliação de mim mesmo.

MERCURIO: E...eu me constitui desde a minha infância com a educação boa, com princípios de respeito, de humildade, de caráter e ética, coisa que eu construí pra mim só, porque eu não tive um tão bom exemplo da minha mãe, como eu também não tive um tão bom exemplo do meu pai, é... e eles são separados desde que eu tinha uns dois anos, então eu não tive uma presença paterna dentro de casa, não que isso tenha influenciado em alguma coisa em mim, mas que é consequência do social, meu... minha educação foi diferente da que alguém que tem um pai presente e tudo mais, mas eu não vejo isso como prejuízo ou como algo que me afeta hoje em dia, como eu cresci e formei minhas ideias sobre a sociedade, a vida, sobre mim e tudo mais.

SATURNO: Eu fui criada, pelos meus pais e eles são muito conservadores e meus pais já tem uma certa idade e... mas eles sempre me apoiaram em tudo que eu

queria fazer eles sabia... eles me ensinaram o que é certo e errado em tudo que eu queria fazer sendo certo, eles me apoiavam e agradeço muito à eles por isso.

Minha expectativa pra o futuro é estudar mais pra que eu possa entrar numa faculdade, me formar e atuar na área que eu quero, que é medicina veterinária.

Pesquisadora: O que gostam de fazer? E o que gostam de fazer no momento de lazer?

SOL: Tipo assim, eu não tenho muita preferência do que fazer, tanto como, quando eu tô estudando, assim (pausa), claro que quando eu tô estudando é pra priorizar os estudos, mas no momento de lazer é... geralmente eu vou ler um livro, que eu não gostava, mas aprendi que... aprendi a gostar, descobri que a pessoa se torna mais crítico, você se torna uma pessoa melhor, você consegue distinguir o essencial de algo que não tem valor pra você e gosto de ficar escutando música e de vez em quando saio com os colegas pra fazer alguma coisa, mas fora o momento de lazer, o que eu gosto de fazer, geralmente, é ficar no computador, pesquisando, lendo alguma coisa e estudando.

JÚPITER: Eu gosto de deitar, conversar, descansar, gosto de me divertir com meus amigos. Nos momentos de lazer eu gosto de ficar com a família.

MARTE: Como todo adolescente eu gosto de olhar redes sociais, interagir com meus amigos e familiares. No momento de lazer eu gosto sempre de sair também com meus amigos, me divertir, seja em uma praça, uma piscina ou em uma roda para conversar com as pessoas que me fazem bem.

MERCURIO: Eu gosto de ler, assistir, praticar esporte e curtir com meus amigos, zoar, brincar, conversar, diálogo mesmo... eu não sou muito de ficar no celular, mas eu gosto de jogar muito no celular, tanto x-box, quanto aparelhos eletrônicos. Gosto de assistir filmes, coisas do mundo geek e quando eu tenho um momento de lazer, eu gosto de sair, eu gosto de viajar, ver coisas novas, de andar, de sair da rotina e de dormir.

URANO: Gosto de ir ao cinema e ir a igreja.

SATURNO: Eu gosto de, na verdade (pausa), eu gosto de cuidar dos meus animais, gosto de organizar minhas coisas, sou uma pessoa que tem o TOC, então eu sou muito organizada e eu sempre procuro pesquisar mais sobre animais, e tal, já que eu quero seguir na área de medicina, eu gosto de cuidar deles, eu tenho vários.

TERRA: Eu gosto principalmente de estudar, me divertir, sair com quem eu gosto, assistir, jogar. No momento de lazer é sempre bom viajar e principalmente dormir.

VÊNUS: Eu gosto de viajar, ouvir música, gosto muito de dormir (risos), é... vou a festa, mas eu não gosto muito não.

Pesquisadora: Qual a formação dos seus pais? Em que eles trabalham?

JÚPITER: Minha mãe é técnica em enfermagem e meu pai presta serviço em seus caminhões pra cerâmica ou fretes.

MERCURIO: Minha mãe tem o ensino médio incompleto, ela trabalha de empregada doméstica e meu pai tem o ensino médio completo e trabalha de soldador... ou algum cargo assim.

SATURNO: Meu pai é analfabeto, nunca foi pra nenhuma escola e minha mãe é dona de casa, mas ela chegou a frequentar acho que até o 6º/9º ano, por aí, 6º/7º ano quer dizer.

URANO: Minha mãe é professora e meu pai é técnico em radiologia.

TERRA: Minha mãe é formada em pedagogia e meu pai só tem o ensino médio completo. Minha mãe atualmente é secretária em uma escola e meu pai é agricultor.

SATURNO: Meu pai sustenta a casa, ele é aposentado, trabalhava no Departamento de Obras Contra as Secas, o DENOCS, e sempre eu acompanhava ele nos trabalhos, achava bem legal o trabalho dele também. Ele era motorista, então ele sempre viajava, passava as semanas fora e tal, mas isso no primeiro casamento dele. Hoje, quando ele casou... que meu pai é viúvo do primeiro casamento, mas quando ele casou com minha mãe é... eu tenho lembrança dele passando um ou dois dias fora de casa, viajando. E... sempre foram pessoas maravilhosas comigo.

SOL: Minha mãe, ela é formada em Letras e ela dá aula a noite, na escola, na cidade onde eu moro, além de ela trabalhar na loja, ela tem uma loja de aviamentos, onde ela vende as coisas, variedades e meu pai, ele começou Zootecnia, depois largou e foi pra Direito, largou e hoje ele tem uma loja de material de construção.

MARTE: Meu pai é auxiliar em Enfermagem e minha mãe é técnica em Enfermagem. Minha mãe trabalha no posto de saúde como técnica em Enfermagem. Meu pai trabalha como consultor de vendas da sky.

VÊNUS: Minha mãe é comerciante e o meu pai é funcionário público.

Pesquisadora: O que vocês costumam ler?

JÚPITER: É... ler livros, de preferência mitologia grega ou ciência fictícia.

TERRA: Gosto muito de ler na internet notícias sobre futebol, atualidades e tecnologia. Porém, não gosto muito de ler livros.

MERCURIO: Eu gosto de ler sagas, livros de ação, livros de ficção científica, desse meio... eu não sou muito puxado pro... pra literatura, eu gosto mais de coisa fantasiosa, coisa que me faz imaginar, que desperta a criatividade.

MARTE: Notícias sobre o que está acontecendo no estado, e gosto muito de ler e pesquisar sobre a profissão que eu almejo que é a Enfermagem, o amor por essa profissão vem de família.

SOL: Eu não tenho muita definição do que eu vou ler. Eu gosto de ler romance, gosto de ler ficção, eu acho que eu sou bem eclético quanto a isso. Geralmente eu leio mais livros de ficção, porque como adolescente e por usar muito computador, gosto muito de tecnologia é um assunto que me prende. Por exemplo, no momento eu estou lendo Dan Brown, livro Fortaleza Digital, mas eu leio muito livro sobre filosofia, é (pausa), ajuda a ter um pensamento sobre certas coisas. É como se fosse uma, uma base pra um assunto que você queira discorrer com certas pessoas ou com certo grupo de amigos. Além de que, alguns livro, eu leio simplesmente por gostar, como, é, livro sobre, não sei bem como falar, mas são livros geralmente de comedia, acho bem legal também ´pra descontrair. Mas a maioria que leio é de ficção.

SATURNO: Eu gosto muito de ler sobre anatomia, tanto animal quanto humana. Gosto de ler sobre astros tipo, constelação, essas coisas, cosmos, essas coisas, enfim, e gosto também... Na verdade eu não gosto de ler livro tipo, romances e essas coisas, gosto de fazer pesquisa e ler as pesquisas que eu faço. Eu gosto de pesquisar e aprender cada vez mais conteúdos que não ensinam na escola e que eu gosto.

URANO: Meu material didático.

VÊNUS: Eu gosto de ler livros de ficção, de romance e... eu gosto de ler um pouco de tudo, eu não gosto de comédia, livros de comédia não, nem de filme de comédia eu gosto.

Pesquisadora: Como se sentem tratados pela sociedade? E pela família?

MERCURIO: Eu me sinto tratado pela sociedade com mais respeito, atualmente. Acho que, como quase todo aluno já sofreu bullying ou algum tipo de chacota ou piada, por ser diferente ou por não seguir um padrão, o que infelizmente é normal já ter passado por isso, mas hoje em dia eu consegui um ciclo social estável, onde tem pessoas que me respeitam e

são gente boa. A sociedade hoje em dia eu não tenho mais tanto medo como eu tinha antes, de me socializar, me envolver e tudo mais.

TERRA: Eu me sinto bem tratado onde eu convivo, seja na sociedade ou na família.

JÚPITER: Pela sociedade...(pausa) geralmente somos reféns, temos que... a gente não pode mudar, a gente tem que se adaptar a sociedade, a gente tem que se incluir. Eu me sinto refém e ao mesmo tempo eu me sinto abraçada. Pelos meus pais me sinto protegida e muito bem educada.

VÊNUS: Eu não gosto muito de expor minhas opiniões, pois algumas delas podem ser vistas pela sociedade como não sendo certa e pode acabar meio que sendo preconceituoso por isso, não gosto de discutir, expor pra... a sociedade não aceita muito a opinião dos outros e acha que a sua está certa. Muitos não entendem meu pensamento, por isso prefiro evitar, acho que sou vista como estranha, sei lá, pois a sociedade tem medo do que é estranho pra ela, entendeu? Tipo, se as pessoas acham alguns pensamentos dos outros estranhos e acabam sendo preconceituosos, porque acham que sempre estão certos. É meio complicado falar minha opinião... não gosto muito não.

URANO: Me sinto oprimida pela sociedade capitalista, na qual o poder e lucro é entronizado. Pela minha família, me sinto amada.

MERCURIO: Eu sou muito bem tratado pela minha família. Na minha família há muito respeito, diversão, descontração, não tem nada pesado ou sério, não são caretas ou rigorosos demais, eles dão a liberdade essencial que preciso pra mim formar como pessoa e sabem impor regras, se importam comigo e a maioria dos meus familiares se importam comigo e estão bem presentes no dia a dia, sabem como eu ando, toda família costuma ficar bem perto.

SATURNO: Eu me sinto julgada, sim porque muita gente julga porque eu casei cedo, que eu não vou conseguir fazer uma faculdade, minha vida acabou assim: ser dona de casa e ter vários filhos, não! Na verdade, eu nem penso em ter filhos tão cedo, porque eu quero realizar meus sonhos primeiro e filhos, eles não só atrapalham como me impediriam de fazer alguma coisa.

MARTE: Me sinto bem tratada, as pessoas ao meu redor sempre me tratam bem. Apesar dos conflitos normais de cada família eu me sinto bem e amada por todos.

SOL: Tratado pela sociedade... pra mim é uma pergunta que na minha cabeça, ela tem uma resposta com via dupla, porque... via dupla não, várias vias... porque você... quando você fala em sociedade, você fala de vários grupos, então cada

grupo, ele tem uma maneira de vê certos indivíduos de outra forma. Então, pelo meu grupo de amigos que é... que é um certo grupo na sociedade, eu sou bem tratado as vezes, mas as vezes eles tiram onda, gostam de brincadeiras como todo jovem gosta, então, simplesmente eu entro na brincadeira e claro, se não gostar, não preciso chingar, simplesmente falo que não gosto e se continuarem simplesmente me retiro. É um tratamento normal, mas na maioria das vezes me respeitam. Claro, eles sabem que respeito todo mundo e, pela família (pausa) eu sou bem tratado, eu não tenho contato muito direto com a própria família, porque eu não vejo muito minha mãe, ela passa o dia fora e nem meu pai, do mesmo jeito. Então, sendo assim, eu não tenho muita indiferença quanto a se sou mal tratado ou se sou, se estou sendo tratado como deveria. De certa forma, a pessoa às vezes pretende... se sente triste e quer ser tratado assim... não tenho problema com isso, até porque boa parte, esse tratamento, ele que me ajuda a fazer as coisas, ele que me impulsiona.

Pesquisadora: O que gostam de fazer e fazem?

JÚPITER: Assistir filmes com conteúdos que me atraiam e viajar.

MARTE: Vendas, eu gosto muito da parte de vendas.

URANO: Ir à igreja.

VÊNUS: Eu gosto de treinar, por isso faço musculação.

SOL: As coisas que eu mais gosto de fazer, que eu faço geralmente... não tem uma lista pra falar se são duas, três, mas eu gosto muito de escutar música, por exemplo, pra mim é algo que... além de relaxar, melhora alguma coisa, me faz sentir mais animado, controla o humor, ajuda. É, adoro jogar basquete, também por causa da altura, já fui muito incentivado por isso e até porque, a maioria dos meus colegas estão lá e faz bem tanto pra saúde física como mental e ajuda a fazer novas amizades, além de programar, claro que pretendo seguir carreira com programação, no futuro, então eu já começo vendo aulas e pratico sozinho no próprio computador.

MERCURIO: Tudo que eu gosto de fazer e tenho a oportunidade ou é, as condições pra poder fazer eu faço. Porque eu não vejo o que eu gosto de fazer como, tipo... alguma coisa ilícita ou prejudicial a alguém. Tudo que eu gosto de fazer não envolve maldade. Eu gosto de viajar, assistir muita serie (pausa), ler, incrivelmente estudar, eu também fico admirado um pouco, por eu gostar de estudar, eu me sinto bem sabendo das coisas, saber que tem... que participo de uma parcela que sabe um pouco mais, que procura um pouco mais. É... tudo que eu tenho oportunidade de fazer, que eu gosto, eu faço. Acho que é isso. Não são

tantas as coisas, costumo ser bem simples com coisas que eu gosto. Ah! E comer e dormir muito!

SATURNO: No momento eu ajudo minha mãe em casa, mas realmente eu gosto de ajudar meu pai com animais. Ele cria carneiros e essas coisas, por enquanto eu estou só com um gato, eu tinha uma hamster e ela veio a falecer. Eu sempre gostei de criar vários animais ao mesmo tempo e gosto de treiná-los pra fazerem alguma coisa.

TERRA: Estudar, sair pra me divertir, jogar, assistir, dormir, viajar e principalmente de está com minha família.

Pesquisadora: O que não gostam de fazer e fazem?

MERCURIO: Eu acho que essa questão é uma das mais difíceis. Uma coisa que eu não goste e mesma assim faça... Porque eu não costumo fazer nada que eu não goste. Porque, hipocrisia é uma das coisas que mais tem na sociedade de hoje e eu fujo, tento fugir o máximo desse tipo de estilo de vida, de gente. Mas o que eu não gosto de fazer, o que eu não gosto e faço é às vezes, me calar quando eu posso exigir mais direito, mais liberdade, quando eu me calo na frente de um preconceito velado, por ser da família, se uma brincadeira disfarçada, ser uma censura disfarçada de opinião e eu não agir em meio a isso, eu não me impor, eu me isentar. Me isentar das coisas, é uma das coisas que mais odeio, tanto de política, de sociedade. Eu tenho que ter uma opinião e isso eu trabalho muito. Eu tenho que participar! Eu tenho que ter uma opinião porque minha atuação na sociedade também é importante.

JÚPITER: Tarefas domésticas é o que eu faço mas não sempre é... não sei ... ter que obedecer a alguém por ainda não ser de maior.

MARTE: Serviços domésticos (risos).

URANO: Acordar cedo.

VÊNUS: São poucas coisas, pois quando eu não gosto de uma coisa, eu não faço. Muito difícil eu fazer. Apenas faço uma coisa obrigada que... é estudar algumas matérias mais aprofundado como matemática. Eu não tenho vocação, nem gosto. Eu acho... que pessoas que não gostam de uma matéria, não... mesmo que estejam ainda na escola, não deveria ver aquela matéria aprofundadamente, como o ENEM exige e outros cursos aí exigem que você é... saiba muitas coisas aprofundadas sobre matérias que você não tem vocação, então... isso, eu não acho certo e tipo, faço obrigatória mesmo, entendeu?!

TERRA: Não gosto muito de ir para a escola todo dia, pois é cansativo e torna-se chato.

SATURNO: Eu não gosto muito de fazer atividades domésticas, arrumar casa, lavar a louça, mas é uma coisa que se não fizer, ninguém faz, então, tem que fazer.

SOL: Acho que, o que eu não gosto de fazer e faço, é claro eu estudo, eu não gosto. Nossa, eu nunca ouvi alguém falar “eu gosto de estudar”. Eu sei... eu não gosto de fazer, mas eu faço, claro, tenho a consciência que é necessário... é como se fosse um bem importante, pra você adquirir conhecimento, não que seja a única forma de você adquirir conhecimento seja estudando, mas... até porque eu convivo num local que as pessoas, na escola, onde a gente tá lá pra estudar e adquirir conhecimento daquela maneira, mas é... de certa forma é bom, mas na minha cabeça eu não gosto, porque eu tenho um certo preconceito com isso, até por causa da idade, mas muitas coisas eu não gosto, coisas básicas, também bestas, tipo, ajudar na casa, pode até ser besta, mas eu não gosto de fazer, mas eu faço, por questão de... eu tenho essa consciência que eu não gosto, mais por causa da preguiça, mas eu tenho que fazer, se eu tô lá e vejo que só tem uma pessoa fazendo um serviço que era pra ser meu, devido a algo que eu fiz e deixei lá, eu tenho que ajudar, eu tenho que fazer também.

Pesquisadora: O que gostam de fazer e não fazem?

MERCURIO: Geralmente são coisas que eu não tenho oportunidade ou condições de fazer. Porque tem muitas coisas que pessoas querem impor por ser o padrão ou padrão de riqueza ou padrão de beleza, muita coisa que a pessoa gosta, mas não faz, não tem oportunidade. Em média, o que eu gosto, mas não faço é vaidade. Uma coisa que eu não acho tão ruim por não querer me encaixar em nenhum padrão, por querer ser quem sou. Eu gosto de fazer, mas não faço é algo que em mim eu gosto, eu quero, mas tenho uma recusa, e... entre outras coisas, como... é... ostentar, tipo, não ostentar de mostrar na sociedade, ostentar de ter muita coisa, de ambição, o gostar de ter as coisas.

JÚPITER: Sair sem rumo, conhecendo algumas coisas, sozinha.

SOL: Ixi... o que eu gosto de fazer e o que eu não faço? ... Acho que é meio difícil de responder essa, porque geralmente o que eu gosto de fazer se me for licito, eu faço. A maioria das coisas são, mas tipo, eu gosto muito de sair com os colegas, mas na maioria das vezes eu não vou. Não é pela questão do estudo, as vezes é, mas também pela questão de privação dos pais, que é ... foi o modo como me criaram e eles não deixam eu sair, mas acho que é... sair com os colegas

praticamente e, praticamente que eu lembre agora, só isso, que é... eu me sinto privado de tal forma, como se eu não pudesse sair, não pudesse fazer nada, tivesse que sempre... mesmo que eu seja obrigado a obedecer, claro que eu sou, eu tivesse que seguir a regra deles, como... como se eu nunca fosse sair dali, como se fosse ficar preso a eles, isso é algo que me incomoda, as vezes.

MARTE: Dirigir, porque não tenho carteira pra nadar por onde eu quiser.

URANO: viajar.

TERRA: Acho que tudo que eu gosto de fazer eu faço.

VÊNUS: Eu gosto muito de viajar, mas não faço frequentemente porque sempre estou ocupada, estudando, ou a questão também da grana, ou não tenho tempo, até porque a escola ocupa muito meu tempo então.

SATURNO: Eu gosto de me aventurar, conhecer lugares novos e tal, mas ultimamente, as condições não estão muito boas, então não estou realizando esse sonho, digamos. Eu gosto muito de viajar, gosto de aventura, no momento eu to só em casa mesmo, só estudando, ajudando aqui e também a procura de emprego também, né?!

Pesquisadora: O que não gostam de fazer e não fazem?

MERCURIO: Questão fácil: hipocrisia, preconceito. Eu não gosto e não consigo entender porquê... eu não tenho a cabeça de alguém preconceituoso, não consigo entender a cabeça de um preconceituoso, porque eu não consigo me colocar no lugar dessa pessoa, não consigo. Queria entender o porquê dessa pessoa não aceitar ou não respeitar ou não querer que a pessoa seja feliz, seja com sua estética, com sua cor, orientação sexual, com tudo, com suas escolhas. Se não tá afetando e fazendo mal a ninguém, se não tá machucando ninguém deixa a pessoa ser feliz. Não gosto de pessoa que faz isso e eu não faço porque eu tento respeitar ao máximo todo mundo. Eu sempre fui muito pacifista, muito recuso, muito não participativo, eu sempre fui de respeitar e de tentar entender a todos. Eu não gosto de preconceito e não faço.

VÊNUS: Não gosto muito de tá em grupos com muita gente e não me vejo obrigada a tá. Então, por isso muitas vezes eu não fico e também tem outras coisas que eu não me vejo obrigada, por isso eu não faço. Porque tipo assim, na maioria das vezes você é obrigada a fazer as coisas então, é muito difícil você fazer uma coisa se você é obrigado, entendeu?

JÚPITER: É... distratar pessoas, ser incompreensível e me envolver, me engajar em assuntos políticos, eu não gosto.

SATURNO: Eu acho que o que eu não gosto de fazer e não faço é...não sei dizer agora, não faço a mínima ideia.

SOL: O que eu não gosto e o que eu não faço...ixiiii... muitas das vezes isso não tem... eu não tenho uma resposta pra isso porque geralmente o que eu não gosto é porque, é algo que alguém me sugeriu pra fazer, que eu vou ser obrigado a fazer de uma maneira ou não, mas acho que o que eu não gosto e não faço se relaciona com a outra pergunta respondida anteriormente, mas nesse caso vai ser meio facultativo, porque o que eu não gosto e o que eu não faço depende do... depende do momento, porque tem vezes que eu não gosto, mas eu tenho que fazer e tem vezes que eu não gosto e não quero e não vou fazer.

TERRA: Eu sei que as poucas coisas que eu não gosto eu tenho que fazer, pois é necessário.

URANO: Andar de bicicleta.

MARTE: Andar a cavalo.

Pesquisadora: Qual escola vocês desejam?

SOL: A escola que eu quero é simplesmente um lugar que eu vá lá pra aprender, que pare com aquela besteira de uma se achar melhor que outra, não por causa das series, claro, e... onde você possa ser livre pra expressar sua opinião e quem sabe dar novas ideias simplesmente, um lugar que você possa se sentir, não como em casa, mesmo que você pense assim, ache que seja assim, mas... é... você consiga se sentir bem lá, o essencial pra qualquer coisa na vida que eu tenho na minha cabeça é, se você tá se sentindo e você consegue crescer, tá beleza pra você, esse é o lugar, é o caminho, só vai.

MARTE: uma escola onde todos sejam tratados de forma igual, que seja um lugar onde nós possamos nos descobrir como pessoa.

JÚPITER: Uma escola que vice mais o lado do aluno, que procurasse entender, que não exigisse dele, não exigisse do aluno só as notas porque as notas não... basicamente elas não fazem o aluno inteligente ou não, ela faz o aluno competidor que isso é bom pra o mercado, mas... é... em alguns alunos atingem de outra forma e uma escola com mais igualdade.

VÊNUS: Eu queria uma escola mais aberta em ajudar os alunos, não queria ser obrigada a ver matérias que eu não me encaixo, aprofundada como os outros que gostam, queria que a escola não fosse tão sobrecarregada, queria ter mais tempo, porque a escola, eu vejo que ela exige muito da pessoa, dependendo da escola e do grau.

TERRA: Assim como eu acho, todo mundo sonha com uma escola mais atrativa aos olhos do estudante e principalmente uma escola mais adaptada às deficiências dos outros.

MERCURIO: Eu queria uma escola com mais respeito, mais interação dos coordenadores, diretores e coisas para o aluno. Sob toda interação social entre os alunos quanto de mestre e estudandos. É... a elite, a elitização que tem na escola é muito evidente, a chacota, o bullying, o preconceito, a diferença de classe, a diferença de opiniões, a diferença de religiões são muito... são muito diferentes. Distinguisse de tudo. Tem a reclusa dos alunos que são minoria, tem a exclusão dos alunos que não pensam igual, tem a exclusão dos alunos que não querem ser topper ou padrãozinho que vive de status, que muitos alunos vivem disso, são só adolescentes, mas é o pico, é o ápice de toda a ostentação, de toda a exclusão, de todo início de preconceito, de toda anomia social. Eu acho que isso é uma denominação certa, anomia e a alienação que tem na escola. Pessoas alienadas a achar que ser daquele jeito, ser padrão, ser top, ser de status é o certo e é mais fácil de conviver. É triste eu ter que escutar de amigos meus, “eu sei que você não é assim e você força ser assim”, e é triste tanto dar esse conselho, tanto falar essa verdade, quanto escutar a resposta de que é mais fácil conviver na escola fingindo ser padrão, tentando ser padrão, falando a língua deles, porque você entra num grupo social, num maior grupo social, você tenta ampliar seu social. Eu vejo uma distinção enorme entre alunos até de uma mesma classe. Grupinhos feitos estatizados. Além desse interno, que é de caráter e ética, tem a relação entre coordenadores e alunos que também é meio duvidosa. Por vezes, parecer ser preferencial, de alguns alunos com alguns coordenadores, de alguns alunos com alguns professores, os chamados “baba ovo” ou até mesmo os coordenadores que só se importam ou só conhecem ou só falam com esses alunos geralmente que são elitizados, não tem tanto uma presença professor-aluno na escola, não mostrar ter uma interação tão grande é só dar o conteúdo, se vire e continua. Os professores normalmente só dão assuntos pra quem realmente quer aprender, quer entender, pra quem realmente quer assistir aula, pra quem vai lá pra frente, poucos professores são os que param a aula pra chamar toda a atenção da sala pra poder dar o assunto, como se achasse que a responsabilidade do aluno entender fosse dele, poucos professores fazem isso, porque há professores que não se importam, eles dão e tá dado, tá tudo pronto e não importa mais nada. Tem muita coisa pra mudar na escola. A escola que eu almejo pro futuro é uma escola mais normalizada, mais equilibrada, mais respeito, menos distinção social. Claro que sempre vai existir um maior ampliamiento de ideias, de respeito e convivência, de entendimento por parte dos alunos e uma maior interação de afeto e dedicação a sua profissão para professores, coordenadores e afins, assim como mesmo com a diretora. Parar de tratar a escola como uma coisa de propaganda, eu sei que é uma empresa, mas isso tá muito estampado, tá muito como se os

alunos fossem um produto, onde eles pudessem usar a imagem do aluno pra poder se vangloriar ou se acrescentar mais e de repente não ligar mais para o aluno depois, não se importar ou não ter ligado pra ele em todo o desenvolvimento durante o ensino médio, no meu caso, o que é muito chato de se ver na escola. Vê alunos serem excluídos, alunos se auto excluírem, alunos se alienarem e acharem que aquilo é o certo. Uma maior interação, uma maior convivência, um conjunto toda, uma comunidade aonde todos se vem que uns precisam dos outros, porque você passa um ano inteiro vendo todas as manhas às mesmas pessoas, pela manhã, tarde, noite, independente do turno, são as mesmas pessoas que você sempre vê elas e por vezes você nem conhece ou nem fala, simplesmente ignora, exclui e não se importa... individualidade, eu espero pra uma escola menos individualizada e uma ensino mais abrangente.

SATURNO: Eu quero uma escola que aceite a todos igualmente e que tenha como suprir todas as necessidades de seus alunos, tipo, pessoas deficientes, que tenham atividades que complementem suas deficiências e que todos desenvolvam juntos é... pra que não haja exclusão, não fique, a escola separada em grupos e sim todos por um e um por todos.